



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CONCEIÇÃO DE COITÉ -DEDC XIV
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE -
MPED

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA GORDIANO

**O ENSINO DA GEOGRAFIA POTENCIALIZADO PELA LITERATURA BAIANA:
(DES)LEITURAS E APRENDIZAGENS SOBRE IMAGENS DE CAMPO E CIDADE
NA BAHIA NO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ LEITÃO, EM SANTALUZ, SERTÕES
BAIANO**

CONCEIÇÃO DO COITÉ
2022

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA GORDIANO

**O ENSINO DA GEOGRAFIA POTENCIALIZADO PELA LITERATURA BAIANA:
(DES)LEITURAS E APRENDIZAGENS SOBRE IMAGENS DE CAMPO E CIDADE
NA BAHIA NO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ LEITÃO, EM SANTALUZ, SERTÕES
BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação - Campus XIV, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade. Linha de Pesquisa 01 - Formação, Linguagens e Identidades.

Orientação: Prof. Dr. Adriano Eysen Rego

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Gordiano, Maria Aparecida de Oliveira

O ensino da geografia potencializado pela literatura baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade na Bahia no Colégio Estadual José leitão, em Santaluz, sertões baiano / Maria Aparecida de Oliveira Gordiano. – Conceição do Coité, 2022.

207 f.:il. 30cm.

Orientadora: Prof. Dr. Adriano Eysen Rego

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia Departamento de Educação – Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

Contém anexos e apêndices

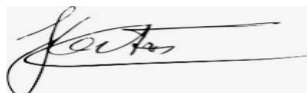
FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada O ENSINO DA GEOGRAFIA POTENCIALIZADO PELA LITERATURA BAIANA: (DES)LEITURAS E APRENDIZAGENS SOBRE IMAGENS DE CAMPO E CIDADE NA BAHIA NO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ LEITÃO, EM SANTALUZ, SERTÕES BAIANO, de autoria de MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA GORDIANO, sob orientação do Professor Dr. Adriano Eysen Rego, defendida aos membros da banca examinadora e ao Colegiado do Mestrado em Educação e Diversidade – MPED da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação - Campus XIV para a obtenção do título de Mestra em Educação e Diversidade e aprovada em: 22 abril de 2022.

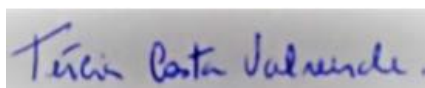
BANCA EXAMINADORA DE DEFESA



**Orientador: Prof. Dr. Adriano Eysen Rego Universidade do Estado da Bahia –
UNEB**



**Prof. Dr. Jânio Roque Barros de Castro (Membro interno) Universidade do
Estado da Bahia - UNEB**



**Prof. Dra. Tércia Costa Valverde (Membro externo) Universidade Estadual de
Feira de Santana - UEFS**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2022**

Os esforços e conquistas deste trabalho são
dedicados àqueles que são parte de mim.
Em especial, ao meu esposo Gilson Rodrigues, por
ter deixado em mim uma chama acesa de amor,
dedicação e cuidado.
Aos meus filhos Thiago Gordiano e Pedro Gordiano,
para que eles acreditem nos seus objetivos, como
eu acreditei na pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar meus agradecimentos com uma citação do meu orientador Adriano Eysen, quando ele se refere ao texto como uma colcha de retalhos “tecedura de retalhos; uma espécie de aglutinação de fragmentos prestes a dar forma a uma única peça, a colcha, esta que aquece, acolhe, abriga e produz sensações diversas”.

Mencionando a colcha de retalhos, a qual é companheira das minhas noites, ela é antiga, costurada por uma tia-avó (in memória), sei da satisfação que ela tinha ao ver suas colchas prontas. A colcha me aquece, me traz conforto.

Aqui, neste texto dissertação de mestrado, está uma techedura de retalhos, a qual tecida, com amor, dedicação, desafios, com pensamentos, ideias, imaginações, vivências, que ao serem costuradas, dão forma ao meu texto. Resultando em mim, satisfação, alegria, aquecimento, assim gostaria de agradecer:

A Deus, pela sabedoria que me deu para conseguir tecer minha colcha. E por me dar pessoas que foram peças de retalhos extremamente importantes à sua construção;

Ao meu orientador, Adriano Eysen, por ter acolhido meu projeto, ajudá-lo a tornar-se uma pesquisa. Agradeço pelo seu cuidado, paciência e compreensão. Te desejo muita luz ao seu caminhar.

Ao meu eterno esposo, Gilson Rodrigues, pelo seu companheirismo, pela sua contribuição à minha vida com palavras e ações, pelo amor e cuidado comigo e com nossos filhos. Sei que você está feliz pela minha conquista.

Aos meus filhos Thiago e Pedro, minha fonte inspiradora para viver, sonhar e lutar pelos meus objetivos.

Aos meus pais José e Maria, irmãos Saulo e Matias, tia-dinha Simone, entre outros familiares que ajudam, torcem e se alegram com minhas vitórias.

Às minhas maravilhosas amigas, Ely Makeise, Ilka Meyre e Fabiane, que não mediam esforços para me ajudar na construção do meu texto, Deus abençoe a trajetória de vocês. Sou grata também as demais amigas que me ajudam e fortalecem meu caminhar.

Àqueles que pertencem ao Colégio José Leitão, em nome do diretor Ananias, a vice-diretora Anedy, pró Sônia e demais colegas professores(as) que contribuíram com a pesquisa, em especial aos(as) alunos(as) colaboradores “Jonh Harding”; “Collin Hoover”; “Mário Quintana”; “Cecília Meireles 1”; “Cecília Meireles 2”; “Machados de

Assis” e “Helena”. Desejo muito sucesso e energias positivas ao processo formativo de vocês.

Agradeço aos participantes convidados para as oficinas, que dedicaram seu tempo para compartilhar aprendizagens, Nelcy, Antônio, Amós.

As professoras que ganhei na graduação Maria da Paz Rodrigues, Jussara Portugal, Jamile Lima e ao professor Jânio Roque, que com alegria e carinho vêm contribuindo ao meu processo formativo e aceitou o convite em participar da banca.. Também deixo um caloroso abraço para a pró Úrsula e Beda, que encontrei no MPED, gratidão à essas mulheres.

A professora Tércia, por aceitar participar da banca, por todo carinho e cuidado com meu texto.

Aos grupos de pesquisa A escrita da ausência nas literaturas portuguesa e brasileira e GEPLET, pelas contribuições ao meu processo formativo.

A colega Rubneia que se dedicou na revisão do meu texto. Deus te abençoe.

Aos colegas mpedianos que me deram força em vários momentos difíceis que passei. Em nome dos demais, gostaria de citar alguns (as) que marcaram minha história enquanto mestrande, Katy, Poly, Geisa, Novak, Cris Lisboa, Yure, Fabiane, Lú, Anderson, minha pró Jeane, Agmar, Jamile, Debora, Elcione...

Ninguém caminha sem aprender a
caminhar, sem aprender a fazer o
caminho caminhando, refazendo e
retocando o sonho pelo qual se pôs a
caminhar.

Paulo Freire

RESUMO

Geografia e Literatura trazendo possibilidades dialógicas e um desses caminhos são abordagens conceituais, sobretudo paisagem e lugar. Nesta pesquisa, propomos discutir sobre o ensino da Geografia em diálogo com a Literatura Baiana numa perspectiva de (des)leituras e novas aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão Santaluz-BA. A questão norteadora apresenta-se da seguinte maneira: de que forma o diálogo entre a Geografia e a Literatura pode ressignificar a aprendizagem dos(as) alunos(as) a partir das discussões sobre espaços do campo e cidade da Bahia representados em obras literárias Baianas? Nessa perspectiva, a correlação da Geografia com a Literatura pode contribuir de forma significativa, dinâmica e inovadora para o ensino-aprendizagem da Geografia. A investigação teve como aporte metodológico a abordagem qualitativa colaborativa. As (des)leituras sobre imagens de campo e cidade no ensino-aprendizagem da Geografia foram realizadas a partir de alguns romances da Literatura Baiana como *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho; *Cascalho*, de Herberto Sales; *Grito da Terra*, de Ciro de Carvalho Leite; *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, de Guido Guerra e *As Voltas da Estrada*, de Xavier Marques. Os instrumentos utilizados são os seguintes: questionário, entrevistas, observações participantes e produções de narrativas dos(as) alunos(as) colaboradores(as) da pesquisa. A proposta de intervenção ocorreu no Colégio Estadual José Leitão com estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Médio a partir das oficinas nas quais realizamos análises de trechos das obras citadas além do conto *Como um velho Saveiro*, de Osvaldo Dias da Costa e os seguintes poemas: *Bahia*, de Firmino Rocha; *O Sertão*, de José de Oliveira Falcón; *Ruínas de sonhos*, *Lembranças de um Vaqueiro* e *Galopes Selvagens*, de Adriano Eysen. Como produto, foi criada uma página no *Instagram* com a participação dos(as) alunos(as) em parceria com a escola para divulgar e socializar as suas produções, com o propósito de incentivar outros(as) jovens à leitura e à criação literária, bem como lhes oportunizar uma formação crítica.

Palavras-chave: Educação, Geografia Cultural, Literatura Baiana, Campo e Cidade, (Des)Leitura.

ABSTRACT

Geography and Literature bringing dialogic possibilities and one of these paths are conceptual approaches, especially landscape and place. In this research, we propose to discuss the teaching of Geography in dialogue with Bahian Literature in a perspective of (mis)readings and new learning about images of the countryside and city of Bahia at Colégio Estadual José Leitão Santaluz-BA. The guiding question is presented in the following way: in which way the dialogue between Geography and Literature can re-signify the students' learning from the discussions about rural and city spaces in Bahia represented in Bahian literary works ? From this perspective, the correlation of Geography with Literature can contribute in a significant, dynamic and innovative way to the teaching and learning of Geography. The investigation had as a methodological contribution the collaborative qualitative approach. The (mis)readings of images of countryside and city in the teaching-learning of Geography were carried out from some novels of Bahian Literature such as *Luanda Beira Bahia*, by Adonias Filho; *Cascalho*, by Herberto Sales; *Grito da Terra*, by Ciro de Carvalho Leite; *The Appearances of Dr. Salu and Other Stories*, by Guido Guerra and *As Voltas da Estrada*, by Xavier Marques. The instruments used are the following: questionnaire, interviews, participant observations and production of narratives by the students who collaborated in the research. The intervention proposal took place at Colégio Estadual José Leitão with students from the 1st and 2nd years of High School from the workshops in which we carried out analyzes of excerpts from the cited works in addition to the short story *Como um Velho Saveiro*, by Osvaldo Dias da Costa and the following poems: *Bahia*, by Firmino Rocha; *O Sertão*, by José de Oliveira Falcón; *Ruins of dreams*, *Memories of a Cowboy* and *Wild Gallops*, by Adriano Eysen. As a product, an Instagram page was created with the participation of students in partnership with the school to publicize and socialize their productions, with the purpose of encouraging other young people to read and literary creation, as well as providing them with critical training.

Keywords: Education, Cultural Geography, Bahian Literature, Countryside and City, (Mis)Reading.

LISTA DE SIGLAS

IPHAN - Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

LDB - Lei das Diretrizes e Bases

MPED - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNBE - Plano Nacional Biblioteca da Escola

PPP - Projeto Político Pedagógico

REDA - Regime Especial de Direito Administrativo

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Bahia no Nordeste brasileiro	62
Figura 2 - Mandacaru: riqueza dos sertões	74
Figura 3 - Plantação de sisal	75
Figura 4 - Caatinga: riqueza e beleza	81
Figura 5 - Da caatinga ao pasto	82
Figura 6 - Mapa do município de Santaluz	114
Figura 7 - Fachada do Colégio Estadual José Leitão	115
Figura 8 - Parte interna Colégio Estadual José Leitão	115
Figura 9 - Quadro interativo sobre os passos das oficinas	120
Figura 10 - Design do questionário disponibilizado no <i>Google Forms</i>	128
Figura 11 - Slogan das oficinas	140
Figura 12 - Momento de apresentação da pesquisa aos(as) alunos(as) colaboradores(as)	141
Figura 13 - Mosaico representativo dos sertões	146
Figura 14 - Fotografia da cidade de Santo Amaro	156
Figura 15 - Pegadas de palavras	160
Figura 16 - Perfil da página Feira Literária do Coró	162
Figura 17 - Poema A peça agradecimento	168
Figura 18 - Apresentação de <i>stands</i>	170
Figura 19 - Apresentação da obra Morte e Vida Severina	171

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Níveis de formação dos professores(as) do Colégio Estadual José Leitão	115
Quadro 2 - Plano das sequências das oficinas	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados sobre o gosto pela leitura	129
Gráfico 2 – Dados sobre a preferência de leitura	130
Gráfico 3 – Dados sobre a importância dos textos literários	130
Gráfico 4 – Dados se os(as) professores(as) utilizaram textos literários em sala	131
Gráfico 5 - Dados que mostram se já participaram de trabalho inter/transdisciplinar Geografia e Literatura	131
Gráfico 6 – Dados que mostram o desejo dos(as) estudantes em participar da pesquisa	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
2 GEOGRAFIA E LITERATURA: DIÁLOGOS EM MOVIMENTO	23
2.1 UMA CONVERSA SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL	23
2.2 EDUCAR PELAS (DES)LEITURAS LITERÁRIAS.....	29
2.3 TRAVESSURAS INTER/TRANSDISCIPLINARES ENTRE GEOGRAFIA E A LITERATURA	34
2.4 NAS VEREDAS DA TEORIA SOBRE CIDADE E CAMPO	53
3 “JÁ FOI À BAHIA? NÃO? ENTÃO VÁ”: NAS (DES) LEITURAS GEO- LITERÁRIAS.....	61
3.1 (RE)VISITANTO A BAHIA: OBSERVAÇÕES GEOGRÁFICAS	61
3.2 NAS FIBRAS VERBAIS DAS NARRATIVAS BAIANAS	65
3.2.1 (Ser)tão em Santaluz sob o olhar de Guido Guerra	66
3.2.2 Um punhado de chão e caatinga em <i>Grito da Terra</i> , de Ciro Carvalho Leite.....	80
3.2.3 As lavras diamantinas no romance <i>Cascalho</i> , de Herberto Sales.....	89
3.2.4 No suor açucareiro do Recôncavo baiano em: <i>As Voltas da Estrada</i> , de Xavier Marques	96
3.2.5 As águas litorâneas da Bahia em <i>Luanda Beira Bahia</i> , (des)leituras de Adonias Filho	104
4 O CORÓ LENDO E REVELANDO A GEOGRAFIA DA BAHIA.....	111
4.1 O CORÓ, LUGAR DA PESQUISA	111
4.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS.....	116
4.3 A PESQUISA EM DESASSOSSEGO	127
4.3.1 Um coro plural: vozes não silenciadas	127
4.3.2 Nas entrelinhas das conversas: oficinas de estudos geo-literários	140
4.3.3 As travessias inter/transdisciplinares na Feira Literária.....	168
4.3.4 O Coró geo-ação: site para além dos muros da escola.....	171
À GUIA DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	174
REFERÊNCIAS.....	177
APÊNDECES.....	188
ANEXOS	192

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, propomos um diálogo entre a Geografia e a Literatura explorando as experiências humanas em sociedade e suas relações com a cultura a fim de potencializar no(na) estudante uma formação crítica e, em especial, uma aprendizagem mais enriquecedora acerca dos conceitos geográficos.

O interesse pelo diálogo entre Geografia e Literatura parte da relação com minha trajetória de vida. Quando criança, amava ouvir histórias que meu pai e minha avó contavam, embora não tenha tido uma boa alfabetização, o que implicou em mim um tardio desenvolvimento da leitura e da interpretação de textos, que repercutiu em dificuldade para escrever. No entanto, sempre tive gosto pelos livros, como também a escrita me entusiasma.

Enquanto estudante do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI),¹ com o projeto *Baú de Leitura* tinha grande interesse, prazer em ler histórias, como também, criá-las e apresentá-las em forma de teatro. No Ensino Médio, no Colégio Estadual Olavo Alves Pinto, escrevi dois pequenos livros de histórias, sendo um deles lançado lá, intitulado *O Mais Bonito Amor* (2006).

Na Universidade, no curso de Geografia, em disciplinas referentes a Geografia Cultural, Prática de Ensino, e em conversas com os(as) professores(as), conheci a aproximação da Geografia com a Literatura, despertando interesse pela temática, realizando meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir do diálogo geoliterário, discutindo a relação do morar e habitar a partir das obras literárias *O Cortiço* (1890), do autor Aloísio Azevedo e *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins.

Nas minhas práticas de ensino, enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual participei no período de graduação, foram utilizadas várias linguagens como perspectivas culturais para proporcionar um ensino geográfico mais significativo. Nos Ateliês geográficos propostos pelo projeto, o Ateliê que trabalhava com a linguagem literária despertou em mim maior dedicação.

¹ Na oportunidade de participar do projeto PETI, foi possível ter um maior envolvimento com meus estudos, uma vez que, naquele turno em que participava das atividades do PETI, dedicava-me a reforçar o que aprendia no ensino básico. Desse modo, tive maior contato com a comunidade local ao participar das apresentações dos livros do projeto *Baú de Leitura* em forma de teatro e coreografia. Com o PETI, passei a ter um auxílio financeiro para contribuir com a renda familiar, pois um dos propósitos do projeto era erradicar o trabalho infantil.

Nas propostas de estágios supervisionados do curso, a arte literária também estava presente.

Na docência, no então Colégio Estadual José Leitão, localizado na cidade de Santaluz, utilizei a Literatura para dialogar com conteúdos geográficos. Destaco uma ação ocorrida no ano de 2018: a intercessão da Geografia na III Feira Literária². A participação da Geografia aconteceu na Feira Literária organizada nas turmas de 2º ano do Ensino Médio. A temática da feira foi *Ser tão linguagens: entre cantos, versos e prosas do nosso sertão*, assim discutimos em aulas os conceitos de lugar e sertões e os correlacionamos com as obras literárias destinadas a cada turma. Como proposta de produto, os(as) alunos(as) escreveram poemas e os apresentaram na culminância da Feira Literária.

Nesse mesmo período, estava cursando a disciplina *Literatura, Cinema e Mídias*, como aluna especial do programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), ³ministrada pelo professor Adriano Eysen, o que agregou mais significado em minha ação na escola e despertou em mim mais interesse pela arte literária. Logo em seguida, ingressei no MPED, como aluna regular, tendo como proposta da pesquisa a temática Geografia e Literatura.

No ano de 2019, não estive no Colégio Estadual José Leitão como professora, consequentemente a Feira foi realizada apenas com a área de Linguagens, como antes. No ano de 2020, retornei à prática docente. Dessa forma, o referido colégio foi então escolhido como lócus da minha pesquisa. Na expectativa de um encontro geo-literário, tendo como proposta tornar a Feira Literária uma prática inter/transdisciplinar⁴, havendo a inclusão da área de humanas, em especial da ciência geográfica, inserindo a proposta ao Projeto Político Pedagógico (PPP)⁵ da escola, a fim de construir, sobretudo, como produto, um *site* educacional geo-literário, que discuta, propague e relate o projeto da Feira Literária do Coró e as produções

2 Feira Literária é um projeto do colégio José Leitão, que se iniciou no ano 2016, inserido no PPP, tendo como responsáveis os(as) professores(as) da área de linguagens. Os(as) participantes da feira são os(as) alunos(as) das turmas de 2º ano, em média sete a oito turmas por ano. A temática é escolhida na jornada pedagógica, em que cada turma responsável estuda uma obra e/ou escritor(a) durante alguns meses, posteriormente eles apresentam o resultado do estudo na Feira Literária, organizada por *stands* e peças teatrais. O evento conta com público tanto da escola, como também da comunidade local.

³ A sigla MPED será utilizada toda vez que o Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade for citado nesta dissertação

⁴ Duas ou mais disciplinas que se juntam por meio de diálogo, troca de saberes, na perspectiva de realizar ações que busquem mudanças capazes de tornar o aprendizado mais significativo.

⁵ A sigla PPP todas as vezes que nos referirmos ao Projeto Político Pedagógico da escola.

literárias dos(as) estudantes. A ideia central é tornar a Feira Literária um evento inter/transdisciplinar estabelecendo uma inter-relação com as demais escolas do município, na expectativa de ultrapassar os muros da instituição para que, a partir dessa experiência, outras escolas, em seus espaços de ensino, possam também experimentar a relação geo-literária. Nos procedimentos metodológicos serão explicados os detalhes do projeto de intervenção, pois aqui me detenho na argumentação da escolha do lócus da pesquisa. Acredito que a maioria das intervenções surgem a partir de um problema encontrado na área pesquisada. Diante disso, quero destacar que vejo a Feira Literária como uma atividade riquíssima, de grande valor para o aprendizado dos(as) alunos(as). Desse modo, transformá-la em um projeto inter/transdisciplinar possibilitará uma melhor inter-relação entre estudantes, professores(as), pais e comunidade em geral potencializando trocas de saberes, identidades e culturas. Assim como, é possível tornar o ensino geográfico mais criativo, agregando um aprendizado mais significativo.

As minhas experiências de vida transitam pela relação campo/cidade no município de Retirolândia, que fica localizado no sertão da Bahia, a sede da cidade Retirolândia à cidade Salvador é de 230 km, com uma população de estimada 14.396 habitantes (IBGE, 2019). A principal base econômica da cidade é o sisal, além da pecuária, caprinos, ovinos, criações de aves, plantações de milho, feijão, mandioca, comércio local e serviços públicos. A maior manifestação cultural existente no município é o São Pedro de Retirolândia, que ocorre no mês de junho. O principal ponto turístico da cidade é a praça do Pocinho, a qual tem um tanque, originado por uma formação geológica.

O campo foi meu lugar de vivência desde que nasci até a adolescência. Nele, compartilhava momentos mágicos embaixo de árvores, brincando com amigas; divertia-me ao plantar milho e ao fazer de suas espigas minhas bonecas. Logo após essa fase, em busca de trabalho, fui para cidade e fiz dela meu espaço de habitação. A cidade a qual vivo, faz parte do sertão nordestino, cidade pequena do interior baiano, poucos habitantes, motivo pelo qual as pessoas se conhecem. Há uma forte característica de ruralidade nessa cidade, ou seja, embora sendo espaço urbano tem fortes traços do rural, a exemplo de criação de animais e plantações em quintais das casas. Outros(as), mesmo habitando a cidade, deslocam-se contidamente, pois tem uma relação com o campo, a exemplo de uma roça, casa de familiares.

Importante deixar claro que sou licenciada em Geografia, não tendo nenhuma especialização na área de Letras, ou seja, a pesquisa não é uma crítica literária, pois as análises e reflexões são frutos do olhar de uma geógrafa envolvida e apaixonada pela e com a Literatura.

Em suma, a partir das experiências apresentadas, destaco minhas travessias e interesse pela temática a ser pesquisada, considerando-a bastante relevante ao ensino geográfico. Sendo uma possibilidade para potencializar os conhecimentos dos(as) educandos(as).

A Geografia é uma matéria escolar social ampla, que abarca conceitos e temas abrangentes e que por isso, há várias possibilidades dialógicas por diferentes áreas do conhecimento.

Entendemos que a relação da Geografia com a Literatura se evidencia no início da humanidade, nas relações dos sujeitos com a natureza. Em contato com o espaço geográfico, homens e mulheres ocupam-no, retiram alimentos, matérias primas necessárias à sua sobrevivência, locomovem-se entre lugares. Esses sujeitos narram histórias sobre seus percursos, suas relações do/no espaço, ou seja, entrando em contato com a fabulação, dos quais os enredos reais e imaginários já se cruzavam nas narrativas. Nessa perspectiva, contavam sobre seus contextos geográficos, seus lugares e espaços, observamos como na História da humanidade Geografia e Literatura se interconectam mesmo que de forma indireta. No curso da História, Geografia e Literatura consolidam o diálogo, assim Ciência e Arte se inter cruzam, possibilitando trocas de conhecimentos e saberes. A crítica literária também dialoga com o espaço, com a paisagem, ou seja, há essa íntima relação do ser humano com a natureza.

Nesse sentido, pensar o ensino da Geografia a partir da relação inter/transdisciplinar com a Literatura configura-se em artefatos pedagógicos capazes de potencializar conhecimentos, com o propósito de contribuir no processo de formação dos sujeitos. A referida disciplina é de suma importância, pois possibilita ao(à) educando(a) olhares críticos sobre o mundo, compreensões das relações humanas no espaço. A ciência geográfica também oportuniza a formação cidadã, para que esses(as) alunos(as) percebam-se como agentes ativos na (re)construção e transformação do espaço.

Dessa forma, temos como principal objetivo discutir sobre o ensino da Geografia em diálogo com a Literatura Baiana numa perspectiva de (des)leituras⁶ e novas aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia, no Colégio Estadual José Leitão. Com efeito, procuraremos, ao longo da pesquisa, alcançar os seguintes objetivos específicos: dialogar a relação da ciência geográfica com a arte literária; compreender aspectos, características da Geografia da Bahia; identificar imagens do campo e cidade representadas em obras literárias baianas; revelar (des)leituras de paisagens e lugares; motivar (des)leituras como possibilidades de novas aprendizagens geográficas aos educandos(as) do Colégio Estadual José Leitão; propor uma inter/transdisciplinaridade ao projeto da Feira Literária do Colégio Estadual José Leitão.

Ao pensarmos a respeito de uma possível relação geo-literária, surgiu a seguinte questão norteadora desta pesquisa: de que forma o diálogo entre a Geografia e Literatura pode ressignificar a aprendizagem dos alunos(as) a partir das discussões sobre espaços do campo e cidade da Bahia representados em obras literárias Baianas?

A investigação teve como aporte metodológico a abordagem qualitativa colaborativa e a análise dos dados foi realizada a partir da pesquisa-ação. Com efeito, foi realizada uma revisão bibliográfica elegendo alguns teóricos da Geografia Cultural, a exemplo de: (CLAVAL, 1997; CORRÊA, 2007, 2009; COSGROVE, 1983; ROSENDAHL, 2007; SAUER, 1931). Nas discussões sobre Literatura, esta investigação está pautada em estudiosos, como: (CÂNDIDO, 1988; COMPAGNON, 2010, REGO, 2013). Sobre a relação geo-literária, há importantes autores, a saber: (ARAÚJO, 2007, 2010, 2016; CASTRO, 2004, 2010, 2015, 2016; MARANDOLA JR, 2009, 2010; PINHEIRO, 2004, 2013). Para discutir sobre campo e cidade é fundamental a leitura de (CAVALCANTI, 2011, 2012, 2019, 2020; MARQUES, 2002; RUA, 2005; SPOSITO, 2004; WILLIAMS, 2011). Os livros *Floração de Imaginários: o Romance Baiano no Século 20*, *A Poesia Baiana no Século XX*, *O conto em vinte e cinco baianos*, dos respectivos autores (ARAÚJO, 2008; BRASIL, 1999; MATTOS,

⁶ Chamamos de (des)leituras uma leitura com um olhar crítico, um debruçar-se sobre o texto, uma desconstrução, ruptura de conceitos, visões de mundo que estão pré-estabelecidos, confrontando ideias, refletindo acerca da realidade, obtendo mais conhecimentos. Ao considerarmos essas (des)leituras dos textos literários com o olhar geográfico, desejamos que o ensino da Geografia obtenha mais potencialidade.

2000) foram essenciais para aprofundarmos os nossos conhecimentos acerca da Literatura Baiana.

Destacamos alguns livros que dialogam a relação Geografia e Literatura dos quais alguns de seus textos contribuíram a nossa pesquisa: *Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias*, organizado por Júlio César Suzuki, Valéria Cristina Silva; *Geografia, Literatura e Arte: Epistemologia, crítica e interlocuções*, de Júlio César Suzuki, Angelita Lima e Eguimar Felício Chaveiro; *Geografia, Literatura e Arte: Reflexões*, de Maria Auxiliadora da Silva e Harlan Rodrigo Silva; *Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poeta e imaginação*, organizado por Eduardo Marandola Jr e Lucia Helena Gratão; *Visões imaginárias da cidade da Bahia: Diálogos entre a Geografia e a Literatura*, de Délio Pinheiro e Maria Auxiliadora Silva; *Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas*, de Jussara Fraga Portugal. Nesses livros de coletâneas, vários(as) autores(as), por meio de suas pesquisas e afinidade com a Geografia e a Literatura, escrevem artigos. Na maioria dos textos, os(as) autores(as) escolhem alguma(s) obra(s) literária(s) e realizam análises geográficas.

A título de exemplo, chamamos atenção para o artigo *O Corta-braço: Uma análise geográfica de uma obra literária* do autor Jânio Roque Castro. No artigo, Castro (2004) fala sobre o escritor Ariovaldo de Matos, analisa a obra *Corta-braço* relatando que a narrativa literária aborda a cidade de Salvador, o cotidiano do Beco do Vinagre, uma das vielas pobres da cidade. Castro (2004, p. 52) mostra que “Ariovaldo Matos analisa o enriquecimento de fazendeiros e usineiros no interior do Estado e associa esse fato ao crescimento de bairros considerados nobres de Salvador”.

Para trabalharmos o ensino da Geografia em diálogo com a Literatura, envolvendo diretamente os sujeitos colaboradores desta pesquisa, elegemos os romances *Luanda Beira Bahia* (1971), de Adonias Filho; *Cascalho* (1944), de Herberto Sales; *Grito da Terra* (1964), de Ciro de Carvalho Leite; *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias* (1981), de Guido Guerra⁷ e *As Voltas da Estrada* (1982), de Xavier Marques. Além do conto *Como um Velho Saveiro* (1980), de Osvaldo Dias da Costa e os seguintes poemas: *Bahia* (1968), de Firmino Rocha; *O sertão* (1966), de José de

⁷ Guido Guerra foi um escritor baiano que nasceu na cidade de Santaluz, lócus da pesquisa.

Oliveira Falcón; *Ruínas de Sonhos* (2007), *Lembranças de um Vaqueiro* (2007) e *Galopes Selvagens* (2007), de Adriano Eysen.

Utilizamos os textos e obras citados(as) na proposta de intervenção, essa que aconteceu no Colégio Estadual José Leitão, com alunos(as) de turmas do 1º e 2º anos, por meio de oficinas e envolvimento no projeto da Feira Literária do referido colégio. Como proposta para o produto da pesquisa, criamos uma página no *Instagram* com a participação dos(as) alunos(as) em parceria com a escola para divulgar e socializar as suas produções (narrativas literárias), com o propósito de incentivar outros(as) jovens à leitura e à criação literária, bem como lhes oportunizar uma formação crítica.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos: O primeiro capítulo, *Geografia e Literatura: Diálogos em movimento*, fundamenta-se em uma discussão teórica sobre a temática pesquisada Geografia e Literatura, com embasamentos da Geografia Cultural, abordaremos sobre Literatura, nessa perspectiva de movimentos discorreremos sobre as travessuras inter/transdisciplinares geo-literária. Trilhamos também pelas veredas da teoria que discorrem sobre a temática campo e cidade.

No segundo capítulo, “*Já foi a Bahia? Não? Então vá*” nas (des)leituras geo-literárias, temos como proposta um chamado a leitura e (des)leituras da Geografia Baiana, viajando pelo estado e compreendendo suas características identitárias. Foram realizados olhares, percepções sobre algumas obras, alguns textos literários, observado o modo de geografar a Bahia nas narrativas, em especial as representações do campo e da cidade.

No terceiro capítulo, *O Coró lendo e revelando a Geografia da Bahia*, abordamos sobre a nossa proposta de intervenção no Colégio Estadual José Leitão. Criamos um grupo de estudos (oficinas) a partir de (des)leituras literárias sobre a Geografia da Bahia e um envolvimento inter/transdisciplinar para as próximas Feiras Literárias.

Por fim, em *À guisa de algumas considerações*, refletimos sobre a temática abordada, o alcance dos objetivos propostos, das questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho.

2 GEOGRAFIA E LITERATURA: DIÁLOGOS EM MOVIMENTO

2.1 UMA CONVERSA SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre.

Carl Sauer

A Geografia é uma ciência social que se fundamenta nos conceitos-chaves: espaço, região, território, paisagem e lugar. Estes, ao longo da História do pensamento geográfico, tiveram maior destaque que outros, a exemplo do conceito de região, mais usado na Geografia Tradicional, já o de lugar, adotado pela Geografia Humana. No entanto, é importante destacar que todos eles têm sua importância a depender da análise a ser utilizada e do seu contexto histórico, ou seja, falar da vivência, dos sentimentos das pessoas é mais adequado utilizarmos o conceito de lugar; já a categoria de território é usada ao nos referirmos às relações de poder de determinados grupos.

Para maior compreensão, a Geografia amplia-se com várias temáticas, a exemplo de rede, globalização, migração, cidade, campo; eles são analisados em diferentes escalas, locais (ao se referir à localidade das pessoas), globais (ao abranger dimensões de diferentes países e/ou continentes).

Destacamos que as ações humanas em utilizar as matérias-primas presentes na natureza se consolidam para produzir o que necessitam, assim como para atender às lógicas do capital em um mundo pautado no sistema capitalista. Enquanto ciência social, a Geografia busca formas para ler, conhecer, compreender os espaços geográficos, assim como a possibilidade de propor mudanças, em prol de melhorias, para que esses espaços se perpetuem de forma equilibrada. Sendo assim, não é uma disciplina que apenas descreve, mas que também analisa, compreende, interpreta e lê o mundo com criticidade. Nesse sentido, a arte literária converge com a Geografia, pois, a literatura na representação do real também analisa, compreende, interpreta e lê o mundo com ironia e criticidade.

Pensando nas constantes transformações pelas quais o mundo natural tem sofrido para atender as necessidades dos sujeitos sociais, a Geografia a partir do olhar

cultural vêm procurando compreender os processos destas transformações. Nesse contexto, a cultura tem muito a nos dizer sobre as ações humanas com a natureza, sendo uma peça chave para compreender o espaço geográfico. Entendemos que a cultura representa as formas de viver, pensar e produzir de um povo, ela está presente na vida das pessoas, tanto material como imaterialmente. Segundo Corrêa (2010, p. 13) “a cultura pode ser vista em perspectiva abrangente, abarcando inúmeros aspectos como crença, hábitos, linguagens, arte, dieta alimentar e habilidades”. Para Chauí (2009) a cultura é um direito do cidadão, tanto de ter acesso, como de produzi-la.

Nesse sentido, conforme a epígrafe de Sauer (1931), a Geografia Cultural se interessa em especial pelas relações humanas presentes/inscritas na superfície terrestre. Assim, emergiram-se novos campos de estudos baseados na vertente da Geografia Cultural. Como salienta Leopoldino (2017), são novas possibilidades para compreensão da transformação do/no espaço habitado e vivido. As abordagens culturais são um dos ramos de investigação da Geografia e buscam compreender os fatos e fenômenos presentes no espaço geográfico por meio das manifestações culturais. Essa abordagem, segundo Claval (1997), considerando tanto as manifestações materiais quanto as imateriais, está associada à experiência que os sujeitos têm na terra, com a natureza, de modo a entender a construção das identidades humanas no espaço geográfico.

Castro (2012) salienta que a Geografia Cultural se difundiu, sobretudo, a partir dos estudos clássicos de Carl Sauer, na Escola de Berkeley, nos Estados Unidos. Nesse sentido, Alves e Silva pontuam (2016, p. 322):

A Geografia Cultural ganha visibilidade na geografia com o geógrafo Carl Sauer e sua concepção da cultura como supraorgânica, tendo suas próprias leis, dotada de poder explicativo. Os indivíduos são vistos como “mensageiros” da cultura, não sendo sujeitos de sua autonomia. Com a renovação a partir da década de 70 pelos geógrafos culturais críticos, como Duncan e Cosgrove, houve a influência das filosofias de significados: a Fenomenologia, a Hermenêutica entre outras. Cultura agora é vista como reflexo, mediação e condição social, e não mais como externa ao indivíduo ou com a ausência da sensibilidade social.

Segundo Sauer (1931), os geógrafos que se debruçam pela Geografia Cultural dirigem a atenção para aqueles elementos da cultura material que conferem caráter específico da área, não apenas limitando-se a relação dos sujeitos com a natureza.

Para Corrêa e Rosendahl (2007), um dos motivos das incorporações culturais na Geografia serem tardias foi o fato da cultura ter sido negligenciada ou entendida pelo senso comum, ou seja, apenas saberes do cotidiano e não um conhecimento sistemático, científico. Os autores destacam ainda que diversas influências se fizeram presentes no processo de renovação e revalorização da Geografia Cultural. Segundo Leopoldino (2017, p. 18) o avanço na Geografia cultural,

Consolidou-se devido aos suportes e contribuições teórico-metodológicas que diversas disciplinas como a Antropologia, a História e a Filosofia trouxeram ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que houve a necessidade do aprofundamento das ciências humanas acarretando consequentemente na dinamização da ciência geográfica sob o prisma social.

A Geografia Cultural se consolida como uma vertente teórica. Segundo Corrêa (2009, p. 05), ela “está focalizada na interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas”. Ou seja, a perspectiva cultural fundamenta-se nos paradigmas fenomenológicos, os quais dão ênfase aos sujeitos e suas relações com a natureza e suas diversas experiências no mundo. Para Mikessill e Philip (2007, p. 27), os estudos dos aspectos geográficos são:

A geografia cultural compara a distribuição variável das áreas culturais com distribuição de outros aspectos da superfície da Terra, visando a identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura e, se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e manutenção de determinados aspectos geográficos.

Nesse sentido, compreendemos que as ações humanas para modificar a natureza, tornando-a um espaço geográfico, atende suas necessidades, como também suas ambições, em especial as que propagam o capital, ou seja, o consumismo exacerbado e o lucro acima de tudo. Essas ações evidenciam muitos problemas, sobretudo ambientais e sociais. Assim, Andreotti (2013, p. 100) ressalta: “Entende-se que, em face dos enormes problemas do nosso tempo, foi necessário valorizar o humano e o espiritual, assim como as profundezas das raízes culturais, para que os sentidos do viver não caíssem em desconcerto”. Destacamos o quanto é

importante a valorização das manifestações culturais para dar vigor a dinâmica da sociedade.

Dessa forma, o estudo da Geografia Cultural busca compreender como as diferentes perspectivas de transformações naturais e sociais estão presentes no espaço geográfico, levando em consideração suas influências no modo de viver das pessoas, a exemplo dos seus valores, costumes, relações sociais, expressões artísticas e culturais, dentre outras. Como sinaliza Sauer (1931, p. 05) “a área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da terra, o conjunto cultural que registra a medida integral do uso humano da superfície”.

A Geografia Cultural de acordo com Leopoldino (2017, p. 18), “tem priorizado o estudo a respeito das diferentes perspectivas e entendimentos sobre como os espaços real e o imaginário são constituídos, construídos, organizados e entendidos e, também, como estes se relacionam entre si”.

As manifestações culturais presentes na dinâmica do espaço geográfico, como músicas, festividades, danças, atividades religiosas, turismo, obras literárias, entre outras, são estudadas, refletidas pela Geografia Cultural abarcando as mais variadas dimensões espaciais e de poder. O autor Castro (2007) destaca as manifestações das festas populares, a exemplo das festividades carnavalescas em Salvador. Essas manifestações pesquisadas e analisadas sob uma ótica espacial podem desvelar aspectos das nossas mazelas sociais, como a segregação socioespacial. Para o Castro (2007, p. 41), esse evento também pode ser o “espaço-tempo da crítica social, da irreverência, da explicitação das reivindicações sociopolíticas.

Ao pensarmos nas formas culturais produzidas, reproduzidas da vida material e imaterial do/no espaço geográfico, a arte está intrinsecamente presente. Para Cosgrove (1983) a arte é sustentada por códigos da comunicação, a linguagem, o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, e a dança, o ritual, a cerimônia, as construções, sendo que há nesses códigos uma apropriação de espaços geográficos. Cosgrove (1983, p. 01) ainda afirma que “A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço”. Cabe destacar que há dinâmicas distintas nos/dos recursos naturais de um lugar para outro, refletindo na cultura e na arte de cada povo.

Compreendemos que a arte está intrinsecamente ligada à cultura. Os sujeitos sociais, por meio de sua criatividade, imaginação, e em contanto com seu ambiente,

são capazes de (re)criar a realidade, produzindo novos sentidos e emoções em si mesmo e no outro.

Como destaca Fischer (2002), a arte é necessária a humanidade. Com ela, é possível conhecer e compreender a realidade. Ao contemplá-la, é possível entrar em contato consigo mesmo, contribuindo para um equilíbrio interior. Desse modo, segundo Araújo e Silva (2016, p. 210) “A arte procura tocar os corações a visualizarem para além da objetividade, revelando uma subjetividade multifacetada. Ela faz um convite a uma constante reflexão crítica, a partir das experiências humanas”.

Estando presente nas mais variadas manifestações culturais: música, dança, pintura, teatro, a fotografia, cinema, a arte torna-se necessária e imprescindível ao desenvolvimento da compreensão geográfica. Segundo Marandola (2010), a capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o sujeito único. Com efeito, Marandola (2010, p. 19) ressalta ainda que “há uma relação entre espaço e tempo indissociável, trazendo história, cultura e geografia para o centro da compreensão da manifestação artística”. A arte colore a nossa existência!

Acreditamos que a arte faz parte da vida humana, sendo necessário que cada vez mais os sujeitos sociais estejam em contato com ela. Para a compreensão da Geografia, esse contato agrega mais valor, mais conhecimentos. Para Leopoldino (2017), a aproximação dos sujeitos sociais com a arte e com a Geografia possibilita às pessoas identificarem elementos reais na descrição dos lugares e das paisagens, havendo um entrelaçamento de saberes capazes de expressar como os sujeitos percebem o mundo. Desse modo, destaca Araújo e Silva (2016, p. 210) “Que a Geografia utilize, cada vez mais, a arte, fonte inesgotável do imaginário, símbolos, história, memória”. Destacamos a Literatura, enquanto a arte inspiradora da nossa pesquisa.

Pensando no âmbito educacional, destacamos que por muito tempo o ensino geográfico era pautado apenas na Geografia tradicional, determinista, visando apenas descrever, decorar nomes de rios e de países, não havendo em geral uma relação direta com a realidade geo-cultural dos(as) estudantes. Nesse sentido, Araújo (2007) destaca que os manuais e materiais de estudos geográficos não são, na sua maioria, estimulantes. Desse modo, por meio da Geografia Cultural, surgem outras possibilidades de análises, de entendimento, agregando mais significado e mais valor ao ensino da Geografia.

No entanto, as ideias de Castro (2007) ainda podem ser refletidas, quando ele destaca que muitos(as) professores(as) desconsideram a importância da abordagem na prática pedagógica, desconhecendo as potencialidades da Geografia Cultural. Dessa forma, para o autor, falta valorização e consistência metodológica por parte dos(as) professores(as) em relação às abordagens da Geografia Cultural nos espaços educacionais do Ensino Básico.

Desse modo, para Castro (2007) constitui-se um passo importante no sentido de se apresentar outras lentes para novas acepções acerca da construção da cidadania cultural, o interesse pelo enfoque cultural associado ao político e ao socioeconômico na leitura do espaço geográfico, uma possibilidade da abordagem da Geografia Cultural.

Nesse sentido, é importante que o(a) professor(a) de Geografia articule trabalhos pedagógicos inter/transdisciplinares, em diálogos com a História, a Sociologia, a Língua Portuguesa, a Educação Artística, a Literatura, a Língua Estrangeira, a Filosofia, dentre outros, estabelecendo uma rede de relações híbridas capaz de enriquecer o processo de formação dos alunos(as).

Os próprios documentos educacionais Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Lei das Diretrizes e Bases (LDB) orientam a interdisciplinaridade no Ensino Básico. À disciplina de Geografia, os PCNs afirmam:

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, mediante a leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros), cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais (BRASIL, 1998, p. 33).

Desse modo, a Geografia Cultural percebe na Literatura uma linguagem que parte da imaginação de escritores, de suas visões sobre o mundo, possibilitando levar ao leitor compreensões do espaço geográfico. E além dos escritores consagrados citados pelos PCNs, os(as) escritores(as) regionais e locais são importantes e contribuem para a construção do aprendizado, alguns deles são parte da nossa pesquisa. As obras literárias são repletas de características simbólicas, históricas,

culturais e geográficas. Elas são capazes de ressignificar, dar sentido à vida, ao educar, em especial o educar geográfico, assim sigamos nas trilhas literárias.

2. 2 EDUCAR PELAS (DES)LEITURAS LITERÁRIAS

Só a literatura – cópia silenciosa das coisas que não existem, tem foros de cidade no país das Artes. As outras são arrabaldes de vilas que já não existem.

Fernando Pessoa

Na epígrafe acima, para o autor, a Literatura é a arte principal entre as demais. Ao trazê-la ao nosso estudo, consideramos que esta é muito importante, que são possíveis grandes contribuições ao ensino geográfico. Assim, torna-se fonte inspiradora para nossas travessuras geo-literárias. Claro que o diálogo com a Geografia também é possível com outras manifestações artísticas, mas para nossa pesquisa, elegemos a arte literária pela afinidade e afetividade que temos com esta arte. A Literatura, como linguagem artística, é capaz de ressignificar o fazer geográfico. Por meio da Geografia Cultural, as diferentes linguagens tornam-se possibilidades, potencialidades para um ensino mais significativo.

Assim como Gallo (2016), acreditamos que as linguagens devem estar em toda parte, uma vez que, por meio da necessidade de nomear, sujeitos sociais utilizam a linguagem como forma de interlocução. Segundo Leopoldino (2017, p. 19), a partir da dinâmica ocorrida no espaço geográfico “surtem novos campos de estudo, calcados nesta vertente da Geografia cultural, inaugurando, então, uma nova abordagem geográfica através das artes generalizadas”. Consideramos como um desses campos de estudo a linguagem artística literária em diálogo com a Geografia.

Ao falar da arte representada pela linguagem literária, Silva (2016, p. 269) ressalta que “a arte de escrever sobre tábuas, imprimindo ali seu imaginário, o qual baseava seu mundo concreto, está na genética literária”. A Literatura captura a essência humana e as suas diversas formas de vida possibilitando o contato, a comunicação entre as pessoas. Para Pinheiro (2013, p. 77), as obras literárias “produzem/inventam um conhecimento de mundo dado pelas formas discursivas que os mesmos constroem por intermédio de suas relações espaciais/temporais”.

A Literatura, enquanto manifestação artística, narra, conta histórias. Segundo Cândido (1988, p. 174) ela “aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela. Isto é, todo ser humano necessita entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Nessa perspectiva, Rego (2013, p. 01) afirma que a Literatura é capaz de reinventar a vida possibilitando ver o(s) mundo(s) de outras formas como é possível perceber na citação abaixo:

Obra literária possibilita ao ser humano ver o mundo de várias formas a fim de (re)construir seus sentidos envoltos por um conjunto ilimitado de signos. Com efeito, a realização da leitura, antes de tudo, nos apresenta como capacidade inerente ao leitor de colher imagens e sensações emaranhadas na teia complexa da existência.

Dessa forma, ressaltamos a importância da Literatura no processo de formação dos sujeitos, a partir de suas provocações, suas visões de mundos e da abrangência de informações, conhecimentos e reflexões sobre a complexidade da vida e da condição humana que há em diversas obras literárias. A obra literária além da representação, tem a perspectiva dos olhares da semiótica, a partir dos signos. Assim, desejamos que todos possam ter acesso, ter direito, quer seja de apreciar, de produzir, de estar em contato, (re)inventando, (re)construindo, (re)significando sua vida, assim como daqueles que estão em seu entorno, através do incentivo ao contato da arte literária, com os conhecimentos obtidos. Como sinaliza Cândido (1988), que a arte literária possibilite aos sujeitos a função da humanização.

Segundo Leolpodino (2017, p. 34), os textos literários seguem “determinados padrões estéticos, acadêmicos, e gramaticais que tomam determinadas formas e conteúdo a partir do contexto histórico, social, cultural, político, econômico, ideológico nos quais tanto o autor como o leitor se encontram”. Para Vasconcelos (2019, p. 13), a Literatura é uma forma de pensar, estar e ressignificar a vida humana:

Em cada sociedade e por meio de diferentes criações, é um dos meios de pensar e construir, contestar ou legitimar, de diversos modos, crenças, princípios, sentimentos, pode traduzir, portanto, uma consciência sobre a existência ou resistência de ser e estar no mundo.

Muitas são as sensações, os objetivos, os desejos ao escrever um texto literário, pois a escrita carrega experiências, crenças, valores, reflexões, sentimentos

e representações da realidade. As obras literárias diferenciam-se a depender da época, da cultura, dos costumes e tradições de uma determinada sociedade. Segundo Nogueira, Petarnella e Soares (2016, p. 85), a Literatura pode ser “entendida como operação que converte a plasticidade humana em texto, é possível observar o indiscernível jogo no qual a realidade, ficção e imaginário só se determinam relacionalmente”. É possível observar que teoria dos geógrafos culturais com os críticos literários buscam valorizar o humano, as suas ações, pensamentos e sentimentos, a leitura e releitura do real. Consequentemente, reconfigura o mundo e o torna mais pleno, plural, colorido e recheado de novos sentidos!

A partir da imaginação, escritores(as) entram no jogo do real e da ficção. Importante destacar os argumentos que estão nas linhas e entrelinhas dos textos, pois cada autor(a) carrega consigo ideias, sentimentos, pensamentos, crenças, memórias, sonhos e desejos que de alguma forma aparecem no corpo da sua produção literária. Como destaca Compagnon (2010, p. 37):

A literatura pode ser vista como contribuição à ideologia dominante ‘aparelho ideológico do Estado’ ou mesmo propaganda, pode-se ao contrário, acentuar sua função subversiva... sua função pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também procedê-lo.

Dessa forma, é necessário no(a) leitor(a) o senso crítico, um olhar aguçado sobre as linhas e (entre)linhas da obra, pois são detalhes importantes ao trabalhar com as obras literárias em sala de aula. De acordo com Castro (2016b, p. 335), “a palavra pode tanto aproximar quanto o contrário: criar e reforçar diferenças. Afinal, as palavras se articulam para estabelecer visões de mundo, organizar dogmas, reforçar hegemonias ou produzir resistências”. Como destaca Pinheiro (2013), o escritor no processo de produção artística da obra literária interage com o mundo, assim como cria mundos em seu texto.

Parece ser gratificante para o(a) escritor(a) saber que o seu texto foi lido, tocou e contribuiu para o aprendizado de alguém, colaborando-lhe possivelmente para a (des)construção de conceitos. Nesse sentido, as obras são escritas para serem lidas. Por certo, os livros ganham vida e passam a ter sentido em contato com seus(as) leitores(as). Quando nós deixamos os livros em cima da estante ou nas bibliotecas eles são apenas objetos. É a partir da nossa leitura que eles se movimentam, pulsam e ganham vida! A leitura possibilita aprendizagens e desperta imaginações.

Importante salientar que a interpretação de texto, em destaque dos textos literários, é única a cada leitor(a), ou seja, nem todos(as) que leem a mesma obra, entenderão a mensagem que o(a) escritor(a) quis passar, isso perpassa pelas formas de aprendizagens, leitura de mundo desses(as) leitores(as). Neto e Silva (2016, p. 215) pontuam que “Cada ser humano tem a sua forma de pensar, ver, criar e interpretar”, sejam escritores(as) e/ou leitores(as). Que a partir da Literatura as pessoas percebem o ser político, tendo a possibilidade de pensar e repensar a vida.

A partir dos textos literários é possível viajarmos por países, conhecermos lugares e povos com suas diversidades culturais e identitárias, além de pensarmos acerca da condição humana no mundo. De acordo com Barbosa (2016, p. 143):

A literatura se configura como uma legítima interpretação de imagens construídas sobre os lugares e os homens. Ao estabelecer um encontro entre diversos saberes e superando o isolamento das disciplinas, a arte literária compreende em si, um arcabouço de conhecimentos para a compreensão subjetiva do espaço, lançando um olhar atento acerca das dinâmicas do território e sobre as transformações das sociedades e dos lugares. O discurso presente no painel literário preenche, portanto, todos os requisitos para enriquecer a linguagem e fortalecer os argumentos do conhecimento socioespacial.

Dessa forma, acreditamos que a Literatura tem valor. Para Compagnon (2010), o valor literário se destaca na admiração a uma variedade de leitores. O autor, ao referenciar Raymond Williams, diz que esse valor está ligado à vida, à força, à intensidade da experiência de que ela seria testemunho. Claro que a concepção de valor parte da visão de mundo e experiência de vida de cada pessoa, o que a faz ser mais valorizada por uns, do que por outros. Vasconcelos (2019) entende que o valor da Literatura pode ser reconhecido também por políticas públicas de promoção ao livro e à leitura. Nesse sentido, destacamos a necessidade de criação de mais bibliotecas com amplo acervo de obras literárias, oportunizando, assim, à população, um maior acesso ao universo da Literatura. Como destaca Todorov (1939, p. 76), a Literatura tem poder:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. [...] nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Acreditando nesse poder, inspirados(as) e apaixonados(as), é que vemos e compreendemos as obras literárias, desejando que esse poder transformador se propague, em especial àqueles(as) que estão em processo de formação do senso crítico. Entendendo a Literatura como manifestação artística, é uma forma de comunicação capaz de possibilitar visões e leituras de mundo, agregando conhecimentos ao(à) leitor(a), que ela nos salva do mundo e de nós mesmos. É importante destacar que a leitura literária parte do interesse, oportunidade dos sujeitos sociais, assim como das motivações em casa, na escola e em outros espaços, ou seja, é essencial que haja introdução, fomento à leitura. Dessa forma, nosso desejo no âmbito educacional é sermos reflexos de inspiração, motivação à linguagem artística literária, dialogando com o ensino geográfico, possibilitando que os sujeitos ampliem suas perspectivas de vida e expandam seus horizontes.

Nesse pensamento, Rego (2013) destaca a necessidade de despertar o interesse pela leitura a partir da forma de educar os sujeitos, pois estes precisam estar em contato com bibliotecas, com livros, para que a Literatura se mantenha viva, assim, reafirmamos o contato com o fazer geográfico. Como salienta Marandola (2010, p. 23) que as obras literárias sejam “como fonte de conhecimento necessária para o mundo tal como é, e tal como ele pode ser”.

Nesse sentido, Compagnon (2010, p. 35) pontua que “há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária... o sujeito é um leitor solidário, um intérprete de signos...” Assim, a leitura e a Literatura terão importância e, conseqüentemente, tendem a contribuir para o desenvolvimento crítico, bem como intelectual dos sujeitos.

No entanto, pensando na contemporaneidade, a leitura de textos literários, às vezes, parece despercebida ou distante do cotidiano dos jovens, haja vista o fácil acesso às outras formas de linguagens, como filmes, novelas, séries, entre outros. Diante disso, gostaríamos de frisar a importância que as obras literárias têm em instigar o sujeito, tanto a prática da leitura, como também a imaginar e a refletir criticamente. Pensando em alternativas para atrair os jovens à leitura e à escrita literária citamos as *fanfics*⁸, agregando possíveis contribuições ao interesse à leitura das obras, ou seja, uma reinvenção das narrativas por meio das tecnologias digitais.

⁸ Quando os fãs de alguma história as reescrevem, dando contribuições diferentes das originais, mas que se apropria dos personagens, do espaço, de partes da história

Assim, buscamos um diálogo geo-literário, percebendo nas travessuras inter/transdisciplinares a construção de experiências pedagógicas, saberes e conhecimentos que contribuem com e na formação dos(as) alunos(as). Compartilhamos com as ideias de Rego (2013, p. 03), ao destacar que no ambiente que muitas vezes predomina a monotonia oriunda da mecanização do ensino-aprendizagem, o livro pode e deve estar presente como:

instrumento essencial para o professor oportunizar ao aluno uma educação estética motivada pelo universo da linguagem, com seus mais variados ritmos, signos, musicalidades, estruturas sintagmáticas e semânticas... a literatura provoca agitações e desassossegos capazes de fazer com que o ser humano pense o mundo.

Desse modo, a partir da perspectiva da vertente da Geografia Cultural, é possível realizar (des)leitura de obras literárias e análises geográficas tanto sobre a escala local, do lugar, da realidade do sujeito, quanto a global, outros lugares, outras realidades, ou seja, as obras literárias são capazes de conectar leitores a sociedade. Nesse contexto, Castro (2016b) pontua que por meio da linguagem literária e da interação social no contexto educacional, teremos conhecimentos capazes de contribuir para nos posicionarmos frente ao mundo.

A Literatura, ao trabalhar também com o conhecimento geográfico, pode potencializar o ensino da Geografia. Conforme Aranha, Damiani, Filho e Oliveira (2016 p.19), assim como a Literatura, outras linguagens “trazem em si um pensamento espacial, engendram uma imaginação espacial, o que implica noutro desafio”.

Nesse sentido, ao mergulharmos nas travessuras geo-literárias, podemos compreender essa relação, esse diálogo entre ciência e arte, no qual a inter/transdisciplinaridade está presente, agregando mais sentido ao aprendizado dos educandos.

2.3 TRAVESSURAS INTER/TRANSDISCIPLINARES ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA

Ao meu ver, o maior erro que a geografia cometeu foi de querer ser ciência, ao invés de ciência e arte.

Milton Santos

Discutir a relação da Geografia com a Literatura possibilita entrar em contato com a inter/transdisciplinaridade dos saberes, como salienta a epígrafe. Já que a Geografia cometeu esse “erro”, propomos o diálogo com a Literatura, visando travessuras que contribuam para o ensino-aprendizado do estudo geográfico. A princípio, gostaríamos de destacar que a construção de conhecimento se amplia quando há disposição para essa interação entre as disciplinas, numa ideia de complementação e de trocas.

Vale ressaltar que essa aproximação não é algo recente. A relação da Geografia com a Literatura surgiu há séculos, mas quando a Geografia se tornou ciência houve um distanciamento, e por meio da Geografia Humana e Cultural foi possível um reencontro. Segundo Marandola e Oliveira (2009, p. 487), “Geografia e Literatura são duas formas de conhecimento milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas “gavetas” distintas: Ciência e Arte”. Dessa forma, Marandola Oliveira (2009) destaca ainda que havia um certo limite, uma separação entre a Geografia e Literatura, pois a Geografia tornara-se ciência. Ao longo do século XX, essas áreas do conhecimento permitiram-se um entrelaçamento.

No território brasileiro, segundo Uehbe (2018), a partir dos anos 1980, iniciam-se os estudos geográficos literários com o autor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. O diálogo geo-literário também é discutido em cursos de Geografia nos seus componentes curriculares, em pesquisas de mestrado e doutorado. No entanto, no ensino básico, a relação da Geografia com a Literatura não está muito presente, impossibilitando uma maior compreensão da ciência geográfica por educandos(as).

Desse modo, pensando em possíveis travessuras, a partir de uma prosa entre Geografia Cultural e arte literária, destacamos a seguinte reflexão de Aranha, Damiani, Filho e Oliveira (2016, p. 22): “Ao invés de uma geografia informativa, o que nós desejamos é (grifo nosso) uma geografia poética, inventiva, delirante, rasurante”, para que os(as) alunos(as) possam ressignificar e transcender a realidade com o propósito de tornar o ensino-aprendizagem mais prazeroso, mais potente.

Partindo da crença que os conhecimentos literários também são geográficos, uma vez que obras literárias se apropriam dos conceitos paisagem, espaço, lugar, região, território, como característica marcante. Nessa perspectiva, citamos Castro

(2016b, p. 332) fazendo reflexões sobre essas áreas conhecimento e destacando que ambas se abrigam:

A geografia mira o espaço; mais precisamente, o espaço terrestre e tudo o que nele está localizado: arranjos da vegetação, água, relevo e clima; as populações e seus habitantes: cidades, ambientes rurais; movimento e conflitos: migrações humanas, formação e transformação de pequenas e grandes cidades. Já a literatura se realiza por meio das obras literárias, que se utilizam da linguagem verbal de modo a recriar o mundo, descrevendo o espaço e o tempo, mas, também, se interiorizando por personagens e seus sentimentos, pensamentos e enunciações que podem recorrer e expressar qualquer saber ou qualquer tipo de conhecimento. Parece mesmo que a geografia e a literatura abrigam mais do que rejeitam: seus limites são como linhas criadas em um exercício de flexibilidade, elasticidade.

A relação Geografia e Literatura é de troca, de complemento, entendemos esse exercício de elasticidade como uma ideia de soma, de ampliação; já a flexibilização como a capacidade de uma disciplina mover-se com facilidade, essa relação também é possível com a disciplina de História. Embora uma ciência e outra arte, Marandola Jr e Oliveira (2009) chamam atenção que é possível uma aproximação de ambos, não somente no sentido de união, mas uma aproximação que busque uma geograficidade. A partir da relação geo-literária, as obras de arte despertam nos geógrafos a afetividade, sentimentos, emoções, significações e conhecimentos.

Para Carvalho e Goetttert (2016), essa relação entre ciência e arte ampliam as bases do pensamento e do discurso racionalista científico, há produção do conhecimento, troca de aprendizado, sendo uma iniciativa no âmbito da Geografia Cultural, na perspectiva de construir um diálogo entre diferentes linguagens de produção de saberes, quer seja espaciais e/ou temporais.

Assim, Souza (2016, p. 392) pontua que a “Geografia continua sendo Ciência, porém, a Literatura não é apenas uma arte, mas um conhecimento valioso para a análise da realidade”. Um conhecimento recheado de aprendizagens geográficas, como afirma Castro (2016b), estabelecendo essa relação significa lidar com imensas extensões, havendo a abertura para a diversidade.

No diálogo entre a Geografia e Literatura, Marandola (2010) destaca que trabalhos têm se debruçado em tendências materiais, como os fatos históricos, ambientes físicos, estruturas sociais, costumes e ideologias; e trabalhos com tendências imateriais dos quais estão presentes o simbolismo, a imaginação, os

sentidos, características de identidades, de afetividade. O autor salienta que tais tendências se manifestam pela espacialidade ou territorialidade, a arte torna-se documento, como expressão material da cultura, da sociedade, do momento histórico e de um dado território. Já quem busca a geograficidade, entende manifestação artística como potência criadora de mundos, constituindo a realidade, de um lado, e revelando parte da essência do mundo de outro.

Dialogando um pouco sobre essas tendências ao analisar as obras literárias, Castro (2016b) salienta que são duas vertentes de aproximação entre a Geografia e a Literatura. Na primeira vertente, as análises geográficas buscam na Literatura fonte informativa, documental, a compreensão das obras como descrição da realidade observando imagens de lugares, linguajar típico de personagens, descrições de paisagens. Na outra vertente, a Geografia percebe na Literatura a experiência espacial do(a) autor(a) e do grupo social ao qual ele pertence, uma Geografia mais voltada à característica da percepção, observando como a Literatura evocaria a alma dos locais, o cotidiano dos sujeitos em suas vivências com os lugares. Nela, os sentimentos dos personagens estariam presentes, ou seja, a Literatura vista a partir de suas representações.

Acredita-se que não de forma dicotômica, mas no sentido de soma, ambas vertentes descritas pelo autor e autora serão utilizadas na pesquisa. Serão observadas neste estudo os fatos históricos, ambientes físicos, estruturas sociais, costumes, ideologias, descrições de lugares urbanos e campestres narrados nas obras. E em especial, um destaque à arte como potência criadora de mundos, observando o simbolismo, imaginários, sentidos, identidades, afetividade, as características da percepção, observando como a Literatura evocaria a alma dos locais, o cotidiano dos sujeitos em suas vivências com os lugares, ou seja, a geograficidade. A respeito desta, Marinho (2016, p. 301) afirma:

A geograficidade tem consigo o ato humano que promove a totalização-em-curso do ser (homem) a se fazer engajamento ativo no mundo das significações objetivadas, no existir (espaço de existência). Engajamento que é o necessitarismo de “estar fora de mim”, racional e emocionalmente, vivendo a vida em meio a uma esfera de significados; reproduzindo ações, criando e destruindo coisas, recriando-as.

Nesse sentido, a geograficidade tem como princípio a percepção de mundo que os sujeitos sociais têm. Estes que, ao se localizarem em espaços, são capazes de modificá-lo, transformá-lo, ou seja, um agente ativo para a construção da cidadania. Em detrimento da preservação do espaço geográfico é necessário que os recursos da natureza sejam utilizados de forma equilibrada e consciente. Como destaca Oliveira (2017, p. 19):

Uma consideração importante de acordo com este raciocínio para o entendimento da geograficidade é a da constituição de que esta é mais facilmente alcançada com o sentido de localização, ou seja, em Geografia o questionamento essencial para a leitura do meio geográfico num viés existencial é o 'onde?' Assim, a geograficidade é determinada segundo a lógica da localização, de um estar-ai no mundo.

Por meio da geograficidade, os sujeitos sociais são capazes de refletir com criticidade sobre o seu lugar e sua relação com o mundo. Que as obras literárias sejam possibilidades de percepção da realidade, a partir do olhar dos(as) escritores(as) sobre lugares, paisagens, regiões, enfim, para que os leitores encontrem a geograficidade. “Quando buscamos interpretar a geograficidade contida num poema ou num romance, por exemplo, podemos mapear ou cartografar os espaços e os lugares contidos nos mesmos. Do mesmo modo, podemos nos localizar no tempo” (SOUZA, 2016, p. 401).

Segundo Alves e Silva (2016, p. 320), “desvelar a geograficidade é identificar o conteúdo geográfico em sua literatura”, entendemos que a Literatura propõe o despertar dos sentidos, presentes por meio da percepção. Desse modo, há possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, compreender o mundo a partir do que está escrito nas obras literárias por meio dessa percepção de mundo dos autores, de suas representações do espaço geográfico. Dessa forma, o entendimento de mundo significa entender o espaço geográfico, estar em contato com a geograficidade.

Para Marandola Jr (2010, p. 26) “As maiores virtudes entre o diálogo da Geografia com a Literatura é buscar traços essenciais da experiência geográfica do mundo... trazer da experiência do mundo narradas na pena do escritor, sentidos para a Geografia”. Nessa perspectiva, Barbosa (2016, p.147) questiona:

O olhar artístico e o olhar geográfico - manifestado em suas perspectivas críticas - seriam como lentes essenciais para uma

percepção cativante e lúcida da realidade. Por que não dizer que a percepção, o olhar e a observação não são também habilidades atribuídas ao geógrafo, desde os mais remotos insights da disciplina geográfica?

A partir das (des)leituras geográficas das obras literárias, buscamos um olhar crítico e profundo sobre o humano e a vida de uma forma geral. Embora os conceitos geográficos não estejam explícitos nas narrativas, faz necessário que o(a) leitor(a) tenha um olhar, uma maior observação nos detalhes, uma percepção. O(a) professor(a) pode contribuir em direcionamentos para que os(as) educandos(as) estejam atentos aos conceitos geográficos, identificá-los e analisá-los, firmando travessuras entre Geografia e Literatura. Somos nós, que recebemos as mensagens dos livros e que damos sentido às nossas leituras textuais e de mundo!

A consolidação da temática Geografia e Literatura foi possível a partir da Geografia Cultural e Humanista. Solda (2010, p. 90) aponta algumas considerações de pesquisadores a respeito desse campo de estudo:

Com os estudos realizados no campo da geografia e da literatura, os pesquisadores puderam avaliar suas hipóteses de pesquisa referentes aos estudos culturais da geografia, com experiência de quem transcreve percepções concretas e recorrentemente reduzidas ao campo da visão, para citar escritores realistas. O ato de olhar, do ver, da visão que percorre as superfícies buscando suas formas, para então chegar a uma introvisão, à revelação que o sujeito catalisa para si como subjetividade pode ser considerado um recurso recorrente nessas obras literárias.

Nesse sentido, Castro (2016b, p. 344) dá ênfase para a representação nesse diálogo geo-literário, uma vez que, como destaca a autora, “as pesquisas geográficas e as obras literárias são interpretações daquilo que se convencionou chamar de realidade”. Assim, é possível grandes contribuições ao conhecimento geográfico.

É importante destacar que o(a) escritor(a) tem total liberdade de escrever sobre a realidade, baseando-se em fatos do dia a dia, assim como utilizando de sua imaginação em seu processo criacional. Para Alves e Silva (2016, p. 319) “a realidade é composta também por aquilo que não existe, isto é, as coisas pensadas, sonhadas e idealizadas. Compreende-se, assim, que a leitura simbólica do espaço não se opõe à realidade, sendo um modo de interpretação do real”.

Segundo Borges (2008) há três gradações ficcionais na representação do espaço na obra literária: as realistas, as quais o espaço tem bastante semelhança com a realidade; as imaginativas, quando o espaço narrado não existe no mundo real, mas são semelhantes; as fantasistas, aquelas que não possuem nenhuma relação com a realidade. Corroborando com o pensamento de Borges (2008), Pinheiro e Silva (2004) aborda que estão enganados os que pensam que a Literatura é só ficção, apenas mundo imaginado. Para o(a) ator(a), o imaginado e/ou imaginário é construído a partir de elementos da realidade que são ressignificados. A literatura para além do entretenimento, pode transformar uma nação, deslocar pensamentos estabelecidos e propor novas formas (críticas) de se perceber a existência.

Nesse universo ficcional das obras literárias nos quais a realidade está presente, a arte desperta sentidos, emoções dos sujeitos. Nas narrativas e nos versos há conhecimentos de mundo dos(as) escritores(as), eles(as) criam e recriam espaços reais, a partir de suas vivências, do que leram ou ouviram, viram, havendo assim por meio da imaginação a representação do real. De acordo com Marandola Jr e Oliveira (2009, p. 503), “são estes ficcionistas que têm o segredo de criar personagens e colocá-los em um cenário cotidiano, como expressão da vida, penetrando e identificando múltiplas realidades”. Para Rego (2013, p. 08), “a literatura não está alheia ao real, visto que ela convoca os pensamentos, as sensibilidades, os saberes e os sabores que integram a vida humana”.

Partindo do olhar do escritor literário sobre aspectos da realidade, representados nas obras, vários são os interesses dos geógrafos. Como sinaliza Almeida (2010, p. 142):

[...] foi dominada por reflexões sobre a representação literária da realidade geográfica, isto é, o valor documental ou pedagógico do texto literário da realidade para a geografia, o valor fenomenológico pela transcrição da experiência dos lugares ou o valor do reflexo das condições materiais de produção.

Nesse universo real e fictício, cabe ao geógrafo identificar quais leituras são possíveis, qual valor é pertinente para sua análise. Citamos os romances realista-

regionalistas⁹, uma vez que neles os autores têm como característica retratar regiões, lugares. De acordo com Marandola Jr e Oliveira (2009, p. 498):

Mesmo nos romances realista-regionalistas, a sua geografia não se resume à sua espacialidade (a organização material dos objetos espaciais, sua lógica e processo de formação). Estes romances expressam de maneira bastante evidente as ligações entre a sociedade e o seu ambiente, revelando o sentido da geograficidade inerente: um envolvimento geográfico orgânico e visceral.

Dessa forma, salientamos que a Literatura pode contribuir profundamente com leituras e reflexões para o ensino da Geografia. E assim como Uehbe (2018), chamamos a atenção para a não substituição da Geografia pela Literatura. A ideia do estudo é de troca, de complementação. Também ressaltamos que nem a substituição, tão pouco a superposição. Uma não é mais importante que a outra, pois “Literatura e Geografia possuem linguagens próprias, formas de dizer e ver o mundo específicas, que revelam e criam outros mundos” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 502). Embora próprias, essas linguagens, ao serem aproximadas, são recheadas de significados. É importante que haja um equilíbrio entre as áreas de saber, em um estudo dialógico.

Por meio dessa aproximação, ao analisarmos as narrativas literárias pela percepção geográfica, é possível dar ênfase à vida dos personagens, identificando suas relações com aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais em seus respectivos lugares descritos nas obras. Segundo Rego (2013, p. 08):

O texto literário não reduz o leitor ao status de mero receptor de informações. No fundo, ele o desafia para além da razão, mobilizando corpo e alma em experiências pelas quais é possível formar sujeitos capazes de ler e de dar sentido ao mundo.

Ou seja, com a Literatura é possível (re)formulações de conceitos, (re)invenção de valores. Outra característica importante encontrada na Literatura é que nela os marcos temporais estão bastante presentes, contribuindo para a

⁹ Os autores realistas têm como característica escrever sobre fatos que ocorrem na realidade, retratando épocas, caráter documental, visando sobretudo uma crítica social. Já o regionalismo dedicou-se, em especial, a escrever sobre regiões. Ao nos referimos à expressão realista-regionalistas, estamos destacando obras e autores que escrevem sobre a realidade de regiões, lugares, seus costumes, modos de viver, cultura, economia.

compreensão da realidade, ou seja, os aspectos históricos são muito importantes para as interpretações da Geografia, para a compreensão das transformações geográficas. Assim, a relação tempo e espaço fazem-se presentes nessas análises geo-literárias. Como afirma Castro (2010, p. 63), “as obras podem ser consideradas como flagrantes de uma época. No transcurso dessas tramas, pode-se perceber a forma como o autor ou os autores leem a paisagem, descrevem lugares, regiões”. O autor ainda destaca que (2015, p. 39):

O diálogo entre Geografia e Literatura pode acontecer de diversas formas. Três pontos comuns nas abordagens literárias e geográficas podem ser destacados: a dimensão espacial, a dimensão temporal e a atuação dos sujeitos sociais. Um caminho interessante é contextualizar o papel de alguns/ algumas personagens importantes com conceitos geográficos relevantes, como paisagem e lugar.

O(a) leitor(a) pesquisador(a) envolve-se com a leitura, aprende e tem suas considerações sobre ela, representações, imaginações. Com efeito, Marandola Jr (2010, p. 19) afirma que pode haver “uma relação entre espaço e tempo indissociável, trazendo história, cultura e geografia para o centro da compreensão da manifestação artística”. É muito importante desvendar, nas narrativas literárias, a história, os acontecimentos de épocas, suas causas e consequências, contribuindo à compressão de características do presente, a exemplo de transformações do espaço geográfico, as permanências e as rupturas. Nesse contexto, Marandola Jr (2010, p. 11) destaca que “o conhecimento geográfico é inerente à própria realidade e está sendo constituído no cotidiano das pessoas, na efetivação de políticas no campo, em intervenções urbanas, em escritos literários, em manifestações culturais, em crenças religiosas”.

Nessa perspectiva, vale trazer a seguinte reflexão de Neto e Silva (2016, p. 233): “A literatura serve não só para retratar os acontecimentos e desenhar ficcionalmente fatos ocorridos. Ela pode ser, mesmo enquanto arte, suporte para extração histórica, dando base a outras ciências, não só para a Geografia”. Com o propósito de perceber a Literatura com um olhar geográfico e histórico, pautando-se na inter/transdisciplinaridade, Pinheiro e Silva (2004) vêm destacando que as transformações ocorridas no espaço em prol do “progresso” apagam a memória urbana, mas, por meio da Literatura, é possível resgatar a memória. Ou seja, a partir

das obras literárias lugares, paisagens, espaço, territórios são lembrados e conhecidos. Como destaca Brosseau (2007, p. 79):

São muito variadas as maneiras como a geografia aborda a literatura. Embora em termos numéricos os trabalhos que expressem um ponto de vista humanista, também são propostas outras abordagens, tanto no sentido da história, da crítica social, quanto no sentido da linguagem e do discurso.

Assim, cabe ao(a) geógrafo(a) realizar escolhas a depender de seu olhar, de sua análise. Acreditamos na importância do diálogo envolvente, transcendente, travesso da Geografia com a arte Literária.

Desse modo, destacamos que com o encontro geo-literário, os conteúdos são apreendidos de forma mais viva, atraente, entendendo que “esse entrecruzamento não faz parte de uma tradição, mas permite um estudo científico por meio da geografia como ciência, e da literatura com base na subjetividade de um escritor” (SOUZA, 2008, p. 10).

Assim, ressaltamos a importância da Geografia Cultural, em especial do diálogo geo-literário no processo de ensino-aprendizado desses(as) estudantes, tornando-o mais significativo, inovador e prazeroso. É nessa perspectiva que pesquisamos, para que esse diálogo aconteça no âmbito educacional, caminhando na ideia de troca, de complementação, potencializando os conhecimentos geográficos.

Destacamos que é necessário que o(a) professor(a), a partir de um olhar crítico, por meio da perspectiva da Geografia Cultural e do encontro com a geograficidade, identifique as possíveis (des)leituras geográficas para posteriormente realizar análises. Desse modo, o(a) leitor(a), estudante e pesquisador(a), se envolve com a leitura, aprende e tem suas considerações sobre ela, representações, imaginações de um espaço que de fato existe, o espaço geográfico.

Assim, gostaríamos de destacar brevemente as travessuras geo-literária a partir de cada conceito chave da disciplina geográfica: espaço, paisagem, lugar,

território e região. Destacaremos em especial os conceitos de paisagem e lugar, estes que mais serão revelados em nossas (des)leituras das obras literárias.

O espaço geográfico entendido como palco de todas as ações humanas por meio de suas relações com a natureza. Ao longo do tempo, espaços modificam-se, transformam-se, constroem-se e reconstroem-se. Segundo Nuñez (2010, p. 77):

Desde os primórdios da literatura, o espaço aparece como um dos mais importantes recursos de instauração da ficcionalidade[...] da epopeia ao romance, da poesia ao teatro espaços reais servem de suporte a paisagens parcial ou totalmente concebidas pela imaginação, tornando-se o lugar onde fantasias adquirem estatuto de realidade e realidades inconscientes conseguem se materializar.

Já Borges (2008) intitula o estudo do espaço nas obras literárias de toponímia. Para o autor (2008), o espaço tem algumas funções nas obras literárias: caracterizar as personagens, situando-as no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem; influenciar as personagens e também sofrer suas ações; situá-las geograficamente; representar seus sentimentos vividos; estabelecer contraste com as personagens; antecipar a narrativa, ou seja, por meio de marcas presentes no espaço, o leitor é capaz de perceber, prever os caminhos seguintes da narrativa. Pinheiro e Silva (2004, p. 24) chamam a atenção do desafio em fazer leituras de espaços, quer seja por escritores, quer seja por leitores:

Mas o desafio de decifrar também é do leitor, que consome e produz um novo texto, uma nova leitura do espaço, pela polissemia inerente ao texto literário. Portanto, as experiências do escritor e do leitor se confundem, parceiros que são na resignificação dos espaços reais, a ponto de os dois se tornarem cúmplices e companheiros na viagem proporcionada pela leitura. E os discursos sobre o espaço se multiplicam tantas vezes quantas sejam as vozes que discursam e os ouvidos que as captam.

Para se fazer uma leitura do espaço real, vai-se além da aparência que é visível, chegando-se mesmo ao “que não se percebe”, mas sem perder de vista que é principalmente o homem que molda o espaço. Não se deve esquecer que é a sociedade que produz, consome e resignifica o espaço, e a Geografia, uma das possíveis leituras do espaço, é uma prática que também pode se fazer através do discurso literário.

Nessa perspectiva, os textos literários, com os seus cenários e personagens, tendem a contribuir de forma significativa para as reflexões sobre espaço, lugares,

paisagens. A partir da Literatura é possível perceber também as transformações ocorridas nos espaços, sobretudo as relações que os sujeitos sociais estabelecem com e através desses.

Neste momento, faz-se relevante algumas considerações sobre paisagem. De acordo com Santos (2014), paisagem não é sinônimo de espaço. Para o autor (2014, p. 67): “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”. Já Castro (2015, p. 40) destaca que “a paisagem vai além daquilo que se vê. Ela também abarca aquilo que pensamos, sentimos, acreditamos, tememos, desejamos (nossos sonhos) e tudo isso abarca a dimensão do imaginário...” Dialogando com essa conceituação, Cavalcanti (2012, p. 51) aborda a paisagem como:

O domínio do visível, a expressão visível de um espaço; é o domínio do aparente, de tudo que a visão alcança; do que é vivido diretamente pelo corpo, com todos os sentidos - visão, audição, tato, olfato, paladar - ou seja, é a dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade.

Importante destacamos que a paisagem não é apenas o belo, mas também o que consideramos “feio”, ou seja, a paisagem abarca o que vemos e o que sentimos: o físico e o metafísico! Baseando-se em Carl Sauer, Santos (2014) destaca dois tipos de paisagens: a natural e a artificial. Tais paisagens referem-se a representações, quer sejam imaginárias ou reais de um espaço. Na paisagem urbana, percebemos uma heterogeneidade, pois ela abarca aspectos naturais e artificiais e consiste em intensas transformações promovidas pela sociedade.

Dessa forma, compreende-se que a paisagem urbana é cultural, pois, como ressaltam Corrêa e Rosendahl (2007, p. 10): “A paisagem cultural centralizava o interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como resultado da ação humana alterando a paisagem natural”. Para Corrêa (2007), a dimensão cultural do urbano passou a ser percebida, valorizada e problematizada pelos geógrafos a partir da década de 1970. Ele destaca que os termos cultura e urbano possuem grandes relações, assim, as leituras de paisagem no espaço urbano são possíveis por várias perspectivas sociais, econômicas, históricas e culturais. Elencamos as paisagens rurais que também podem ser percebidas nas formas de expressões artísticas. Cene

e Ferraz (2016, p. 238) chamam a atenção de como contribuir com a imaginação dos(as) leitores a partir do conceito de paisagem:

A diferenciação do particular de cada paisagem por suas diferentes características e composição (de cenário), como de rochas, solos, vegetação, relevo, culturas e uso da terra. Isso era feito em seus trabalhos de campo, onde descrevia e representava a partir de sua observação. E assim vai se construindo no imaginário dos leitores...

Dessa maneira, sob a ótica Geografia Cultural chamamos atenção que algumas narrativas trazem consigo representações de paisagens. Seemann (2007) destaca que as paisagens naturais e culturais são fontes de inspiração, enriquecem as obras dos(as) escritores(as), quer sejam poetas, romancista, contistas. Paisagens essas que, como destaca o autor (2007), estão ligadas à memória e às identidades dos sujeitos sociais. Ou seja, por meio das relações com a sociedade, com o ambiente, mencionamos a categoria de paisagem descritas nas obras literárias. Segundo Neto e Silva (2016, p. 215) “A paisagem na literatura expressa muito do que conseguimos decodificar através de nossos sentidos, é subjetiva ao que podemos perceber nas suas entrelinhas”.

Para Castro (2015, p. 41), “A obra literária, inegavelmente, nos permite ler o mundo de forma integrada e superar certa tendência para emoldurar mecanicamente as nossas leituras de paisagem e de lugar a partir de ladrilhos compartimentados”. O autor (2015, p. 50) ainda ressalta que “a contemplação paisagística alimenta a inspiração de poetas e compositores”. Assim, acreditamos que os textos literários exalam paisagens.

Nesse sentido, segundo Marandola (2010, p. 22) “Os geógrafos precisam reaprender a contemplar, com olhar lírico, as paisagens e os lugares”. Lugares e paisagens que, como destacam Suzuki e Silva (2016), não são apenas retratados, mas revelados e contados por essa Geografia literária.

Pensar o conceito de lugar na perspectiva literária é bastante significativo, pois muitas obras retratam o lugar, a vivência dos personagens numa ideia de pertencimento. Na história geográfica, esse conceito foi destacado a partir da Geografia Humana e da Geografia Cultural. Segundo Tuan (1983, p. 151), “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados”. Ou seja, a partir da vivência, do contato do sujeito com determinado espaço, este torna-se lugar.

Carney (2007, p. 124) destaca que “os lugares afetam as pessoas, e as pessoas os criam ou os mudam”. Ao relatar sobre a distinção dos lugares, o autor (2007, p. 124) destaca que “todos os lugares têm traços individuais, físicos e culturais que os distinguem de outros lugares [...] as pessoas modificam a paisagem natural de um determinado lugar simplesmente ao ocupá-lo”. Nesse sentido, o valor, o significado dos lugares dependem da relação e da história para cada sujeito. Dessa forma, cada lugar é único.

Para Cavalcanti (2012) o lugar representa um ponto no espaço, o mesmo também é associado com a ideia de local, o qual as experiências cotidianas estão implicadas no seu significado como as familiaridades, afetividades e identidades. A autora Cavalcanti (2011, p. 06) chama a atenção que “A cidade e o espaço *campesino podem ser vistos* (grifo nosso) como lugar, pois é onde se produz um modo de vida, onde se exerce no cotidiano a cidadania, onde se produz as práticas sociais cotidianas com sua irredutibilidade”.

Nesse sentido, segundo Carney (2007, p. 129) “para os geógrafos, o estudo de lugares abre uma variedade de perspectivas. Lugares fornecem ancoragem emocional para a atividade humana”.

Ao conceito de lugar, Augé (1994) define-o como identitários, relacionais e históricos. Caso não exista uma dessas características será definido como um “não-lugar”. Segundo o autor (1994, p. 74), “o lugar e o não-lugar são, antes polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”. A título de exemplo, poderíamos citar, parafraseando Augé (1994), os “não-lugares”, vias aéreas, rodoviárias, os meios de transportes, aeroportos, estações, supermercados, entre outros.

Assim, o conceito está bastante imbricado nas narrativas, os autores utilizam os lugares para neles narrarem seus enredos entrelaçando ficção e realidade, ou seja, é impossível ter uma trama literária que não tenha o lugar, o sujeito e a história, ambos relacionando-se constantemente.

Ao refletir sobre lugar e Literatura, Leopoldino (2017) destaca que os escritores literários teriam dificuldade de desenvolver suas obras sem a utilização dos lugares e as configurações geográficas, mesmo fictícias, eles pensam lugares como elemento para desenvolver suas histórias, tornado a leitura geográfica indispensável à Literatura. E numa complementação, a autora aborda que a Literatura pode servir como fonte preciosa e capaz de avaliar a originalidade-personalidade dos lugares,

forneendo exemplos dinâmicos de análises espaciais. Leopoldino (2017) sinaliza ainda que a Literatura Contemporânea tem a característica de dar maior relevância ao lugar e seus significados, as relações com/entre sujeitos e entre os lugares. Conforme Borges e Silva (2016, p. 117) argumentam:

A arte literária tem a competência de dar visibilidade aos lugares. De posse dessa habilidade a Geografia tem possibilidades múltiplas, na apreensão e apresentação da essência do lugar, via estudo da percepção, atitudes, valores representados pelo indivíduo e pela coletividade.

Dessa forma, como salientam Alves e Silva (2016, p. 326), compreendemos que “A literatura está intrinsecamente ligada ao cotidiano ordinário das pessoas, e às suas experiências e sentimentos construído em relação aos lugares”. Possibilitando ao(a) leitor(a) conhecer e viajar pelos lugares apresentados nas narrativas.

Às obras literárias, o território também se faz presente. Sobre o conceito, Cavalcanti (2012, p. 53) salienta que:

Um dos elementos que tem sido apontados para sua constituição é o de poder – o poder do Estado, os múltiplos poderes exercidos na gestão regional e local, os poderes individuais e de grupos [...] O território é considerado como campo de força, de múltiplas escalas, produzido por meio da apropriação e da ocupação de um espaço por um agente.

Segundo Borges (2008, p. 06) “No conceito de território temos a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária. O cenário ou a natureza transformar-se-ão em território quando houver uma disputa por sua ocupação e/ou posse”.

É possível também perceber a região nos textos literários. Compreendemos esse conceito a partir de singularidades de determinados lugares. Para Leopoldino (2007, p. 31) a região “está presente nas produções geográficas percorrendo uma trajetória epistemológica onde seu surgimento consolida-se, paralelamente, ao pensamento geográfico como conhecimento científico moderno”. Citamos como exemplo, a região Nordeste, dos sertões, bastante narrados em obras.

A disciplina geográfica tem importância como conhecimento científico ativo perante a sociedade, e compreendendo a relação da vivência e das ações humanas com a natureza, como foi destacado. Acreditamos que a relação

inter/transdisciplinaridade da Geografia com a Literatura contribui para à compreensão de mundo, assim como nos possibilita aprender mais acerca do universo geográfico. Para Barbosa (2016, p. 149), “As obras literárias abordam as questões dos homens e de seu ambiente de modo a permitir que elas permaneçam vivas aos olhos e às almas dos leitores”.

Nesse sentido, refletiremos de que forma a Literatura Baiana, em especial o romance, a poesia e o conto podem dialogar com a ciência geográfica, em especial com os conceitos de paisagem e lugar, como afirma Brosseau (2007, p. 19) que a literatura pode “servir de fonte preciosa, capaz de avaliar a originalidade e personalidade dos lugares (*sense of place*) e fornecer exemplos eloquentes de apreciação de paisagens”. Observaremos a temática campo e cidade, possibilitando entendimento de temas correlacionados, a exemplo socioespaciais, ambientais, geopolíticos, urbanos, rurais, entre outros.

Acreditamos que a poesia surge a partir da afinidade, interação que os(as) escritores(as) possuem em suas formas de ver, sentir e compreender a vida. Para muitos, ela é uma arte que dá sentido à vida, pois em contato com a força da sua linguagem poética, o(a) escritor(a) e/ou leitor(a) podem aproximar-se mais de si mesmo revigorando energias e ressignificando valores. Para Miranda (2015, p. 45):

Os poetas e demais artistas parecem possuir uma habilidade natural para perceber o mundo com o espanto de vê-lo pela primeira vez. Nesse sentido, poetas que se aventuram pela descrição de paisagens parecem, naturalmente, dar conta de todas as dimensões que ela apresenta.

A categoria da paisagem ajuda ao escritor, em especial do gênero da poesia a colorir, da vida ao seu texto, nesse sentido, Carvalho e Goetttert (2016, p. 371) abordam que lugares, paisagens, espaços contribuem a criatividade na construção poética,

Nasce como resultado e expressão das relações do poeta com os espaços de vida e memória, de onde vertem as percepções-expressões de lugares/paisagens, narrados/reinventados como imagens-poéticas, criações de “deslimites”, que colocam em evidência uma espetacular criatividade em (re)significar as ordens, coisas, espaços, lugares e paisagens.

A poesia pode ser interpretada pela Geografia. Para Gomes Jr (2016), esse gênero é compreendido como elemento imaterial e simbólico. Carvalho e Goettert, (2016, p. 374) discutem sobre o conceito de território e a poesia:

O território da poesia e a territorialidade do poeta parecem amalgamados para um criativo processo de desterritorialização em transfigurações no/com o mundo. As territorialidades do poeta e da poesia parecem fluir sobre um fluxo temporal descontínuo, não linear, descompassado, fragmentado, que aparece como imanência/subjetividade que na territorialidade cria sua conexão fluída/inventiva com o seu mundo e outros. Pela poesia, a territorialidade do poeta para ser um fluxo que atravessa o devir de seus leitores, quando espacialidades e temporalidades se estilhaçam em multiplicidades de agenciamentos.

Ao dialogar sobre o conceito de espaço, Barbosa (2016) salienta que a poesia possibilita ricas e inusitadas interpretações sobre esse conceito, assim como maior fertilidade ao texto científico. Já Braga e Costa (2016, p. 308) acrescentam:

O espaço geográfico, em sua diversidade, comporta uma infinidade de “imagens” e discursos que, inspirados em sua forma e constituição, acabam por atribuir a este uma poética que constitui sua forma/característica/identidade e entendimento enquanto espaço geográfico particular e estabelece o que podemos denominar de “geografia poética”.

Dessa forma, a poesia pode ser analisada por um olhar geográfico, uma vez que “A geograficidade do poeta está, então, nos subterrâneos do espaço de existência” (MARINHO, 2016, p. 315).

Em *A poesia baiana no século XX*, Assis Brasil traz alguns importantes poetas desse período. Na obra, o autor (1999) fala brevemente dos poetas e da sua poesia, a exemplo de Eurico Alves, Hélio Simões, Firmino Rocha, Fernando Sales, Wilson Rocha, Walker Lima, Silva Dutra, José de Oliveira Falcão, Ad seixas, entre outros. Muitos dos poemas dos(as) autores(as) presentes no livro de Brasil (1999) possibilitam-nos um olhar geográfico sobre a Bahia. Com efeito, acreditando que esse gênero contribuirá dando significados para nossa pesquisa, selecionamos os seguintes textos que serão usados ao longo das oficinas: *Bahia*, de Firmino Rocha e *O sertão*, de José de Oliveira Falcón. À parte da obra de Brasil, optamos também por trabalhar com os poemas *Ruínas de Sonhos*, *Lembranças de um Vaqueiro* e *Galopes Selvagens*, extraídos do livro *Cicatriz do Silêncio*, de Adriano Eysen.

Destacamos outrossim a geograficidade presente na prosa, sobretudo nos romances, estes que em forma de narrativas são capazes de revelar lugares, regiões, espaços, paisagens, territórios. Ao entrar em contato com esse gênero, leitores e autores encontram mundos reais e imaginários, apreciando, aprendendo, dialogando com a arte. Como aborda Neto e Silva (2016, p. 235):

A literatura descreve as manifestações culturais, sociais, políticas, econômicas e entre outras. E o poema, romance ou qualquer outra expressão artística podem contribuir, de certa forma, para o estudo da Geografia, seja na transcrição da experiência dos lugares, nas transformações espaciais, na delimitação territorial, no descrever a percepção da paisagem ou outra abordagem intrínseca ao estudo geográfico, numa perfeita relação entre ficção e realidade.

Assim, foi a partir da abordagem da Geografia Cultural que segundo Araújo (2007, p. 67) “os estudos sobre a relação entre Geografia e Literatura se aprofundaram, buscando perspectivas experienciais em obras romanescas” para que o conhecimento geográfico seja mais significativo. Para Brosseau (2007, p. 36), embora

O romance não recorrer a categorias, conceitos e regras de encadeamentos das preposições, como esperamos encontrar no discurso científico, ele nos oferece o espetáculo da paisagem – e as impressões da alma dela – em toda a sua fresca presença.

Ao se referir ao romance Brosseau (2007) destaca ainda que é possível uma reflexão sobre aquilo que a obra romanesca pode representar ao geógrafo(a). Nesse sentido, acreditamos que a linguagem literária com o seu poder artístico possibilita um olhar sensível com as paisagens e os lugares. E por que sensível? Sensível, porque o geógrafo entra em contato com a arte, instigando para uma melhor percepção dos sentidos.

O livro *Floração de imaginários: o romance baiano no século XX*, do autor José de Souza Araújo, traz grandes contribuições para conhecer obras e escritores(as) da Literatura Baiana, uma obra de enorme riqueza. Em seu estudo, Araújo (2008) faz análises críticas e geográficas, a exemplo de Xavier Marques, João Gumes, Herman Lima, Clóvis Amorim, Adonias Filho, Jorge Amado, Ruy Santos, Ariovaldo Matos, Ciro de Carvalho Leite, João Ubaldo Ribeiro, Herberto Sales, entre outros.

Com base na leitura do livro de Araújo (2008), fizemos as escolhas dos romances que serão utilizados nesta pesquisa: *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho; *Cascalho*, do autor Herberto Sales; *Grito da Terra*, de Ciro de Carvalho Leite; *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, de Guido Guerra e *As Voltas da Estrada*, de Xavier Marques.

Em sua leitura geográfica sobre as narrativas, Araújo (2008) relata que elas fazem observações sobre a evolução tempo e espaço, relação campo e cidade; sobre aspectos da seca, das migrações, guerras, de extrativismo nas minas, de plantações, criações de gados, características hidrográficas, a exemplo do rio São Francisco, assim como dos aspectos históricos que retratam lugares, a saber: o sul da Bahia, o Recôncavo, a Chapada Diamantina, o Litoral, como a cidade Salvador, dos Sertões Baiano, entre outros.

Em *Luanda Beira Bahia*, de Filho (1971), Araújo (2008) destaca como um romance que possui interlocuções dialógicas de culturas, etnias e identidades “revaloriza espaços geográficos, latitudes éticas e humanas onde o respeito à diversidade e às diferenças é matéria essencial” (ARAÚJO, 2008, p.159). Podemos notar a água do mar presente na ação dos personagens, em seus percursos deslocamentos da Bahia, em destaque a cidade de Ilhéus à Luanda.

No Romance *Cascalho*, o pesquisador (2008) destaca que Sales (1994) narra a região diamantífera da Bahia; os conflitos de ambições, vivências em garimpos, fortuna e miséria. Sales (1994) exhibe representações da Chapada Diamantina, em especial a cidade Andaraí.

Araújo (2008) relata que na obra *Grito da Terra*, Leite (1964) narra vivências do sertanejo da região de Feira de Santana, conhecimentos de costumes agro-pastoris da caatinga, relação campo/cidade.

Em *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, Araújo (2008) salienta que Guerra (1973) conta história de um passado em Santaluz, tempo de coronel, terra com vasta riqueza em seu solo: as minas, as rochas.

Já em *As Voltas da Estrada*, Araújo (2008, p. 21) ressalta que Marques (1930) retrata “características do Recôncavo baiano, com seu filtro dos últimos espasmos da aristocracia rural, seus solares e engenhos, costumes e expectativas[...]” o escritor também denuncia o sistema escravista. Em se tratando do gênero conto também é possível leituras geográficas, leituras de mundo. Segundo Mattos (2000, p. 09), “O conto vem do tempo dos primitivos. A mais antiga expressão da literatura de ficção

atravessou séculos para, na forma escrita, torna-se leitura prazerosa e/ou crítica do mundo”.

Ciro de Mattos, em seu livro *O conto em vinte e cinco baianos*, vem fazendo uma breve biografia comentada de vinte e cinco escritores(as) baianos(as). Logo após, o organizador traz um conto de cada autor(a). Entre esses(as) autores(as), citamos: Adonias Filho, Ariovaldo Matos, Cyro de Matos, Osvaldo Dias da Costa, Helena Parente Cunha, Hélio Pólvora, Jorge Medauar, Vasconcelos Maia. Com a obra de Mattos foi possível conhecer contos da Literatura Baiana, sendo importante para perceber nesse gênero espaços geográficos baianos. Utilizaremos nas oficinas os contos: *Como um Velho Saveiro*, de Osvaldo Dias da Costa, presente no livro *O conto em vinte e cinco baianos*. Em especial, podemos perceber o quanto a Literatura pode potencializar o ensino da Geografia a partir de narrativas em que ficção e realidade se entrelaçam, levando-nos a percorrer as veredas da cidade e do campo.

2.4 NAS VEREDAS DA TEORIA SOBRE CIDADE E CAMPO

‘Campo’ e ‘cidade’ são palavras muito poderosas

Raymond Williams

Para enveredarmos na teoria de campo e cidade, iniciamos com a epígrafe acima afim de ressaltarmos o poder dessas duas palavras, pois ambas representam experiências sociais, políticas, econômicas e culturais das ações humanas em seus espaços. Uma temática importantíssima para ser trabalhada na sala de aula, como destaca Cavalcanti (2011, p. 05): “O conceito de espaço urbano (ou, de sua expressão mais empírica: cidade) tem ganhado importância no ensino de Geografia, por contribuir para a compreensão da espacialidade contemporânea”. Embora a autora se restrinja a cidade, pois é o foco de seu estudo, acreditamos que haja também essa contribuição sobre a compreensão dos espaços campesinos, sendo bastante proveitosa para o estudo geográfico.

A princípio é importante destacar que os termos rural e urbano não são sinônimos de campo e cidade. Marques (2002, p. 97) esclarece a definição de área urbana segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

No Brasil, adota-se o critério político-administrativo e considera-se urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila). Segundo o IBGE, é considerada área urbanizada toda área de vila ou de cidade, legalmente definida como urbana e caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano, e aquelas reservadas à expansão urbana.

Assim, entende-se que no Brasil toda cidade é um espaço urbano, mas nem todo espaço urbano é uma cidade, ou seja, alguns espaços do campo com aglomerações de habitações e serviços já são considerados como espaço urbano, a exemplos dos distritos.

Aqui destacamos alguns teóricos(as) e como eles(as) conceituam cidade e campo. Segundo Cavalcanti (2011, p. 02), “na investigação geográfica, busca-se compreender, pela análise da cidade, a lógica que orienta a produção e a reprodução do espaço urbano, ressaltando suas dimensões materiais e simbólicas”.

Henrique (2012) pontua ainda que o arquétipo urbano é um espaço marcado por fluidez, por uma globalização, com aparatos das técnicas, ciência e informação. Nesse espaço, a relação do ser humano com o tempo e sua efemeridade interfere diretamente nas suas relações interpessoais e nos seus comportamentos psicológicos afetados pelo dia a dia da cidade.

Para Cavalcanti (2019, p. 136) “A cidade é um espaço que se produz e se reproduz para viabilizar coletivamente as atividades/necessidades cotidianas das pessoas que abriga: morar, dormir, se abrigar, trabalhar e estudar, comprar”. Ou seja, é o espaço de habitações, bens e serviços. Um importante pensamento da autora em uma outra obra, Cavalcanti (2020, p. 45):

Para compreender a dinâmica da produção da cidade, destaco o papel dos movimentos da sociedade e de seus agentes. Os diferentes segmentos e grupos sociais são agentes dessa produção, ligando assim a configuração do espaço urbano com a participação cidadã na luta pelo direito pleno à cidade.

Essa luta deve ser constante, haja vista, diante de tantas desigualdades presentes nas cidades, das quais nem todos têm acesso aos bens e serviços que a

cidade oferece, ou seja, o direito à cidade¹⁰ é negado, em destaque aos grupos considerados excluídos.

Dessa forma, segundo Cavalcanti (2012), o tema tem ganhado importância na educação geográfica. Para a sua compreensão, faz-se necessário conhecimento interdisciplinar, interessante olhar da cidade a partir das vivências, das paisagens.

Já sobre as discussões da teoria sobre a temática campo, segundo Williams (2011, p. 11) ‘A forma de vida campestre’:

Engloba as mais diversas práticas — de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais —, e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e plantations às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais.

Ou seja, as atividades campesinas são principalmente ligadas à terra e suas produções atendem demandas da cidade. Dessa forma, assim como Marques (2002), acreditamos que essas categorias não podem ser entendidas separadamente, nem hierarquizadas. Ambos se diferenciam sim, mas não como uma oposição. É importante destacar que há uma complementação, uma relação entre eles, a qual possibilita contribuições. E como destaca Rua (2005, p. 46), cidade e campo têm sua própria história, “que se materializa em espacialidades/territorialidades próprias”

Diante de falsas idealizações que somente na cidade há progresso, desenvolvimento, assim atribui-se a ela um ar de superioridade, uma dicotomia. Em contrapartida, as vivências no campo foram diminuindo, as pessoas desejam, almejam a cidade, acarretando esvaziamento do campo, e uma série de problemas nas cidades, pois essas não tinham planejamento para atender essa população migrante. A dicotomia é prejudicial à relação campo e cidade. Nesse sentido, Marques (2002, p. 100) diz:

Definições elaboradas sobre o campo e a cidade podem ser relacionadas a duas grandes abordagens: a dicotômica e a de continuum. Na primeira, o campo é pensado como meio social distinto que se opõe à cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre as diferenças existentes entre estes espaços. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana.

¹⁰ “O direito à cidade é considerado, atualmente parte dos direitos humanos a serem garantidos pela sociedade civil e pelos organismos internacionais” (CAVALCANTI, 2012, p. 09).

Acreditamos na importância da relação campo/cidade, interagindo, compartilhando as funcionalidades. Com efeito, o espaço rural também é atingido pelo meio “técnico científico informacional”, ou seja, a modernização não está apenas na cidade, a agricultura moderna muito explica essa afirmação. No entanto, as questões de desigualdade relacionadas ao acesso à terra, acesso à técnica, à informação, em sua maioria das vezes, limitam-se àqueles que possuem a concentração das terras brasileiras. Dialogando sobre as ligações cidades e campo associando com o desenvolvimento do espaço agrário, Cavalcanti (2019, p. 137) destaca que:

A estrutura social ali presente produz espacialidades diferentes e ligadas por redes (de transporte, energia, telecomunicações), resultando em relações complementares intensas, tanto no que se refere às atividades econômicas, quanto à vida social e às expressões culturais.

Dessa forma, segundo Cavalcanti (2019, p. 138), “pode-se compreender a cidade com as mútuas influências econômicas, culturais e ambientais que tem na sua relação com o campo, enquanto uma espacialidade distinta”. Nesse sentido, a autora (2019, p. 137) ressalta ainda que, entendendo a temática como dialeticamente relacionada, “busca compreender as duas espacialidades como parte de uma totalidade complexa e inseparável, permitindo identificar o processo e as contradições que lhes são inerentes”.

O campo brasileiro é também uma alternativa de casas secundárias para uma população elitizada da cidade, como alternativa de lazer, “conforto”, “silêncio”, “paz”, “tranquilidade”, das quais aparatos tecnológicos digitais e meios de transporte estão ao alcance deles(as), ou seja, mesmo estando em espaço rurais, há bastante presença da urbanidade e do estilo de vida nas atividades dessas pessoas. Rua (2005, p. 53) destaca que:

A resignificação do rural, através da ideia de “urbanidades no rural” inclui uma série de representações que reapresentam este espaço como um “outro rural”. Este, concebido, primordialmente, na cidade, como uma nova mercadoria, comporta a face “natural” da natureza e porta uma virtualidade, que se torna real.

Enquanto isso, o pequeno agricultor, o sem-terra, aqueles que vivem na terra e a têm como seu modo de viver lutam para sobreviver nos espaços rurais, perpassando por dificuldades, por preconceitos. Essa população camponesa, agricultores(as) familiares, produzem os alimentos que são basilares à alimentação dos(as) brasileiros(as), pois a agricultura moderna, sediada pelo agronegócio¹¹ tem um viés mercadológico voltado para a exportação. Assim, de acordo com Marques (2002, p. 96):

O avanço dos movimentos sociais no campo e a intensificação de suas lutas, têm tornado cada vez mais evidente a necessidade de se elaborar uma estratégia de desenvolvimento para o campo que priorize as oportunidades de desenvolvimento social e não se restrinja a uma perspectiva estritamente econômica e setorial.

Nessa perspectiva, é necessário que a população do campo possa ter acesso à terra, obtenha políticas públicas que contribuam ao seu desenvolvimento, aparatos tecnológicos beneficiando a produção, para que possam ter uma vida de qualidade nesse espaço.

Uma outra questão bastante presente, que demarca espaços, é a hierarquização das cidades a partir de seu tamanho, de suas funções, ou seja, as pequenas cidades muitas vezes são vistas como espaços rurais, são menosprezadas, quer seja por parte do desenvolvimento das ações públicas, quer seja pelos habitantes das grandes cidades. Assim como Sposito (2004) analisa, acreditamos que cada cidade tem suas expressões identitárias, ou seja, para entendê-la é necessário não só viver, observar, mas conhecer vários fatores de sua história, sua geografia, seus aspectos econômicos, sociais e culturais. É certo que as cidades pequenas têm uma marca de ruralidade muito forte. Nesses espaços, moradores realizam atividades campesinas, mas estão nos critérios de cidades.

Muitas pessoas vão em busca do progresso das cidades grandes, das capitais, e acabam enfrentando sérios problemas econômicos, de moradia, de saúde, educação, dentre outros. Esses centros urbanos não possibilitam em geral aos(as) imigrantes os bens e serviços que eles(as) precisam. Sabemos que cidades pequenas também sofrem com essa realidade, porém em uma proporção menor.

¹¹Tipo de produção agropecuária que valoriza monocultura, agricultura moderna, exportação, fortes relações com sistemas industriais, visando o lucro.

Nesse sentido, acreditamos que a discussão da temática no âmbito escolar é de suma importância, uma vez que são espaços de vivências dos educandos, como destaca Cavalcanti (2012, p. 08) ao dizer que a Geografia escolar vem contribuindo para “a formação das pessoas que desejam garantir a todos a possibilidade de se manifestar, inclusive sobre formas de viabilizar a realização de suas necessidades e de compreender e resolver os problemas cotidianos desses/nesses espaços”.

A seguir, destacamos como alguns pesquisadores(as) da relação geo-literária percebem a cidade nas narrativas literárias. Para Araújo (2007), os estudos voltados para a Geografia Cultural inauguraram um novo olhar sobre a cidade. Segundo a autora, através da Literatura há um diálogo entre as vivências urbanas e a sensibilidade dos(as) escritores(as), uma vez que por meio da “literatura pode-se extrair mais que a interpretação e análise dos signos arquitetônicos e espaciais: ela interpreta e relata os dilemas humanos, seus sentimentos e as ações vividas no espaço” (ARAÚJO, 2007, p. 63). Não se trata aqui apenas do formato da cidade, mas também das interações humanas nesse espaço, essas que lhe dão forma e vida.

Meireles e Portugal (2012, p. 21) citam que o diálogo entre a Geografia e a Literatura “aproxima vivências urbanas, compreensão espacial e a sensibilidade dos artistas. Importantes geógrafos têm considerado a literatura como relevante linguagem/instrumentos para compreender os diferentes espaços e lugares”. A partir das obras literárias é possível perceber, conhecer, compreender cidades de forma mais pedagógica.

As obras literárias narram as construções e as transformações que ocorrem na cidade. Nogueira, Petarnella e Soares (2016, p. 86) acrescentam que “forma de organização social mais tipicamente contemporânea e que melhor representa a maneira como o homem atual se relaciona com o espaço e o tempo”. A Literatura revela-se como uma possibilidade de compreender e decifrar tais formas de organização social presentes na cidade. As cidades nas obras literárias podem ser reais, idealizadas, sonhadas e imaginadas. Conforme Araújo (2010, p. 33):

Decifrar as cidades é uma forma de fazer frente a esses desafios, onde a geografia e a literatura encontram-se como leituras possíveis. Ao mesmo tempo em que se aproxima ficção e realidade, observa-se

também suas diferenças e constata-se que as narrativas literárias, geográficas e históricas são formas de percepção do real.

Em uma obra o escritor pode abordar diferentes lugares ou paisagens de uma mesma cidade, ou seja, a cidade tende a aparecer como cenário das narrativas. “A cidade real e a cidade imaginária misturam-se nos movimentos das mudanças nelas provocadas” (ARAÚJO; SILVA, 2016, p. 210). Desse modo, os escritores se dispõem a trazer os elementos, características desses espaços, assim o leitor pode fazer suas leituras das cidades considerando o período em que a obra foi escrita.

Ao discutir sobre a Geografia Cultural e o urbano, Corrêa (2007, p. 167) aborda que a partir da dimensão cultural o espaço urbano pode ser analisado, ampliando a compreensão da sociedade pelo viés econômico, político, sociais “assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade, na rede urbana e no processo de urbanização”.

Para Pinheiro e Silva (2004, p. 21) “Sempre existiu uma íntima relação entre a literatura e a cidade. Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase simultaneamente”. Já Araújo (2007, p. 63), ao destacar a relação no Brasil, relata que “desde a formação do romance brasileiro, a cidade está presente em nossa literatura”.

Comunga-se com a discussão de Meireles e Portugal (2012, p. 21) quando defendem que “a Geografia que emerge dos textos literários extrapola a análise unívoca dos signos arquitetônicos e espaciais, contemplado assim, em seus enredos, dilemas urbanos que são humanizados por meio dos sentimentos vividos na cidade”.

É possível perceber a partir de narrativas presentes em obras literárias o processo de produção e reprodução do espaço geográfico, possibilitando observar a organização da sociedade e os mais diversos comportamentos das pessoas que fazem parte dela. Para Araújo e Silva (2016, p.196) “ler a cidade é um exercício de ler imagens”. Esta experiência pode ser percebida sobretudo no processo de criação literária, pois o(a) escritor(a) expõe a sua leitura de mundo de forma criativa e simbólica.

Nesse sentido, Araújo e Silva (2016, p.191) salientam que “a cidade é um elemento privilegiado na arte... a arte, enquanto linguagem, revela, de forma silenciosa, a experiência urbana. Possibilita novos caminhos de sentidos ocultos da cidade, espaço onde se cruzam o tempo, histórias e sentimentos”.

A cidade está presente tanto nos romances, nos contos, como também na poesia, como afirma Reis (2012, p.15): “A cidade torna-se símbolo de modernidade, passando a ser o cenário das vivências e experiências que interessam à nova poesia”. Desse modo, a Literatura, conforme afirma Marandola Jr (2010, p. 290):

Constitui-se representação profunda das relações mais íntimas dos processos, do imaginário e das experiências urbanas. Os lugares e os laços que as pessoas estabelecem com a cidade também são dificilmente acessíveis ao pesquisador que, com seus métodos, não pode detectar o que a Literatura, de forma tão envolvente revela.

Ressaltamos a importância da temática campo e cidade a partir das leituras literárias no espaço escolar, tendo como objetivo potencializar, problematizar o ensino com um olhar geográfico, como salienta Cavalcanti (2019, p. 125):

O desenvolvimento desse olhar é uma meta no ensino de Geografia e, tendo em vista essa meta, professores de Geografia podem partir de sua própria experiência na cidade, destacando imagens, músicas e textos acadêmicos e literários sobre cidade e vida urbana, que circulam nos meios de comunicação, para serem utilizados em suas aulas. Mas, também eles podem solicitar que os alunos façam isso, trazendo materiais que tratem de sua realidade cotidiana.

Nesse sentido, é necessário refletirmos de que forma os escritores baianos escolhidos estão abordando a cidade e o campo, e de que maneira ambos são diferenciados no interior das obras sobre as quais discutiremos no próximo capítulo. Como destaca Castro (2016a, p. 73):

Uma viagem pela geografia linguística do território baiano nos faz perceber os diferentes sotaques e entonação da fala. Como a Bahia é um estado de grande extensão territorial, a sensação que se tem é que o extremo sul da Bahia é um “mundo”, e que as regiões oeste e norte são outro.

Assim, fazemos um convite a você leitor(a) para uma viagem pela Geografia da Bahia por meio de um diálogo inter/transdisciplinar entre a Geografia Cultural e a Literatura Baiana, lendo imagens de cidades e campos desta Bahia tão vasta, repleta de singularidades e de diversidade.

Então...

“Já foi a Bahia? Não? Então vá” nas (des)leituras geo-literárias.

3 “JÁ FOI À BAHIA? NÃO? ENTÃO VÁ” NAS (DES)LEITURAS GEO-LITERÁRIAS

3.1 (RE)VISITANDO A BAHIA: OBSERVAÇÕES GEOGRÁFICAS

*Você já foi à Bahia, nêga?
 Não?
 Então vá!
 Quem vai ao "Bonfim", minha nêga,
 Nunca mais quer voltar.
 [...]
 Lá tem vatapá
 [...]
 Lá tem caruru,
 [...]
 Lá tem munguzá,
 [...]
 Se "quiser sambar"
 Então vá!
 Nas sacadas dos sobrados
 Da velha São Salvador.
 [...]
 Dorival Caymmi*

Iniciamos este capítulo tendo como epígrafe a música de Caymmi (1941) *Você Já Foi à Bahia?*, haja vista que a linguagem musical também dialoga com saberes geográficos. Embora a música citada acima se restrinja a aspectos da cidade de Salvador, a qual o compositor a chama de Bahia, é possível perceber que tais características culturais estão presentes em outros lugares baianos.

Dessa forma, questionamos neste capítulo “Você Já Foi à Bahia? Não? Então vá!” a fim de fazer-lhe um convite a uma viagem à(s) Bahia(s) por meio da Literatura Baiana. Ao lermos obras literárias, conheceremos um pouco da(s) Bahia(s), sobre a Geografia de alguns lugares e paisagens de cidades e campos.

Nessa perspectiva, gostaríamos inicialmente de expor observações sobre a Geografia da Bahia, trazendo um pouco de suas características. O estado da Bahia está localizado na região Nordeste, seu território possui 564.733.080 quilômetros quadrados, sendo o quinto maior estado do país em extensão territorial. É dividido em 417 municípios, tendo como capital a cidade de Salvador. A figura (01), abaixo, mostra a localização da Bahia no Nordeste brasileiro, o qual também podemos destacar as sub-regiões naturais, em especial os sertões baianos que serão dialogados na pesquisa. Segundo o IBGE (2019), a população baiana chega a quase 15 milhões de

habitantes, o estado mais populoso do Nordeste, sendo que a capital é a quarta cidade mais populosa do país.

Figura (01): Localização da Bahia no Nordeste brasileiro



Fonte: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fweb.moderna.com.br%2Fhtml%2Fhtml5%2Fm18_ARhis9_u01in_sertao%2F&psig=AOvVaw2Dnplk1LAEP48E-mwFqAF0&ust=1651075878735000&source=images&cd=vfe&ved=0CAwQjRxqFwoTCPCF-6aPsvcCFQAAAAAdAAAAABAr, (2022)

Pensar a Geografia da(s) Bahia(s) a partir de obras da Literatura Baiana é importante, pois essas obras literárias podem contribuir para a compreensão das expressões identitárias baianas, como salienta Rego (2013, p. 09) sobre o hábito da leitura e sua relação com identidades:

De forma diversa, a leitura funda identidades, colocando o ser frente a frente com o espetáculo da existência humana. Na sua ausência

absoluta, a sociedade está fadada ao embrutecimento, à aridez de espírito, ao desencantamento pela arte de viver.

A partir da arte, como já foi sinalizado, é possível que o sujeito entre em contato consigo mesmo, com seu eu, com sua(s) identidade(s), quer seja as que já possui, ou as que estão em construção. Entendemos como identidade, algo único, singular, presente na vida dos sujeitos sociais, construída ao longo de sua história. Na visão de Fischer (2002) arte é e sempre será necessária!

Castro (2016, p. 71) questiona sobre “Como falar de identidade em um mundo no qual os recursos comunicacionais e informacionais se mostram tão diversos e ao mesmo tempo tão híbridos, tão mesclados?” O autor questiona ainda quais as especificidades culturais do estado brasileiro e quais caminhos para a abordagem geográfica da questão identitária. Como resposta, o autor ressalta que não se pretende definir sua complexidade em destaque na disciplina geográfica, mas que é necessário fazer esse questionamento. Gostaríamos de destacar que para tais inquietações, faz-se necessário uma abordagem a partir do olhar da Geografia Cultural, para melhor nos aproximarmos das questões identitárias dos sujeitos e/ou de seus lugares.

Aqui, nosso objetivo é realizar (des)leitura das obras literárias baianas observando cidades e campos do estado da Bahia no qual as questões identitárias estão intrínsecas, quer seja do(a) negro(a), da mulher, do(a) morador(a) do campo, ou seja, os personagens retratam parte da diversidade identitária no território baiano.

Sobre o contexto histórico ressaltamos que em Porto Seguro na Bahia aconteceu a chegada/invasão dos europeus dos territórios antes indígenas. Com o processo de colonização chegaram africanos e europeus, sendo assim, a miscigenação está bastante presente em terras brasileiras. Segundo Castro (2016, p. 86), esse espaço é “conhecido no contexto nacional e internacional pelo seu potencial cultural material e imaterial e também por questões práticas religiosas e tradições ancoradas em elementos míticos”. As características identitárias da Bahia se destacam em aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos. Assim, como afirma Castro (2007, p. 30), “no rico contexto cultural brasileiro, o estado da Bahia aparece com uma grande diversidade cultural verificada práticas recriadas pelo povo ao longo do tempo”.

Araújo e Silva (2016) compreendem a construção da identidade pelo enraizamento dos sujeitos sociais com o mundo, com a natureza, com sua história, com sua sobrevivência, reconhecendo-se enquanto sujeito da ação, pensando e agindo livremente. Para o(a) autor(a), a identidade também é produzida e modificada por meio das relações sociais. Assim, destacamos que ao longo de nossas vidas, sempre estamos construindo nossas identidades dia após dia quer seja em casa, no núcleo familiar, na escola, com as relações afetivas, movimentos comunitários.

De acordo com Pinheiro (2016), identidade é a diferença que implica na relação de poder. Para o autor (2016, p. 453) “de forma geográfica, entende-se que a identidade, seja social ou do indivíduo, acaba por orientar as atividades (i)materiais do se fazer humano”. A(s) identidade(s) dos sujeitos justifica algumas de suas ações pessoais e sociais.

Já para Cavalcanti (2012, p. 50), “a identidade é um fenômeno relacional. Seu aparecimento advém de uma interação de elementos, nesse caso de indivíduos com os seus lugares, com formas de vida e com os modos de expressão”. Ou seja, a(s) identidade(s) é(são) construída(s) ao longo da história dos sujeitos, a partir de suas relações e interações com o(s) espaço(s) e com o(s) outro(s) sujeito(s).

Ao nos referirmos às expressões identitárias no âmbito educacional da Bahia, observamos um estado no qual a miscigenação está bastante presente. Segundo Castro (2007, p. 37):

Os estabelecimentos de ensino da rede estadual da Bahia incluíram na sua matriz curricular a disciplina Cultura baiana. Não deixa de ser uma iniciativa interessante para se permitir uma maior visibilidade e valorização do patrimônio cultural do estado da Bahia do ponto de vista da materialidade (monumentos, cidades, centros históricos) como também das manifestações e práticas festivas que representam a imaterialidade que representam o capital simbólico.

Dessa forma, pensamos em dialogar com estudantes a partir de travessuras geo-literárias sobre paisagens, lugares de cidades e campos na(s) Bahia(s), elegendo algumas obras literárias baianas sobre as quais falaremos em nossas (des)leituras com o propósito de potencializarmos o ensino geográfico.

3.2 NAS FIBRAS VERBAIS DAS NARRATIVAS BAIANAS

[...] Ah! Moça, esta cidade da Bahia é múltipla e desigual [...]

Jorge Amado

Iniciamos esse subitem com a citação de Amado (1944), esta que muito descreve a Bahia, por ser múltipla, diante de sua diversidade; e ser desigual, quando observamos grandes diferenças na sua distribuição de riquezas. Essa multiplicidade e desigualdade estão presentes nas linhas de muitos(as) escritores(as) baianos(as) ao retratarem lugares, paisagens, cidades, campos da(s) Bahia(s), a exemplo de Damário da Cruz, Iderval Miranda, Herberto Sales, Xavier Marques, Ciro Carvalho Leite, Hélio Pólvora, Aleilton Fonseca, Gláucia Lemos, Carlos Ribeiro, Tasso Franco, Adriano Eysen Rego, Vasconcelos Maia, João Gumes, Jorge Amado, Ariovaldo Matos, Hélio Simões, Firmino Rocha, Adonias Filho, Guido Guerra entre outros. São poetas, contistas e romancistas que têm uma intrínseca relação com a(s) Bahia(s) forjando diversos espaços urbanos e campesinos em prosa e verso. Para Oliveira e Passos (2020, p. 83),

falar dos literários e suas escritas é por certo uma “maneira especial de ver”, conhecer a trajetória do(a) escritor(a). Muitos literários retratam em versos e prosas elementos que constituem suas histórias, as quais revelam modos de vida, lugares diversos que podem remexer o imaginário das pessoas e promover aprendizagens sobre diferentes espaços geográficos brasileiros, *baianos* (grifo nosso) bem como temáticas que compõem o currículo da Geografia Escolar.

Esses(as) escritores(as) apresentam diversos estilos, conteúdos e representações da(s) Bahia(s) por meio da arte literária. Eles(as) se aprofundam nas mais diferentes análises, das mais variadas temáticas: histórica, geográfica, econômica, política, cultural, entre outras.

Nesse sentido, encontramos na Literatura Baiana um leque de possibilidades de narrativas literárias para conhecer lugares, paisagens da(s) Bahia(s). Desse modo, ao estarmos cientes da vasta produção literária baiana, elegemos as seguintes obras para refletirmos criticamente acerca dos espaços campesinos e em cidades da Bahia com intuito de realizarmos as nossas travessuras geo-literárias:

As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias, por ser uma obra que narra sobre Santaluz, município do lócus da pesquisa, extraindo de sua narrativa um retrato do sertão luzense. Como salienta Cavalcante (2012, p. 141), “devem-se levar em conta o lugar e a realidade cotidiana do aluno, com o pressuposto de que isso torna o ensino mais significativo e o aluno mais interessado pelas atividades escolares”.

Seguindo pelos sertões com um olhar mais direcionado ao bioma da caatinga, trilhamos pela obra *Grito da Terra*, de Ciro Carvalho Leite, a fim de compreendermos as riquezas desse chão e os reflexos das ações humanas sobre o mesmo. Em *Cascalho*, de Herberto Sales, procuramos garimpar a região da Chapada Diamantina, observando as vivências e contradições de um lugar tão rico e belo. Em nossa viagem ao Recôncavo Baiano, teceremos análises geo-históricas sobre as lutas e conquistas do período escravocrata a partir da obra de Xavier Marques. Navegando pelas águas litorâneas na narrativa de Adonias Filho, veremos percursos da Bahia mundo afora. Assim, como não teríamos fôlegos para retratar todos os lugares, esses foram os recortes, procurando mostrar um pouco da vasta diversidade(s) baiana(s). Como chama atenção Cavalcanti (2012, p. 11), “os conteúdos geográficos precisam ser ‘apresentados’ para ser trabalhados pelos alunos nesta dupla inserção: a global e a local”, ou seja, iniciar com o(s) lugar(es) dos sujeitos e irmos percorrendo para outros lugares, observando as similaridades e as diferenças.

3.2.1 (Ser)tão em Santaluz sob o olhar de Guido Guerra

Guido José da Costa Guerra foi escritor e repórter baiano, nascido em Santaluz, em 1943. O autor escreveu algumas obras, como: *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, *A Noite dos Coronéis* (2005), *Quatro Estrelas no Pijama* (1989), *Ela se chama Joana Felicidade* (1984), *Lili Passeata* (1985), *Vila Nova da Rainha Doida* (1998), *Auto-retrato* (2003), entre outras.

Utilizamos a obra *As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias* (1981) para dialogarmos sobre o (ser)tão no município de Santaluz. Inicialmente, gostaríamos de destacar (ser)tão como uma ideia de pertencimento ao(s) lugar(es) luzense(s), nosso lócus de pesquisa. Consideramos que a obra é rica e importantíssima para conhecermos a história de Santaluz. Por meio desse livro, é possível que os sujeitos da pesquisa se conheçam e se percebam como pertencentes desse lugar,

compartilhando, dialogando e refletindo suas histórias de vida. Como salienta Dias (2020, p. 125):

Todos nós temos histórias de vida. Afirmação clichê? Lugar comum? Não! Trata-se de uma forma de pensar a ciência geográfica considerando radicalmente que nossa geograficidade é atravessada pelo modo como nos constituímos e construímos nossas histórias.

Na obra citada, Guerra (1981) destaca sobre o surgimento da cidade de Santaluz, no qual o coronelismo teve suas marcas, como é possível observar na citação abaixo com o personagem Coronel, ¹²personalizado em sua obra:

Santa luz não era nada, quando o Coronel chegava. Nem vila nem cidade, um lugarejo inabitado, ignorado. Trem passava e não parava. Nem nome tinha. Um pedaço de terra fora do mapa. Só Coronel perdido no estranho mundo que descobrira.

[...]

Seu já era o lugarejo. Cercava as terras, o tanque de beber, a represa, o caminho de pedra negra. Tudo seu - terra e povo. Primeira casa fora sua, à beira do corte, a fachada do lugarejo [...]

Seus, também, o primeiro carro de boi, a primeira charrete, a primeira feira, toda sua, o coreto erguido na Praça da Feira, a pensão construída do outro lado da corte, a casa de fogos, o primeiro pau-de-arara. Tudo seu – terra e povo. E o trem já parava no lugarejo. E Santa Luz já era vila. (GUERRA, 1981, p. 68)

[...] A vila cresceu, virou cidade, crescendo sem saber, existindo sem querer. A Praça do Coronel, bancos, jardim, árvores podadas, fonte luminosa, Prefeitura de um lado, pensão de outro, casas novas, velhas casas, compondo a paisagem da cidade, o corte no meio dividindo a cidade (GUERRA, 1981, p. 71).

Assim, o escritor retrata o surgimento de Santaluz, a qual podemos observar que, como outras cidades localizadas nos sertões baiano, o coronelismo teve marcas muito forte e por exercer poder o Coronel branco acredita que foi a partir da sua chegada que o lugar surgiu. Manda, (des)manda, dá nome ao lugar, não respeitando os povos indígenas que ali moraram, os nomes que davam aos seus locais, para eles os indígenas não eram considerados humanos, dessa forma muitos foram tratados com extrema violência. O personagem do Coronel é um homem que tinha em suas “mãos” o poder como forma de apropriação das terras, das águas, do povo, da cidade, ou seja, apropriava-se da sociedade e da natureza desse lugar. Outra característica de demarcação de poder pelo território são as cercas que delimitam as propriedades.

¹² Não se trata de uma patente militar e sim de um costume popular. Naquela época, século XIX, os grandes proprietários de terra, influentes políticos eram chamados de coronel.

Vejamos esta fala do personagem com outros homens quando lhe perguntavam acerca da lei:

- E a lei, Coronel, e a lei?
- Sou eu.
- E as terras quem lhe deu?
- A lei.
- E quem fez a lei?
- Eu sou a lei (GUERRA, 1981, p. 68).

A citação acima representa uma concentração fundiária ¹³ que consequentemente se repercute em desigualdade social ¹⁴ na pessoa do Coronel, detentor das terras, e das riquezas. O escritor Guido Guerra (1981), em sua narrativa, faz menção ao Coronel José Leitão, uma vez que a narrativa é contada em pelo personagem narrador, bisneto do Coronel e Guido tem este laço de parentesco com José Leitão. Assim, as marcas de um escritor, branco, herdeiro do Coronel, com seu ponto de vista baseado em visões estereotipadas, demarca isso em suas falas. Como podemos observar na citação de Silva (2019, p. 56) que se consta em relatos que o Coronel José Bahia da Silva Leitão,

Chegou em Santaluz (Santa Luzia, na época) em 1887, vindo de Pesqueira-PE e se tornou um grande comerciante de peles trazendo o 'progresso' para a comunidade. Depois, resolveu negociar terras e adquiriu muitas fazendas, deixando-as para os seus filhos e netos. Era um homem que sabia lidar com as pessoas, mas possuía jagunços na sua casa grande, também conhecida como a Casa dos Leitões, que foi construída em 1889, onde nasceram alguns dos seus filhos e netos. A casa grande atualmente é um patrimônio histórico da cidade e está em processo de restauração. O Coronel José Leitão era um homem temido por muitos trabalhadores e pessoas da comunidade, pois ele era considerado o "mandão" de Santa Luzia.

Observamos que a citação está enraizada nas visões do escritor literário, pois a mesma acredita que o desenvolvimento local foi possível a partir da pessoa do Coronel, destacamos que nossos sertões eram habitados por várias tribos indígenas temos que combater tais visões para que isso não aconteça com naturalidade.

¹³ Muitas terras, grandes propriedades, comandadas, nas "mãos" por poucas pessoas. E muita gente sem-terra, ou com pequenas propriedades, hectares que não suprem as suas necessidades.

¹⁴ É considerada quando alguns possuem bens aquisitivos, enquanto muitos não possuem o mínimo necessário para viver, ou seja, pobreza versus riqueza, que repercutem na educação, saúde, qualidade de vida. Essa desigualdade está muito atrelada a fatores históricos em destaque às colônias de exploração que também refletem em desigualdade de gênero, racial.

O Colégio Estadual José Leitão, lócus da pesquisa, faz homenagem ao Coronel. A cidade de Santaluz também possui a praça Coronel José Leitão, na qual se localiza a casa grande, patrimônio da cidade citado por Silva (2019). É imprescindível trazermos à nossa conversa esses sujeitos que fizeram farte da história luzense e que estão “vivos” na obra de Guerra (1981), e é necessário que desmistifique visões estereotipadas, a obra literária flagra uma época e é necessário utilizá-la de forma crítica.

Na narrativa, o personagem Coronel ao temer gringos¹⁵ que chegaram na cidade, dá para eles a Mina, um espaço das terras. Tal atitude não representava bondade por parte do Coronel, muito pelo contrário, o personagem estava com medo de ações agressivas por parte dos gringos. Guerra (1981, p. 67), em suas descrições, cita a Mina sendo um lugar com “quilômetro e meio distante da cidade, caatinga só. Fim de mundo, disgrama de lugar, deserto ...”. A Mina que foi entregue por ignorância do Coronel, achando ele que aquele pedaço de terra não tinha valor. No entanto, nelas havia manganês¹⁶, pedras negras, perdidas na caatinga, dos quais pertencera aos gringos que as exploraram. Esse lugar luzense foi denominado de Morro do Lopes. Guerra (1981, p. 93), em sua descrição paisagística sobre o lugar, cita “Alto, íngreme, o Morro do Lopes, distante da cidade. Caminho escorregadio, percorrido a medo, momento a momento, vivido”. Esse é um lugar muito bonito do município, bastante visitado, é considerado sagrado por muitos(as) que o contemplam.

A partir dessa (des)leitura da obra, é muito pertinente levarmos para os(as) alunos(as) o diálogo sobre a extração de minerais e extração de granitos, uma das principais atividades econômicas do município, ressaltando como a mesma está acontecendo, como que as empresas estrangeiras chegam ao município e como que elas extraem as matérias-primas. O professor Lima (2020), em uma *live*, fala sobre como acontece o extrativismo no município luzense. Ele ressaltava que a extração do granito para a pavimentação é uma atividade importante do ponto de vista econômico e social. Mas a mesma tem vários impactos ambientais e sociais que não geram benefícios para a população como um todo, a título de exemplo, acarreta más condições aos(as) trabalhadores(as), sem contar com o trabalho infantil, que está bastante presente.

¹⁵ Pessoas de outros países, que não são brasileiros.

¹⁶ É um tipo de metal, utilizado na indústria de siderúrgica.

Ao citar a extração de ouro pela empresa *Yamana Gold*, na fazenda Maria Preta, no município luzense, o professor destaca que algumas pessoas que receberam cursos técnicos de mineração, após a saída da empresa ficaram sem alternativas, uma pobreza até maior que antes. Ou seja, as lavras sem planejamento trouxeram alterações na paisagem, em contrapartida não houve uma repercussão social ao lugar luzense.

Muitos(as) de nossos(as) alunos(as) trabalham ou trabalharam nessas atividades. Esses olhares do professor são bastantes significativos, reflexivos. Importante destacamos que as rochas retiradas nas pedreiras têm uma marca muito forte no município, sendo possível percebê-la na arquitetura da Igreja Matriz, em muradas de casas e cemitério e em alguns monumentos na praça.

Como a obra fala do lugar (município) dos sujeitos da pesquisa é de suma importância pensarmos acerca do conceito de lugar. Como salienta Cavalcanti (2011, p. 06):

O lugar deve ser referência constante, para que o estudante construa seu conhecimento a partir da sua interação com a realidade mediada por instrumentos simbólicos. Mas isso não significa trabalhar o espaço vivido restrito aos seus limites empíricos, pois o lugar sintetiza de uma maneira específica o mundo, expressa relações mais gerais, mais globais, em sua complexidade e em suas contradições.

Após descrições do surgimento da cidade como característica marcante do coronelismo, o enredo segue com narrações em primeira pessoa, como a do personagem, herdeiro do Coronel, que conta a vida de seus parentes e um pouco de sua relação com essas pessoas. Para Oliveira e Passos (2020, p. 99), os cenários e os personagens,

que compõem as histórias literárias, podem nos ensinar muito de Geografia porque a linguagem literária é, antes de qualquer coisa, escrita e diferenciada e possui um sistema semiótico, polissêmico, aberto a várias interpretações. Portanto, possibilita inúmeras entendimentos a partir da subjetividade de cada leitor.

Assim, a princípio destacamos o personagem Dr. Salu, neto do Coronel, nome que dá título ao livro. O Dr. Salu foi um bom médico, salvou vidas, “médico do povo”, “povo-médico” e que mesmo depois de morto muitos o viram aparecer “[...] montado em seu cavalo alazão, cavalgando pelos ásperos caminhos do sertão, curando pestes

salvando vidas, fazendo partos perigosos [...]” (GUERRA, 1981, p. 111). A referida profissão e função do personagem o tornava um semideus, que morre, mas permanece vivo nos corações e até mesmo no imaginário do povo. Destacamos que ser doutor em cidade do interior tinha e ainda tem um significado muito grande, denotava e denota um nome de poder. Outro detalhe era que Dr. Salu era neto do Coronel, ou seja, possuía influências financeiras que contribuiu para conquista da sua profissão.

Sobre a personagem Anina, filha do Dr. Salu, a história conta que ela migra para a Rio de Janeiro. Retorna à cidade de Santaluz para passear, uma cidade no “fim do mundo”, nos “cafundós-do-judas”. Estas são descrições de Guerra (1981) para destacar a distância que Anina se deslocava da metrópole do Rio de Janeiro à sua cidade natal: “e tudo era velho para ela. Até o trem que tanto amava” (GUERRA 1981, p. 87). Para a personagem, a cidade e os seus habitantes eram inferiores, pobres, ralés, mesquinhos, ela que vindo da metrópole possuía uma superioridade, “gente fina”, “de prestígio”, da sociedade a qual estava vivendo. No entanto, daquele lugar ao qual pertencera,

Anina queria, ao máximo – e quanto antes - gozar suas férias. Farta de tudo, voltava coração cheio de ilusões ao sertão, onde nascera. Começava a divagar: seria a casa-grande a mesma, imutavelmente a mesma? E as pessoas que lhe deram momentânea felicidade por onde andariam, onde se haviam escondido? Acaso, não iriam buscá-la, como o faziam nos idos da infância, único tempo em que se é feliz, livre e feliz? Não, não haveria o doce reencontro com a infância. Tudo mudara (GUERRA 1981, p. 87).

Ressaltamos que as categorias de cidade pequena do interior e cidade grande transitam por questões hierárquicas das quais carregam consigo a superioridade e inferioridade por esses locais, quando vimos que para a personagem a cidade grande é mais relevante que a cidade pequena. No entanto, observamos que características de identidades e pertencimento, pelo lugar que nasceu e viveu momentos da infância, marcaram a vida dela, ou seja, são marcas de singularidades com seus aspectos de vivências. Percebemos que os sentimentos da personagem são ao mesmo tempo contraditórios, pois ela se sente superior por morar em uma capital, ao mesmo tempo, sente-se que quando vivia em Santaluz era realmente feliz. Essa é uma realidade de muitos(as) que precisam deslocar-se do seu lugar, porque acreditam estar melhor,

sobretudo nas questões financeiras, mas queriam ter o passado de volta, ao lembrar de como seu lugar lhe deu prazer.

Sobre descrições paisagísticas da cidade luzense e suas transformações, Guerra (1981, p. 89) retrata-a a partir de observações da personagem Anina “[...] na Praça do Coronel, árvores por serem podadas, fonte luminosa abandonada, sem lâmpada e sem água, depósito de lixo [...] bancos quebrados [...] Feira, aos sábados, quase nada [...]”. A personagem também notou a população: “[...] comoveu-se com a miséria de uma gente que vivia a margem da vida, como bicho [...] reparou nas crianças magras, barrigudas e caras chupadas” (GUERRA, 1981, p. 88). O personagem narrador, em diálogo com Anina, considera que a culpa de tais mudanças era dos gringos que exploraram o solo e o subsolo.

Ressaltamos a importância desta obra, uma vez que ela descreve sobre a cidade dos sujeitos colaboradores desta pesquisa, possibilitando diálogos sobre a mesma, destacando contextos históricos do passado e do presente. De acordo com Cavalcanti (2019, p. 123):

Conhecer melhor a cidade, [...] é uma meta essencial para o trabalho a ser realizado com a Geografia na escola. A formação do conceito de cidade, constituída por uma rede de significados, é relevante para os jovens escolares, para que possam lutar para o exercício pleno de sua vida social e coletiva.

Outra personagem que merece destaque é Pepeta; uma negra comprada. Anina a tinha como uma propriedade, já a negra considerava-a como “filha branca”. O narrador diz, ao descrever Pepeta, que ela, aos sessenta anos, estava com mãos calejadas do trabalho duro. Pepeta gostava de contar histórias, de caipora, lobisomem, “casos de espantar e estarrecer que só acontecera no sertão” (GUERRA, 1981, p. 110). Mesmo cansada, Pepeta dava amor a Anina. Mesmo oculto da família de Anina, Pepeta realizava hábitos religiosos, a exemplo de rezar Anina quando adoecia, rituais atrelados a cultura afrodescendente. Para Nascimento (1978, p. 94):

A manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil, desde a fundação colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano.

A afrodescendência em solo brasileiro remete a uma vida de servidão, de sofrimento. A personagem citada não teve alternativas, perspectivas, suas vivências foram tão somente para a família dos herdeiros do Coronel. Não gozava de uma plena liberdade.

Pepeta carregava consigo sentimentos de pertencimento pelos sertões como são descritos neste fragmento (1981, p. 112): “O sertão era seu mundo, grande, estranho, estranho e grande”.

Partilhando com a vivência dos(as) personagens, Guerra (1981, p. 67), no decorrer da obra, descreve a atmosfera paisagísticas da caatinga:

[...] mandacaru¹⁷ florando, vermelho era o fruto, picado por pássaros, espinhos enormes [...] urtiga e cansação à beira, o caminho enladeirado, esburacado – pedras, espinhos, tocos, estrumes gravetos – percorridos a pé e a cavalo.

[...] quase estéril aquela terrinha, seca, chão duro, mato rasteiro, esturricado, sol encardindo rostos, tininho – insolação e quentura – bulindo com o juízo dos homens.

Os túneis – eram três – fundos, impenetráveis. Mato crescia livre, ali, também, nasciam e reproduziam-se as cobras mais venenosas [...] traiçoeiras, enroscando-se ora nos galhos dos umbuzeiros, ora à margem das estradas [...].

Em outro momento, o escritor retrata o umbuzeiro, doces umbus, galinhas que ciscam o terreiro, cavalos esquipando, cenário que nos possibilita pensar e discutir com o(a) leitor(a) sobre o conceito de paisagem. Abaixo, vejamos uma imagem na figura (02) da planta mandacaru, um dos símbolos do sertão:

¹⁷ Planta típica da caatinga, essa que, muito resiliente, resiste a grandes períodos de estiagem. Durante as longas secas, ela se mantém viva devido a sua capacidade de captação e retenção da água. Trata-se inclusive de uma planta que é muito usada pelos(as) nordestinos(as) para alimentação de animais, sobretudo em época de seca.

Figura 02: Mandacaru: riqueza dos sertões



Fonte: Gordiano, (2021)

Num outro momento, Guerra (1981) retrata sobre o sisal¹⁸ em solo sertanejo. É importante destacar em sala de aula que para a plantação e o cultivo dessa planta, em Santaluz e outros municípios baianos, houve o desmatamento da caatinga, causando significativos impactos ambientais ao bioma. Nas descrições do escritor sobre a atividade:

Zoada de máquinas, motores ligados, movidos a óleo, desfibrando sisal, comendo mãos, braços, homens. Era cedo, manhã cedo[...] (GUERRA, 1981, p. 88).

[...]

Foice, enxada, picareta, pá, os instrumentos, abrindo e fechando covas, mudas, covas, mudas. Sol a sol – suor a escorrer-lhe pelo corpo, músculos rijos, contraindo-se. Motores – eram quatro – movido a óleo, oito bocas, sisal no ponto, cortado. Verde a fibra, as pontas negras, sisal espetava as pernas, braços, bundas. Sangue escorria, misturando com suor (GUERRA, 1981, p. 96).

Com base na citação acima, observamos que para o cultivo do sisal é utilizado tantos instrumentos, máquinas, como o trabalho braçal. Nas lavouras de sisal, a força de trabalho é exercida por homens, mulheres e até mesmo pelas crianças. É um

¹⁸ A Agave, ou popularmente conhecida como sisal, é um tipo de planta que tem como produto a fibra que utilizada para a construção de cordas, fios, tapetes. Teve sua origem no México. No solo brasileiro, o sisal teve uma adaptação significativa em regiões semiáridas, em destaque o território do sisal, localizado no sertão do estado da Bahia. Este que é o maior produtor de sisal no mundo. Após a transformação da planta em fibra e em cordas, há um processo de exportação. Os municípios baianos do território do sisal produtores do sisal são Valente, Queimadas, Santaluz, Retirolândia, São Domingos, Araci e Conceição do Coité.

trabalho no qual os(as) trabalhadores(as) ficam bastante vulneráveis a exposição solar, perda de membros e má alimentação.

O sisal chegou no sertão nordestino a mais de cem anos e trouxe grandes contribuições para a economia. Segundo Santos e Silva (2017, p. 05) “planta capaz de resistir às longas estiagens, a agave se espalha rapidamente por duas dezenas de municípios do semiárido baiano”. Assim, para as divisões territoriais da Bahia, a região que produz sisal, assim como municípios circunvizinhos, é identificada como Território do Sisal. Santos e Silva (2017, p. 02) salientam que a:

Região Sisaleira da Bahia e Território do Sisal são nomes que já ganharam referência no cotidiano das pessoas, tanto nos municípios baianos, rotulados de sisaleiros, quanto em todo Brasil. É importante demarcar que existe um espaço, no estado da Bahia – Brasil, que foi historicamente se diferenciando em função de uma especificidade econômica: o predomínio do processo produtivo do sisal. O plantio da agave sisalana, e seu aproveitamento econômico, foram capazes de constituir uma cadeia produtiva de sisal para exportação.

Dessa forma, o produto ganhou uma relevância muito grande em seus espaços de produção, chegando a ser considerado uma “salvação” para o Nordeste, haja vista a geração de emprego e renda. A figura (03) abaixo mostra uma paisagem com plantação de sisal:

Figura (03): Plantação de sisal



Fonte: Gordiano, (2021)

A narrativa de Guerra (1981) destaca sobre investimentos do Estado presentes na lavoura, como é possível observar no diálogo entre os personagens Totônio e o Homem do Governo:

- Sisal é esparro. É esparro.
- Engano seu – riu, tolerante, o Homem do Governo – Ledo engano.
- [...]
- O Governo estimula, ajuda, financia?
- Plante que o Governo garante.
- [...] O sisal é a redenção do Nordeste.
- [...] o Governo dá um prêmio a quem plantar mais sisal (GUERRA, 1981, p. 97).

Confirmamos a citação da obra literária sobre incentivos do Estado para a plantação do sisal com base nos teóricos Santos e Silva (2017, p. 04) quando destacam que “O sisal encontrou as condições fundamentais para tornar-se uma commodity¹⁹: incentivo do Estado [...] ação do Estado, baseada na identificação do potencial da planta para produzir uma fibra multiuso, incentiva a generalização do plantio”.

Destacamos que o personagem Totônio era neto do Coronel, ou seja, o mesmo possuía grande concentração de terra, sendo um grande produtor da planta, e obteve resultados satisfatórios, lucros como destacou o personagem descrito como Homem do governo (1981, p. 98):

- Bonito de dar dó – sisal enfeitando a caatinga. Léguas e léguas, tudo verde, esperança, sisal nascendo, crescendo, sisal compondo a paisagem da cidade. Totônio arreganhava os dentes, ria feito uma besta, sem quê nem pra que.
- Desta vez, lavo a jega.
- [...] Bem que o Homem do governo dissera:
- Plante que o governo garante.

Desse modo, segundo Santos e Silva (2017, p. 08), “A riqueza acumulada, já fortemente concentrada nas mãos de uma pequena elite, impulsiona novas ações de ampliação da indústria e do poder político através da eleição de prefeitos, vinculados diretamente à empresa do sisal”. Enquanto àqueles que lidam, trabalham no processo de produção, a mão-obra de barata, oprimida, que ganham para seu sustento, essa

¹⁹ Mercadorias produzidas em grande quantidade e comercializadas internacionalmente.

população em sua maioria não possui nem terra, tão pouco sisal. Mas depende da planta para viver.

Na narrativa, o Vando, uma criança, jagunço de Totônio, não possui nem ao menos casa, morava de favor nos fundos da casa-grande da família do Coronel. Vando não possui um de seus braços, pois o mesmo foi decepado quando desfibrava o sisal. Sem contar nos sofrimentos que seu patrão Totônio causara-lhe, como narra Guerra (1981, p. 99): “Totônio apanhava o chicote, chicotada no lombo, com força e raiva, raiva e força, cobrindo de couro o menino, [...] deixava-o mole, arriado no chão, chorando, corpo marcado, chicotadas no corpo”. No contexto escolar, cabe um importante debate sobre o trabalho infantil, sobre políticas públicas voltadas para tal questão, a exemplo do antigo PETI, projeto o qual fiz parte.²⁰ O mesmo bastante importante tinha como principal objetivo a extinção do trabalho infantil e dava oportunidade às crianças adentrarem ao espaço escolar. No Território do Sisal, muitas crianças saíram da lavoura sisaleira e deram outros voos aos seus destinos graças ao programa. É lamentável a sua extinção.

Dessa forma, a produção do sisal consolida-se por meio de um sistema desigual de trabalho, como é possível destacar a partir das histórias dos personagens Totônio e Vando. Santos e Silva (2017, p. 04) abordam que além das iniciativas do estado, o cultivo do sisal encontrou no sertão baiano “terras adequadas e relativamente baratas, mão de obra abundante, empresários capitalizados e infraestrutura para exportar”.

Importante ressaltar que a produção do sisal sofre oscilações, ou seja, mesmo sendo muito adequada ao clima, em épocas de muita seca, no final da vida útil e com algumas doenças, a produção da planta sofre queda, baixando o preço. Em sua obra, Guerra (1981, p. 106) também salienta sobre essa realidade:

[...] sisal caiu. Preço mixo caindo na cotação, uma ninharia.
 [...] Sisal flechando – pendão.
 [...] Totônio se encolheu na rede.
 - Me estrepei, me arrobei – resmungou. – Agora, o Banco me toma tudo: terras, criatórios, máquinas, tudo.

²⁰ Toda vez que trazer uma experiência vivida por mim, usarei a primeira pessoa do singular, com o propósito de dar maior visibilidade à minha voz enquanto professora, pesquisadora e mulher nascida no Território do Sisal.

Torna-se necessário destacar que, na trajetória do cultivo do sisal, existiram momentos de apogeu e momentos de crise, como pontuam Santos e Silva (2017, p. 10): “A década de 1980 é um período de forte crise, a década perdida do sisal, quando se verificou queima de sisalais, ampla redução da produção e da produtividade e queda no preço da fibra no mercado internacional”. Consequentemente, a população de trabalhadores(as) é a que mais sofre em momentos como esse.

Nessa perspectiva, é interessante levar também para o contexto educacional acontecimentos atuais sobre o trabalho com o sisal. No ano de 2020, a Rede Record transmitiu uma reportagem sobre as precariedades e ilegalidade no cultivo do sisal. A reportagem foi repercutida e o Ministério Público do Trabalho no Estado da Bahia (MPT-BA) resolveu se manifestar e entrar com um processo e fiscalizar o caso. Diante disso, muitos trabalhadores(as) ficaram parados(as) por algum período, logo depois voltaram ao trabalho, em especial por questões de sobrevivência.

Como já ressaltamos sobre as dificuldades dos(as) trabalhadores(as), acreditamos que a reportagem foi pertinente no sentido de querer mostrar a realidade para que medidas fossem tomadas. No entanto, acreditamos que as pessoas que trabalham não encontram alternativas, e oportunidades. Diante disso, o Estado, enquanto poder público, deve propor medidas que contribuam com a dignidade trabalhista dessa população. Que este não só fomenta o plantio, mas também contribua com os(as) trabalhadores(as) temporários(as) dessa lavoura, garantindo seus direitos trabalhistas. Ou seja, que a riqueza do sisal não fique apenas para grandes proprietários, donos das indústrias, mas que seja distribuída também àqueles que derramam suor para que esse “ouro verde” circule Brasil afora. A autora e o autor SANTOS E SILVA, (2017, p. 04) abordam sobre a riqueza dessa cultura e a desigualdade constituída com no processo de produção,

O sisal, o ouro verde do sertão, é uma planta excepcional por sua capacidade de adaptação ao semiárido baiano, ele cria e recria possibilidades de renda e pode ser motor de desenvolvimento econômico e social; a planta continua sendo subutilizada, o que demonstra sua capacidade de geração de riqueza. No entanto, a forma de explorá-lo gerou, desde o início, um ciclo vicioso de produção de perversidade: de um lado, prosperidade para uma elite regional minúscula – se comparada à massa de trabalhadores; de outro, a miséria de milhares de homens, mulheres, crianças e idosos que trabalharam e continuam trabalhando sem a garantia de direitos trabalhistas, sem remuneração digna, sem condições de trabalho adequadas.

A partir das (des)leitura aqui realizadas sobre a obra *As Aspirações de Dr. Salu*, Guerra (1981), destacamos a imagem de Santaluz, uma cidade do interior da Bahia que surge a partir da característica do coronelismo. Salientamos que nesse espaço urbano o poder, riquezas concentravam-se nas “mãos” de poucos, em especial da família do Coronel, posteriormente dos gringos, enquanto a maioria da população está à margem das riquezas, a exemplo das crianças magras e “barrigudas”.

Na narrativa de Guerra (1981), há imagem da caatinga como bioma do campo sertanejo, campo repleto de riqueza, a exemplo do manganês presente em seu solo. Embora tenha sido necessário que várias propriedades rurais retirassem a vegetação nativa para a plantação da lavoura do sisal, causando impactos ambientais, o produto teve destaque como uma das bases econômicas do município, frutificando emprego e renda. No entanto, verificamos que esse campo perpassa por constantes desigualdades entre aqueles que trabalham no campo e àqueles que são proprietários rurais.

Dessa forma, destacamos que a obra analisada descreve paisagens do campo e da cidade. Guerra (1981) narra sobre o lugar de vivência dos personagens, as características de identidades do (ser)tão em Santaluz, desde àqueles que detêm poder, riquezas, como àqueles marginalizados. Um olhar muito humano por parte do escritor. Vale destacar que no lugar luzense existem vários recortes de vários lugares. Ou seja, como afirma Augé (1994, p. 53), “num mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum”.

Nesse sentido, Nuñez (2010, p. 83), levando em consideração a importância da relação geo-literária, afirma que “a obra literária está tão intimamente ligada ao mundo e às dinâmicas da vida social que, mesmo constituída por referências do mundo exterior, empresta suas experiências fictícias para explicar o homem, a vida e as suas complexidades”.

Dando continuidade aos nossos olhares literários pelos sertões, coloquemos um pouco mais de punhado de chão e caatinga para mostramos que nesses lugares sertanejos há riquezas naturais e culturais, embora haja devastação, exploração e concentração de riquezas nas mãos de poucas pessoas.

3.2.2 Um punhado de chão e caatinga em *Grito da Terra*, de Ciro Carvalho Leite

Ciro Carvalho Leite, escritor baiano, nascido em Feira de Santana, emigrou para Salvador e posteriormente para São Paulo. Três de suas obras trazem a temática da caatinga, são elas: *Mulheres de Vida Fácil* (1963), *Grito da Terra* e *Cacimba* (1967). Desse modo, gostaríamos de realizar uma breve leitura crítica da obra *Grito da Terra*, fazendo reflexões sobre o chão da caatinga.

No início da obra *Grito da Terra*, o autor faz uma descrição de como se caracteriza a paisagem da caatinga em períodos de chuvas estáveis:

Havia tempos que não se falava em seca no sertão baiano, e, talvez, em todo o Nordeste brasileiro. As estações chuvosas eram regulares, garantindo aos lavradores boas colheitas de tudo que se plantava. Do milho ao feijão e ao fumo, nada se perdia. As sementes brotavam da terra fértil e encharcada, colorindo os campos, modificando paisagens de acordo com a cultura, as estações. No inverno, eram os milhares imensos, pendoando, bonecando, numa mistura de cores, onde o verde sempre prevalecia. No aproximar da primavera dava-se início à lavoura de fumo. Grandes e pequenas malhadas de verde-sumo incrustadas na paisagem verde-cana dos capinzais, são como verdadeiros retalhos a embelezar os campos, cuja flora, é sempre agreste. Mais além está a imensidão das caatingas, de colorido vivo, substituído a cor parda que predomina nos tempos de seca (LEITE, 1964, p. 09).

É possível perceber, a partir da leitura de Leite (1964), que o solo nos campos sertanejos se torna propício para cultivo de plantações, assim como para criações de animais. O escritor chama a atenção para a vitalidade dos animais: todos fortes, sadios e gordos. Nos sertões da caatinga é possível ter boas colheitas, criar e obter resultados com os animais, mas é necessário que as chuvas sejam equilibradas. Assim, percebemos que o fenômeno da seca é considerado um “problema” à população. No entanto, é necessário destacarmos que esse fenômeno se tornou um problema para o espaço sertanejo, pois os sujeitos sociais procuram medidas de combate à seca, quando, na verdade, são necessárias medidas de convivência, assim como medidas preventivas. A figura (04) traz um retrato de uma paisagem na caatinga:

Figura (04): Caatinga: riqueza e beleza



Fonte: Gordiano, (2021)

O romance de Leite conta sobre a história da família de Silvério, proprietário de fazenda que “era pequena, media apenas umas duzentas tarefas de terra, das quais cento e cinquenta lhe couberam de herança, após a morte dos pais” (LEITE, 1964, p. 17). Segundo o escritor, as terras foram herdadas da família Gomes. Estes descendentes em tempos passados mandavam e (des)mandavam na região, os quais possuíam suas propriedades, antiga fazenda Caldeirão, grande patrimônio que, com o tempo, foi sendo dividido.

A narrativa traz também a história da família de Apolinário, vaqueiro na antiga fazenda na época dos Gomes. Apolinário foi fazendo economias e conseguiu comprar cem tarefas de terras do irmão de Silvério. *Grito da Terra*, de Leite (1964, p. 24) intercrucza ambos os personagens, vizinhos Silvério e Apolinário e as relações com seus filhos: “A casa deles ficava a uns quilômetros metros do Caldeirão, um pouco mais abaixo, no contorno da serra, quando a encosta cede lugar a uma pequena chapada [...]”.

Destacamos que, neste espaço campesino, a caatinga é a vegetação predominante das terras em que vivem os personagens. No entanto, essa vegetação, conforme Leite (1964, p. 20) denuncia no romance, vem sendo devastada para as pastagens e lavouras:

Silvério pôs a foice no ombro e saiu para o campo. Queria aproveitar o verão para a roçagem do mato. Era assim que procedia para abrir novas pastagens na caatinga agreste. Fazia o roçado, plantava o

milho, o feijão e, depois, o capim para seu gado de cria. As terras que herdara nunca tinham sido cultivadas. Era costume dos coronéis possuírem fazendas enormes e criarem gado ao Deus-dará. Muita terra, gado “pé duro” e aclimatado em comer capim nativo, o “papagaio”, e folhas de pau; engordavam sem mais cuidado, na imensidão das caatingas. Para Silvério, a situação era diferente. Fazenda pequena, teria de ser trabalhada. [...] O jeito era derrubar a caatinga e fazer pastagens. Ainda mais quando se falava em palma como recurso para a seca. Silvério deu a última cutilada, a árvore gemeu, contorceu-se e caiu.

Observamos, na citação acima, que Leite (1964) traz uma distinção entre grandes e pequenas propriedades. A fazenda, quando era dos pais e/ou avôs de Silvério, era extensa. Ao ser distribuída aos herdeiros, a parte que ficou para o personagem não era muito grande. Dessa forma, para que pudesse obter benefícios com sua terra, era necessário a devastação da caatinga para plantar e criar o gado. A figura (05) abaixo mostra a paisagem de uma pastagem com plantação de capim, em um espaço demarcado por uma cerca. Trata-se de uma realidade bastante presente nos solos sertanejos:

Figura (05): Da caatinga ao pasto



Fonte: Gordiano, (2021)

O autor ressalta que, nas grandes propriedades, as criações ficavam em meio a caatinga, sobreviviam sem precisar que seus donos as alimentassem. É relevante ressaltarmos para os(as) alunos(as) que essa característica não é unânime em todas as grandes extensões de terra. Muitos fazendeiros de grandes propriedades desmataram a caatinga dos sertões nordestinos em prol de um maior aproveitamento

dessas terras e obtenção de mais riquezas. Aqui chamamos atenção ao conceito de paisagem, ao imaginarmos as transformações no chão da caatinga. Segundo Nuñez (2010, p. 88) as paisagens:

Como todo texto tem um caráter documental, seja porque contam uma estória sobre os lugares, da forma como as pessoas a veem, seja por se integrarem à história cultural dos lugares. Nelas, identidades e ações antrópicas nascem e se desenvolvem, historicidades se cristalizam. As intervenções humanas no ambiente natural determinam a significação cultural da paisagem. Onde há transformação, há modelação, liberação do imaginário e, por consequência, ficção.

Leite (1964, p. 22) expõe, em sua narrativa, uma reflexão crítica sobre a concentração de terras, a partir da fala do personagem Silvério, em diálogo com o vizinho Apolinário:

Naqueles velhos tempos, só os ricos tinham terra... Depois as grandes propriedades foram se relhando entre os herdeiros. Acho que todo sujeito deve ter seu pedaço de terra para trabalhar. Ainda há muita injustiça por aí. O grande querendo engolir o pequeno, nos forçando a fugir para outras regiões. Tempo houve que seu Augustinho fez tudo para me comprar a fazenda. Dei duro e continuei firme.

Nesse trecho, encontramos um personagem que tem uma percepção voltada para uma reforma agrária²¹ voltada aos pequenos agricultores e aos sem terras. Sua análise sobre o seu lugar de vivência tem uma característica muito forte com o pertencimento ao solo sertanejo, destacando as injustiças que há em espaços rurais quando muitos são obrigados a retirar-se pelas imposições dos mais ricos. Nesse sentido, poderíamos citar o agronegócio, um conteúdo pertinente de ser debatido em sala de aula, este sistema produtivo que muitas vezes se apropria das terras e expulsa pequenos agricultores do campo, com o propósito de maior concentração de terra, concentração de riqueza e de poder.

Entre as culturas locais do campo, o escritor cita o trabalho, a lida com a mandioca, planta da qual se produz farinha e tapioca. O processo dessa transformação é realizado em casa-de-farinha, espaço no qual a população, em forma de cooperação, se reúne para o trabalho. Leite (1964) cita algumas etapas dessa

²¹ Mudança na estrutura fundiária do país, para que todos possam ter acesso à terra. Uma melhor distribuição, para que não haja a concentração de terra é a reforma agrária.

atividade que acontece predominantemente em espaços do campo baiano. O autor lembra, em seu texto, as imagens das raspadeiras, ou seja, as mulheres, em sua maioria, que ficavam sentadas no chão e raspavam, cevavam as raízes, faziam beijus, enquanto os homens sacudiam o rodo na massa seca para produzir a farinha.

No desenrolar da narrativa, a paisagem da caatinga é cada vez mais analisada, desenhada em imagens representativas sobre espaço campesino baiano. A história descreve as chuvas de inverno, que animavam os lavradores da região ao semear, para colher os frutos da plantação. Eles fazem novos roçados retalhando a caatinga, “devastação desenfreada, para atender a um capricho de só fazer cultura em chão novo, terra virgem” (LEITE, 1964, p. 56). Com olhar reflexivo, Leite (1964) escreve que é um crime retirar da fauna e da flora espécies que só existem no bioma da caatinga nativa.

Consequentemente tais ações ocorridas com a caatinga, a terra nua, abandonada, sofre um desequilíbrio ambiental, períodos de seca, assim como épocas de fortes chuvas. Àquele ambiente coberto de matas, há substituição por roças abandonadas, em destaque às grandes fazendas, solos nus propensos à desertificação²². Já os pequenos agricultores que não possuem terra virgem, adubam-na e a reutilizam.

Em *Grito da Terra*, Leite vem narrando um reflexo da devastação da caatinga causada pelas chuvas abundantes que chegaram naquela região do Caldeirão: “Os rios e riachos saltavam de seus leitos, formavam lagoas imensas afogando a terra, destruindo as plantações” (LEITE, 1964, p. 57).

Os personagens da narrativa tristes estavam, e por meio de crenças religiosas clamavam ao céu para que àquele “dilúvio” passasse. Perdidas as safras de milho e feijão, só restara a esperança na lavoura de fumo. Muitas são as dificuldades daqueles que trabalham no campo sertanejo, como destaca a personagem Mariá: “- Sempre temos algum prejuízo. Quando não é o milho, é o feijão, o fumo, etc. Às vezes, o tempo está correndo bem, aparece uma lagarta para acabar com tudo. Dificilmente a gente tem um ano bom, de fora a fora” (LEITE, 1964, p. 64). Em outra passagem, encontramos a seguinte reflexão do Sr. Apolinário: “- No sertão é assim mesmo [...] perde-se um ano e ganha-se outro” (LEITE, 1964, p. 71).

²² Torna-se um solo pobre, árido, haja vista a retirada da cobertura vegetal, características que fazem pensar, lembrar um deserto.

Nesse contexto, o romance oportuniza-nos a refletir com nossos(as) alunos(as) acerca de como são os sertões com muitos estereótipos como região “pobre”, sem “perspectiva”, “atrasado”, “chão rachado”, “seco”. Destacamos que esses discursos são um tanto equivocados, pois nesse espaço há uma diversidade de animais e plantas, há riquezas. No entanto, faltam medidas de convivência com a seca para os períodos de estiagens, políticas públicas e uma conscientização ambiental para a preservação da caatinga. Segundo Castro (2020, p. 307), “ao se falar de Nordeste, as imagens das paisagens ressequidas do semiárido se destacam: árvores secas, carcaças de animais. Esse tipo de abordagem não contempla a leitura da diversidade territorial e sociocultural das grandes regiões”. Há uma complexidade de sertões, uma vez que existem diferentes contextos históricos, geográficos, culturais e sociais.

Atrelado a tais problemáticas que envolvem os sertões, acontece o fenômeno êxodo rural. ²³Podemos observá-lo a partir do pensamento do senhor Apolinário como um dos problemas rurais, pois o espaço campesino fica sem mão de obra. Outro olhar do personagem diz respeito às transformações ocorridas à caatinga, as chuvas ficaram sem equilíbrio. Vejamos o diálogo entre senhor Apolinário, Armando e Lóli, filha de Silvério:

- [...] Sou velho e me lembro da história de toda esta caatinga. Seca era uma raridade. Só os mais velhos contavam como se fosse coisa de outro mundo, uma ou duas vezes em cada geração. Agora é calamidade se alastra em quase todo verão. Mas veja que já tem gente nova com outras ideias. Há fazenda por aí que não perde mais o gado, no tempo do flagelo. Estão alimentando os rebanhos com palma.
- [...] É preciso, não só melhorar as pastagens, como também o homem e o gado. Principalmente a educação do homem.
- [...] procuramos ler mais alguma coisa, e os livros nos abre os olhos, nos põem em contato com o mundo exterior, com o que há em outras regiões, muito melhor do que o que vivemos aqui. Não pense o senhor que ponho a caatinga a um plano secundário. Não me conformo é com a vida que temos. Os elementos da natureza que contribuem para desequilibrar a nossa produção já deveriam estar superados, porque há regiões muito mais desfavoráveis do que a nossa. Muito pior talvez do que as nossas estiagens, sem, contudo, haver o problema social de pobreza que nós enfrentamos, quer estejamos em crise, quer não[...].
- Outra coisa, Armando, que contribui para o empobrecimento da zona é a falta de mercado para outros produtos que a terra poderia produzir, à exceção do fumo e outras pequenas lavouras[...].

²³ Saída, migrações da população para a cidade, provocando um esvaziamento, abandono do campo.

- A falta de indústria é responsável por esta falha de que impropriamente, culpam o nordestino do campo. [...] (LEITE, 1964, p. 73).

O Armando, ao relatar sobre iniciativas políticas, destaca sobre ajuda do governo a partir de empréstimos no Banco do Brasil, incentivando o pai para fazer crédito. O personagem ressalta ainda que muitos coronéis na caatinga vivem exclusivamente de créditos. Esses grandes agricultores conseguem armazenar produtos, vender em outras localidades, obter lucros, ter bens propiciados pelo campo. Mas, para o pequeno agricultor, nem sempre os financiamentos são com as mesmas facilidades. Assim, seguem vendendo barato o que produz e ao término do que produziu, às vezes, precisam comprar o “próprio” produto por preço elevado.

No desenrolar da história, o escritor retrata sobre o verão que chega, como se não bastassem as fortes chuvas que causaram diversos prejuízos àquela população. A estação que se inicia pode transportar a um cenário tipicamente amedrontador, pois um período de seca também se iniciou, como é possível perceber nesta citação: “O sol descambava atrás da serra, reflexos vermelhos colorindo as nuvens, que, esparsas ao poente, davam a ideia de grande fornalha, incendiando o céu [...] prenunciando a seca, o flagelo, a evasão do sertanejo” (LEITE, 1964, p. 143).

Vale destacar a seguir uma passagem da obra que faz uma descrição da paisagem nos períodos da seca: “A vegetação da caatinga tem outro aspecto. As árvores deixam cair a folhagem e davam a impressão de bosques de garranchos, fincados no chão. Tudo parecia tomar uma cor particular, uma feição agreste, até a terra, na semi-nudez [...]” (1964, p. 149). Estas características fazem com que a caatinga seja também chamada de mata branca, que se transforma ao ser tocada por simples toques das gotículas da chuva.

Outro personagem, Padre Gusmão, faz uma crítica aos acontecimentos presentes no chão da caatinga e destaca como era aquele lugar antes da caatinga ser tão devastada. Segundo o Padre, embora o rio Cavaco não fosse permanente²⁴, os poços permaneciam cheios, não faltando água para os animais e para a população. Ele lembra que as árvores das matas da caatinga faziam sombras nas estradas e que muitos bichos característicos do bioma não existem mais. De acordo com o Padre Gusmão (LEITE, 1964, p. 155), “o homem destruiu tudo. O machado entrava em ação

²⁴ Rios chamados de permanentes não secam. Já rios intermitentes ou temporários passam por períodos cheios, durante as chuvas e em períodos de estiagem secam.

nas grandes derrubadas, naqueles desmatamentos criminosos, transformando, contrariando a natureza, dando lugar à formação de outra paisagem [...]”. Assim, o que acontece com as mudanças climáticas está associado diretamente com as ações humanas e seus impactos no cotidiano das pessoas. E que não são fortes chuvas, ou o verão, ou seca que determinam a pobreza de um lugar. Tais fenômenos são consequências de atitudes dos próprios sujeitos sociais.

Nas partes finais da obra, Leite (1964) narra que o filho de Silvério encontrou uma forma de contribuir para uma melhor convivência e sobrevivência naquele lugar. De forma criativa, com os bambus encontrados na própria caatinga, ele canalizou a água do poço que jorra do Caldeirão do Diabo. Assim, foi possível levar água à sua casa, como também para os animais.

Na narrativa, Leite (1964) também aborda sobre a relação campo e cidade, principalmente a partir dos desejos da personagem Lóli em morar na cidade. Como afirma Rios (2013, p. 40), “uma das questões centrais que o livro de Carvalho suscitava estava relacionada não somente ao campo e seus problemas, mas à ideia de como o processo de modernização do Brasil repercutia uma nova dialética entre campo e cidade”. A leitura da pesquisadora (2013) sobre a obra ressalta que a partir da personagem Lóli, o escritor destaca problemas evidentes do campo.

Lóli, a todo o momento, tenta convencer a família a ir morar na cidade. Utiliza como argumento, a seca e a tristeza que a família se encontra com sua chegada, os mantimentos murcham na roça, o gado morre por falta de água. Seu pai, o personagem Silvério, não concorda, e questiona: “- E o que é que teu pai vai fazer na cidade? Comer o dinheiro e vagabundar pelas ruas!” (LEITE, 1964, p. 15). Salientamos nessas pessoas enraizadas ao campo uma característica de pertencimento pela sua vivência, pelo lugar de origem.

O processo migratório, nessa discussão campo e cidade com os(as) participantes, tem sua relevância, pois a cidade imaginada nem sempre é a encontrada. O que se repercute em má qualidade de vida nesse espaço, ocasionando um caos urbano, como podemos notar em várias cidades, das quais existem inúmeros problemas. Consequentemente, a população fica vulnerável as questões ambientais e sociais. Nesse sentido, a autora Cavalcanti (2020, p. 46) aborda os desafios sobre o modo como as pessoas vivem nas diferentes cidades:

São resultantes de uma construção constante, ativa, viva, na qual interferem a experiência, os deslocamentos cotidianos, os modos de moradia, o contexto familiar e social, as aprendizagens, os conceitos, as referências espaciais aprendidas. Esses modos de vida, sobretudo nos modelos de cidade/ sociedade atualmente dominantes no contexto de países periféricos economicamente, dependem da sua posição social. Ou seja, os que não têm recursos financeiros não moram onde querem, mas onde é possível; não escolhem onde estudarem, mas estudam onde há vagas públicas e gratuitas; não trabalham nos locais que desejam, mas onde há acesso e vagas ofertadas; não se deslocam pela cidade quando e como desejam, mas conforme permite o sistema de transporte coletivo disponível. Portanto, a posição social e o poder aquisitivo das pessoas definem: onde vivem (nas periferias sociais, nas áreas centrais, nos pedaços valorizados ou não), onde vão (lugares privados ou públicos, destinados a diferentes atividades) e como vão (deslocamento, mobilidade, transporte).

Na obra, a relação campo e cidade também nos permite refletirmos sobre questões educacionais. A qual, a educação do campo, assim como em todo Brasil, não é uma prioridade. Para os personagens apresentados na obra, que sobrevivem da lida do campo, parece não fazer sentido que os povos camponeses tenham o direito à escola.

Nesse sentido, é muito pertinente debatermos sobre a educação do campo, em especial, pois temos muitos(as) alunos(as) que habitam espaços camponeses. Assim, queremos que eles(as) percebam que a educação é essencial para a vida dos sujeitos, capaz de possibilitar pensamento crítico, emancipatório. Que a partir da educação é possível que eles(as) reflitam sobre seu(s) lugar(es), desejando e buscando melhorias. Caso seus sonhos estejam voltados à cidade, que a educação os(as) faça alcançar de forma que também tenham os direitos garantidos e conquistem qualidade de vida. A arte com seu caráter sociológico em transformar e salvar vidas, muito além do deleite e entretenimento.

Por fim, compreendemos que na sua escrita, Leite (1964) narra principalmente sobre as vivências dos personagens no espaço camponês. Já a cidade é retratada a partir da personagem Lóli, a qual apresenta-se como espaço superior ao campo, ou seja, reflexos dicotômicos entre estes espaços.

Nesse sentido, é possível em nossas (des)leituras destacarmos que os sujeitos terão como possibilidade refletirem sobre o chão da caatinga, assim como aprenderem sobre outros lugares, como destaca Cavalcante (2012, p. 43):

Para que os alunos entendam os espaços de sua vida cotidiana, que se tornaram extremamente complexos, é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu local.

Dando continuidade, sigamos viajando para outros lugares da Bahia. Por hora, vamos mergulhar no universo da Chapada Diamantina a partir da obra *Cascalho*, de Herberto Sales, observando as riquezas, e contradições diamantíferas, observando como, a partir da atividade extrativista, a região foi algo de muitos imigrantes.

Importante contextualizamos com os(as) educandos(as) que a região da Chapada Diamantina também possui caatinga como a vegetação predominante, e que também houve bastante degradação, tanto pela atividade garimpeira, como também as lavouras, a exemplo das plantações de tomate, laranja e batata.

3.2.3 As lavras diamantinas no romance *Cascalho*, de Herberto Sales

Herberto de Azevedo Sales nasceu 1917, natural de Andaraí, residiu também no Rio de Janeiro e em Paris. Foi jornalista, contista, romancista, memorialista, também exerceu a profissão de garimpeiro, o que lhe ajudou no desenvolvimento da obra *Cascalho* (1944). Além de *Cascalho* podemos destacar algumas outras obras do escritor: *Os Belos Contos da Eterna Infância, antologia* (1948), *Baixo Relevo, crônica* (1954), *Além dos Marimbus* (1961), *Histórias Ordinárias* (1966), *O Sobradinho dos Pardais* (1969), *O Lobisomem e outros contos folclóricos* (1970), *Uma Telha de Menos* (1970).

Aqui queremos trilhar (des)leituras sobre a obra *Cascalho*. A narrativa é rica em detalhar as lavras diamantinas, as vivências de garimpeiros que sobrevivem da lida, com a força de trabalho em garimpos, eles que sonham com as riquezas advindas dessa atividade. No entanto, não progridem como almejam, uma vez que as conquistas das pedras preciosas deslizam para as mãos dos coronéis, dos donos das terras e das serras.

Analisando a obra de Sales (1944), Boudoux (2008) destaca que ela representa (des)construção das identidades do espaço sociocultural. Segundo Boudoux (2008, p. 83), o romance *Cascalho* tem como temática as Lavras Diamantinas e Herberto Sales descreve sobre “características do relevo, da vegetação, das rochas que acompanham o percurso do rio”. Segundo a autora, Sales (1944) narra as relações

dos garimpeiros com o espaço, suas vivências, no cotidiano na cidade, em destaque Andaraí, espaços campestres em especial as serras.

Observamos que os conceitos de paisagem e lugar estão implicados na narrativa. No início do livro, Sales (1944, p. 11) faz uma descrição de paisagens, correlacionando com as vivências humanas:

Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e grunhas, carregaram pela noite adentro os paíóis de cascalho. No povoado da Passagem à margem do Rio Paraguaçu agora de monte a monte rajadas de vento cortavam de alto abaixo as ruas êmas, quando os garimpeiros em lúgubre vozeiro, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão. Vinham encharcados de chuva [...].

[...]

- As águas tomaram o serviço todo!

Depois começou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado [...].

Observamos que a mão de obra no serviço do garimpo perpassa por sacrifícios, a exemplo, de riscos de morte como elencamos na citação acima. Já os coronéis não sentem esses impactos, como mostra a sequência da narrativa, destacando que o Coronel reagiu com neutralidade a morte do garimpeiro. Nesse sentido, a vivência dos garimpeiros está atrelada ao lugar e a paisagem, como destaca Jesus e Léda (2020, p. 287):

A paisagem construída por Sales se inspira na realidade conhecida e vivida da região citada. Os elementos constitutivos desse universo paisagístico com rios, serras, montes, vales, vilas, fazendas, fazem parte de um cotidiano conflituoso vivido por sujeitos de várias classes sociais. Cada um desses respectivos sujeitos possuíam uma forma de conceber e se relacionar com o meio ambiente e o lugar. As personagens vivem em tom de forte interação com a paisagem, quando esta faz parte das sensações humanas. Nesse romance impregnado da história de uma região e do povo que ali habitava, a paisagem literária liga o universo ficcional ao mundo concreto, no qual o drama social e humano é marcante.

Como já chamamos a atenção, as pedras preciosas estavam localizadas nas terras de coronéis, donos de serra. Já quem trabalhava na retirada das pedras, chamados de garimpeiros, eram pessoas que não possuíam terra. Destacamos que a maioria deles eram pessoas que foram escravizadas, ou descendentes, pessoas

pretas e pardas, a exemplo do personagem Zé Peixoto, “negro de tutano” (Sales, 1944).

Para o serviço, os garimpeiros trabalhavam com terras alugadas ou como meia-praça. Com as terras alugadas, os garimpeiros pagavam aos donos e clamavam a sorte de encontrar os diamantes. Já na forma de meia-praça, ao encontrar as pedras, os garimpeiros ficavam com uma comissão referente ao valor encontrado. Essas duas formas eram mais vantajosas para os donos das terras do que para os garimpeiros, observamos o poder exercido no território, o qual as riquezas ficam sempre nas mãos dos mais fortes.

O autor destaca que no início das descobertas dos minérios, os garimpos não tinham donos e o povo podia trabalhar à vontade, até a chegada do Coronel Joca de Carvalho, “com os seus Títulos de Terras e Minas, com seus registros de lotes reconhecidos pelo Governo [...]” (SALES, 1944, p. 16). Por isso, o coronel se apossou de várias outras riquezas, tanto das terras, como do rio. Destacamos a concentração de terra, de riqueza e poder nas mãos dessa pessoa, atrelado ao domínio do Coronel, o forte envolvimento por parte do Estado.

As descrições do escritor salientam que o rio Paraguaçu tinha suas relações com os diamantes, que algumas vezes as pedras boiavam nele. Sales (1944) narra uma forte chuva que ocorreu, alguns garimpeiros destacavam: “- Nunca vi cheia como esta” (SALES, 1944, p. 24). E eles relatam que as fortes chuvas chegaram causando impactos nas lavras diamantinas como podemos perceber na parte da narrativa que cita “[...] diamantes boiavam como estrelas, descendo rio abaixo [...] não podia permitir que o rio lhe arrebatasse assim tantos diamantes” (SALES, 1944, p. 22). Outra questão relacionada ao rio é que, como o mesmo tinha dono, os garimpeiros viam-se na necessidade de estarem submissos ao proprietário deste.

Dessa forma, o espaço campesino, o qual a obra se propõe retratar, está muito atrelado ao trabalho nas lavras diamantíferas. Já o espaço urbano da cidade discorre sobre relação de vivência, habitação dos personagens da obra, em destaque os garimpeiros que moram em Andaraí.

Em relação a esta cidade, Sales (1944, p. 63) descreve que o crescimento urbano ocorrido nela se deu às lavras diamantinas, como podemos ver nas linhas do autor,

A Rua do Ribimba era continuação do Rapa-Tiçã. Antigamente a cidade acabava naquela casa grande da ladeira. Mas depois foram chegando homens que procuravam trabalho, homens pobres que vinham atraídos pelas notícias dos garimpos ricos, e o Ribimba nasceu e foi crescendo [...] já constituía agora quase um bairro [...]. Os homens chegavam, roçavam um pedaço de terreno, levantavam as paredes feitas a sopapo com barro do próprio terreno, cobria-as de palha [...]

Destacamos que o crescimento urbano descrito acima é muito evidente em muitas cidades, em destaque àquelas que por conta de alguma atividade econômica torna-se influente ao recebimento de imigrantes. Um crescimento que não foi planejado e que se repercute em moradias precárias, como podemos observar na Rua da Ribimba, a qual os moradores vão chegando mediante a influência dos diamantes existentes, pessoas sem condições financeiras para construir moradias adequadas, e como afirma o escritor, eles mesmos constroem as casas, utilizam materiais inadequados, repercutindo em vivências vulneráveis a desastres. Importante frisar, como exemplo, o personagem Zé Peixoto, que não possuía moradia própria e assim como muitos garimpeiros, morava de aluguel em Andaraí. A questão habitacional fica evidente, sendo uma realidade presente no nosso território, haja vista o valor de troca presente no solo urbano. Assim, grande parte da população não tem acesso a propriedades domiciliares.

Nesse sentido, é importante contextualizar com os(as) alunos(as) sobre a segregação dos lugares. Como ressalta Cavalcanti (2019, p. 138), essa pode ser uma realidade vivenciada por eles(as) que “vivem e frequentam escolas em áreas periféricas e segregadas da cidade. Esses jovens revelam uma experiência urbana muito restrita, vivida em pedaços da cidade, via de regra nos pedaços mais próximos de sua residência e/ ou de sua escola”. Mas esses sujeitos “preferem como espaços de lazer as áreas de consumo como os shoppings e os parques de diversão, localizados em áreas distantes, mais centrais da cidade” (CAVALCANTI, 2019, p. 138). A autora (2019, p. 139) chama a atenção para “a importância da formação do conceito de segregação sócio-espacial como eixo articulador entre a Geografia escolar e a formação cidadã”.

Outro aspecto importante a ser destacado com os(as) alunos(as) é o surgimento de cidades devido a alguma atividade econômica em determinado espaço. Citamos como exemplo a cidade de Lençóis, que tem sua história a partir da

exploração de diamantes. Segundo Sales (1944, p. 216) “os garimpeiros eram objeto das cogitações gerais: sustentavam a cidade”.

Gostaríamos de trazer algumas observações sobre a história do personagem Silvério, que saiu do alto sertão para a região da Chapada Diamantina em busca das pedras preciosas. “E o retirante juntou-se à leva. Deixava para trás o sertão sem chuva – o barro vermelho rachado de seco, a água dos tanques virando lama, os campos cobertos de ossadas das criações” (SALES, 1944, p. 67). Segundo Sales (1944), Silvério era um sertanejo que sofria com as condições de precariedades do sertão, na citação acima o autor se restringe a características deterministas que existem sobre os sertões. E tais precariedades são consequências de falta de políticas públicas, má distribuição de terra, falta de estrutura para conviver com a seca, como já destacamos. Diante dessa situação, e seduzido pela fortuna de Andaraí, ele deixa o seu lugar, deixa casa, esposa, filhos, deixa a pequena roça que lhe pertencia, na esperança de um dia retornar, assim que conseguisse dinheiro. Silvério, “tangido pela ambição do ganho fácil, pela ilusão de fazer dinheiro depressa, entrevira, na viagem afoita, um futuro próspero e feliz” (SALES, 1944, p. 68). Como destacam Jesus e Léda (2020, p. 287), “O sonho de todo garimpeiro que chegava nas Lavras era ‘bamburrar’, ou seja, encontrar diamantes e/ou pedras preciosas de elevado valor com a ambição de enriquecer, ascender na vida”.

É importante relatar para os(as) estudantes que a Chapada Diamantina também se localiza nos sertões, daí a importância de utilizarmos a palavra no plural, haja vista diversidades de lugares, diferentes contextos geográficos. Assim, o alto sertão citado pelo escritor é considerado menos desenvolvido. Dessa forma, a importância de fazermos problematizações, pois a forma que o autor escreve parece que a Chapada não é sertão.

Na obra, Silvério, ao chegar, percebeu que a atividade diamantífera não era tão positiva como parecia. No período que chegou à região, os diamantes não eram encontrados facilmente como outrora, quando os garimpeiros levavam as pedras “entrouxadas em lençóis”, diamantes eram encontrados até mesmo em “moela de galinha”, a quantidade era tanta, que segundo o escritor havia muito desperdício, “os antigos não sabiam garimpar. Metiam o cascalho bruto nas bateias, não ralavam nem rebaixavam ele, de maneira que perdiam muito diamante” (SALES, 1944, p. 93). Ou seja, foram agregando mais conhecimento para a extração da pedra nos garimpeiros, no entanto, a quantidade já não era a mesma.

Para Silvério, o lugar o qual chegou “lhe parecia em tudo igual à sua terra, um município a mais com ricos e pobres como outro qualquer [...]” (SALES, 1944, p. 69). Sentiu-se enganado por àquele local. Destacamos, nesse fragmento, algo que já citamos em algumas leituras a presença da desigualdade social presente em praticamente todos os lugares, ou seja, a riqueza é concentrada nas mãos de poucas, assim como essa riqueza é vendida como mercadoria para outros lugares. Como destaca Cavalcanti (2012, p. 09), “esses espaços urbanos são excludentes, segregados, depredados ambientalmente e não oferecem condições de vida igualitárias para seus habitantes”.

A partir do diálogo entre os personagens garimpeiros, percebemos um certo preconceito por parte de habitantes da Chapada Diamantina para a população sertaneja “do alto sertão” quando o autor (1944, p. 69) narra:

No sertão, vocês vivem agarrados no cabo da enxada de sol a sol, sofrendo mais que sovaco aleijado, e nunca que botam os olhos numa capa-de-cangalha. Vivem guardando tostão feito esmoler, sem ir pra diante, e quando chegam aqui estão contando história. É verdade que o garimpo não é grande coisa. Mas aqui, pelo menos, é onde o pobre pode ver uma nota de 500 depressa.

É fato que o diamante agrega riquezas, um valor que diferencia a região da Chapada de outras regiões da Bahia, comparando essa atividade com as de outros lugares nos Sertões, o crescimento econômico das lavras diamantinas é o maior, dessa forma, os processos migratórios são evidentes. No entanto, esse crescimento econômico não se repercute em qualidade de vida para toda a população, como já destacamos alguns problemas enfrentados por muitos garimpeiros que habitam a região. Ou seja, a riqueza “escorrega para poucos”. Em fala de um garimpeiro da obra, Andaraí é “uma terra rica de gente pobre” (SALES, 1944, p. 78). Assim, para muitos como Silvério o garimpo torna-se desencanto, Jesus e Léda (2020, p. 288) destacam que:

A decepção com o garimpo nasce ao passo que o garimpeiro desvenda a realidade como ela é, e ao notar as adversidades da vida nesses lugares, sobretudo, os riscos de morte iminentes em cada grana, em cada mergulho o real se revela como trágico.

No diálogo entre os personagens, eles destacam a dificuldade de encontrar diamantes. Citando o município de Lençóis, salientam que antigamente era garimpo

rico, saiu diamante para várias partes do mundo. A atividade no município está chegando ao fim, não é muito diferente do que está acontecendo em Andaraí também, importante ressaltarmos que os minerais são recursos não renováveis. Destacam ainda que “com todo lugar de mineração acontece isto” (SALES, 1944, p. 99). De fato, é importante debater com os(as) participantes da pesquisa que a atividade com o extrativismo de matérias primas tende por consequência acabar, uma vez que há apenas a retirada do(s) recurso(s). Assim, é possível uma correlação com a extração mineral em Santaluz.

Nesse sentido, o personagem Silvério fica a pensar “teria perdido seu tempo em procurar ganhar dinheiro nas Lavras? As notícias dos garimpos de Lençóis, outrora muito ricos, e agora transformados ermos[...]” (SALES, 1944, p. 101).

Embora diante da situação de decadência da extração do diamante como destacamos, ora ou outra, era encontrada alguma pedra, o que fazia com que os garimpeiros não perdessem a esperança, como também era um trabalho o qual “viciava-os” e esses não conseguiam, não aprendiam fazer outra coisa. Assim, a fama das lavras como condição de riqueza ainda continuava e muitos imigrantes continuavam a chegar na região diamantífera da Bahia.

Outros personagens que merecem destaque na narrativa de *Cascalho* são os gringos que compram o diamante e negociam em outros lugares, “os gringos têm o comércio de diamantes e carbonatos nas mãos. Eles é que sabem dos preços verdadeiros [...]” (SALES, 1944, p. 204). Os personagens completam ainda “eles vão vendendo sempre – vivem disso” (SALES, 1944, p. 205).

Diante da valorização da pedra diamantífera, aconteciam muitos roubos de diamantes. Daí a causa de desconfiança até mesmo com os próprios colegas de trabalho, várias situações de violência, de crimes pela posse da pedra.

Ao fazer uma análise da obra sobre o conceito de lugar, correlacionamos com as ideias de Jesus e Léda (2020, p. 289) quando destacam que o lugar das lavras diamantíferas “pode ser do acolhimento, da pertença ou também da repulsa, atitudes que decorrem da práxis cotidiana, na qual se assentam as relações socialmente construídas no lugar”. Comungamos com o autor e a autora (2020, p. 287) quando ressaltam ainda que a partir da atividade econômica nesse universo das lavras diamantinas reuniu ao lugar uma “diversidade cultural representada nas figuras dos jagunços, garimpeiros, coronéis, prostitutas, gringos, comerciantes, trabalhadores alugados e meia-praças”.

Nessa perspectiva, acreditamos assim como Nuñez (2010, p. 80) que saberes geográficos em diálogo com linguagem literária “lê os ambientes, os acidentes topográficos, os adensamentos ou as dispersões populacionais, em seus aspectos físicos e humanos”.

Importante ressaltarmos que a região da Chapada Diamantina se constituiu como lugar de riqueza a partir das pedras preciosas, que com o passar do tempo, foi chegando ao declínio devido a constante exploração. Atualmente, a Chapada Diamantina tem o turismo como uma das principais atividades econômicas. As riquezas do lugar são principalmente pelos encantamentos das suas belezas paisagísticas encontradas nos chapadões, cachoeiras, areais, no rio, nas trilhas... Deslumbra olhares, atraindo pessoas de todo mundo, tornando-se um lugar turístico. Essa é uma característica importante de ser contextualizada no âmbito escolar.

Como base nos conhecimentos da obra, observamos que a cidade é descrita como local de vivência, habitação desses personagens. E que o campo é um espaço da retirada das matérias-primas, ou seja, os(as) personagens deslocam-se para as roças e as serras para as atividades do garimpo. Para Cavalcanti (2012), as cidades abrigam grande parte da população, havendo nelas complexidades e diversidades nas histórias e experiências humanas. Nesse sentido, nas histórias de muitos garimpeiros, embora suas atividades econômicas de sobrevivência estejam no campo, a cidade torna-se o local de moradia e o local de circulação para o consumo das pedras, em destaque um consumo exclusivamente para àqueles que tem poder aquisitivo.

Conhecendo mais a Geografia da Bahia, a partir da (des)leitura literária, percorreremos o Recôncavo Baiano, buscando marcas na história importantes à nossas compreensões sobre a realidade dos espaços atuais. Assim, caminhamos pelas voltas nas estradas canavieiras, percebendo quanto suor foi derramado.

3.2.4 No suor açucareiro do Recôncavo Baiano em *As Voltas da Estrada*, de Xavier Marques

Francisco Xavier Ferreira Marques nasceu em Itaparica, Bahia. Entre suas atividades, dedicou-se como político, escritor e jornalista. Entre algumas de suas obras estão *Uma Família Baiana* (1888), *Insulares* (1896), *Boto e Companhia* (1897), *Jana e Joel* (1899), *O Sargento Pedro* (1910), *A Cidade Encantada* (1919), *As Voltas da Estrada*.

No romance *As Voltas da Estrada*, a trama desenvolve-se pela passagem do período da escravidão à abolição da escravatura. No então período escravocrata, os senhores de engenho do Recôncavo Baiano possuíam o poder das terras e das pessoas escravizadas. Nas “voltas” das entrelinhas da obra, o autor narra que a aristocracia que até então estava nas “mãos” dos senhores de engenho, quebra-se dando vez a república. Segundo Oliveira (2011, p. 02), a obra de Marques:

Trata-se de uma obra ímpar por seguir a contramão de tudo que se publicava na Bahia em termos de escravidão, abolição, raça e cidadania no Brasil, pois a maior parte dos letrados baianos interpretava estes acontecimentos do ponto de vista dos ex-senhores, talvez por ser a maioria deles seus descendentes.

Ou seja, os sujeitos encenados por Marques (1982) eram considerados gente, a exemplo do personagem Nazário, ele que é protagonista. Pois, em algumas publicações de algumas obras, as questões raciais são abordadas a partir das visões hegemônicas dos(as) escritores(as), a exemplo do índio, do negro que infelizmente não “eram” retratados como gente, um verdadeiro epistemicídio, o qual inviabilizava a cultura, os saberes dessas pessoas. É importante um olhar crítico, um cuidado do ponto de vista discursivo, problematizando tais questões no contexto educacional.

Dessa forma, gostaríamos de realizar nossas (des)leituras da referida obra. A princípio, observando os conhecimentos do período escravocrata, muito suor foi derramado por homens, mulheres e crianças que não eram tratados dignamente, respeitados como tal, mas que passavam por condições sub-humanas, retirando desses(as) a dignidade em prol da economia açucareira.

A escrita narra sobre a cidade de Amparo dos Cativos, ou seja, Marques (1982) utiliza-se de uma cidade fictícia para retratar a realidade de cidades pertencentes ao Recôncavo Baiano. Segundo o autor “a população de Amparo constituía-se, como a de todo país, pela mescla de três sangues: o europeu, o africano e o americano” (MARQUES, 1982, p. 06).

Importante ressaltarmos que os africanos, nas linhas do escritor, foram importados para o trabalho escravo. Aqui percebemos quanto esse povo foi tratado como objeto, a palavra “importado” dá uma ideia de mercadoria, ou seja, o termo migração foi trocado, porque de fato esses sujeitos não migraram por conta própria, foram retirados, arrancados dos seus lugares. Para Nascimento (2018, p. 61):

O motivo da importação de escravos era a simples exploração econômica representada pelo lucro, os escravos, rotulados como subumanos ou inumanos, existiam relegados a um papel, na sociedade, correspondente à sua função na economia: mera força de trabalho.

Nesse sentido, o trabalho representado na obra das terras amparences, repletas de canaviais, proporcionando o auge do esplendor da cidade, riqueza e alegria dos senhores de engenhos, a exemplo dos “proprietários rurais e açucareiros formavam uma espécie de casta nobre [...]” citados em (MARQUES, 1982, p. 08). À essa riqueza o pulsar, o suor da população escravizada, esses que produziam do plantar da cana à fabricação do açúcar, a produção açucareira tornara-se uma grande indústria regional. Além do açúcar, alguns proprietários produziam também álcool e cachaça. Alguns desses senhores de engenhos possuíam títulos de barões e viscondes.

Uma característica importante para analisarmos e levar para o debate em sala de aula é a questão da reprodução dos escravos. Marques (1982, p. 07) destaca que “as negras cativas eram mães fecundas e inesgotáveis: davam crias infalivelmente a cada ano, parindo até por capões e moitas”. Segundo a narrativa, os próprios senhores de engenhos dedicavam-se na reprodução “muitos deles não se dedignavam de concorrer com os machos nagôs, malês, minas e crioulos para aumentar a estatística de natalidade em suas fazendas” (MARQUES, 1982, p. 08). Haja vista a extinção do tráfico de escravo, uma “desgraça” considerada pelos senhores, a natalidade tornara-se cada vez mais importante àquele contexto. Fazendo considerações a respeito dessas práticas, Nascimento (1978, p. 61) salienta que:

A norma consistia na exploração da africana pelo senhor escravocrata e este fato ilustra um dos aspectos mais repugnantes do lascivo, indolente e ganancioso caráter da classe dirigente portuguesa. O costume de manter prostitutas negro-africanas como meio de renda, comum entre os escravocratas, revela que além de licenciosos, a alguns se tornavam também proxenetas.

A obra destaca que essa população era considerada como “gado humano”, rendia em trabalho, capital aos senhores e necessitavam de menos cuidado e menos gastos comparando o gado vacum e equino. Importante dialogar com os(as) estudantes sobre questões de gênero e raça, a qual, mulheres negras ainda sentem os reflexos do período escravocrata, como afirma Nascimento (1978, p. 61): “Ainda

nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de *status* social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco”.

A partir da relação dos senhores com mulheres escravizadas se reproduziam os(as) mestiços(as), o escritor (1982, p. 15) faz uma ressalva que eram “tratados menos duramente que os negros”. Assim, as atividades desses(as) eram menos pesadas, a exemplo de adestração de cavalos, vaqueiros, entre outros. O personagem Nazário possuía essas características, esse que era considerado como um liberto.

No entanto, o Nazário foi preso, mesmo ele ressaltando: “- Sou um homem livre [...]”. O personagem senhor Godofredo respondeu: “- Passem a corda nesse filho ... da liberdade” (MARQUES, 1982, p. 53). O motivo da prisão do personagem foi ter vencido uma cavalgada, disfarçado com máscaras na tentativa de conquistar a moça mais formosa de Amparo, filha de um dos viscondes senhores de engenho, o senhor Bastos Leite, ou seja, era uma audácia da parte do mestiço “haver conspurcado a nobreza de Augusta Leite” (MARQUES, 1982, p. 56). Diante disso, Nazário foi para o tronco, recebeu várias chicotadas, das quais sangrava por todos os vincos e, segundo Marques (1982), dormia e acordava gemendo.

Nesse sentido, para Oliveira (2011, p. 09), “o mestiço Nazário após constatar que a sua situação de liberto num país escravocrata para muito não servira, visto que o poder senhorial também continuava determinando sua vida e manipulava os negros contra o poderio branco”. O referido autor (2011, p. 09) ressalta ainda que na narrativa de Marques fica explícito “que os libertos não vislumbrariam sua completa liberdade enquanto durasse a escravidão”. Ou seja, a “liberdade” tinha limites.

No decorrer da narrativa, a história de Nazário demarca a luta de um grande poderoso líder quilombola. Após ter sido preso, o negro inicia o percurso de luta pela liberdade do seu povo. Nas linhas da obra, Marques (1982, p. 98):

Tornou-se refúgio de todos os negros de mau cativo revoltados contra os castigos e a dureza das tarefas. Nazário, o flagelo dos senhores-de-engenho, embriagava-se de vingança. Inteligente, astucioso, tirando partido da lei que libertava o ventre das escravas, acendia no coração dos antigos parceiros a esperança de próxima libertação geral.

Nesse sentido, Marques (1982) retrata aspectos importantes que contribuíram para o fim da escravidão, a formação de quilombos e a lei ventre livre. Com a perspectiva de liberdade, a população escravizada se fortalecia em seus quilombos. A força dessa população se repercutiu e, conseqüentemente, os senhores de engenho entram em decadência. Marques (1982) conta que os escravos fugidos talaram as fazendas. E aos poucos a conquista da abolição da escravatura, explicando sobre o que aconteceu depois dessa importante conquista histórica, o escritor citado (1982, p. 111) salienta:

Doze anos apenas, a contar da abolição da escravatura e da imediata fundação da República, foram bastantes para liquidar os remanescentes da rica e poderosa classe. Mortos os grandes proprietários, o intenso movimento abolicionista provou a incapacidade dos herdeiros para arcarem com a crise da lavoura e da indústria sacarina (MARQUES, 1982, p. 111).

Por consequência, as fazendas ficaram despovoadas e a nobreza se transforma em nobreza mística, na pessoa do personagem Nazário havendo uma transcendência em sua história, como ressalta Marques (1982, p. 112), que o senhor Nazário Ribeiro “Homem atilado, corajoso e arranjista [...] ganhou dinheiro, aumentou os seus rebanhos de bovinos e adquiriu aos herdeiros dos arruinados, por preços vis, extensas terras e prédios urbanos, quase todos onerados de hipotecas”. Exerceu cargo de prefeito, uma longa jornada pela prefeitura, cargo que posteriormente o filho também exerceu, gozaram de facilidades e privilégios. O escritor Marques (1982, p. 200) narra que o personagem “era o senhor, na república democrática, da mesma sorte que os viscondes e barões, seus antepassados, o foram na monarquia”.

O trabalho nas propriedades passa a ser com pessoas contratadas, a exemplo de estrangeiros citados na obra. Assim como outras atividades agropecuárias, a exemplo de extensão de criações de gado e plantação de capim, lavoura de fumo, mandioca, feijão. É importante contextualizar com os(as) alunos(as) que a região do Recôncavo Baiano foi destaque no território baiano também pela sua plantação fumageira, embora não seja evidente essa leitura na obra de Marques (1982). Além das produções agropecuárias presentes na região, a mata é ressaltada na narrativa com extremo valor, haja vista sua variedade de madeiras. Dessa forma, a mata atlântica muito foi devastada, quer seja para o extrativismo vegetal, como para as lavouras açucareiras, fumageira, entre outras.

Uma observação presente na narrativa é a permanência de concentração de terra, riqueza e poder, embora agora pertencendo a quem antes foi oprimido. Nazário ficou rico, mas essa não foi uma conquista de todos(as) àqueles(as) que outrora foram escravizados(as), como destaca um personagem na obra de Marques (1982, p. 147): “Quanto ao povo, vive amparando migalhas, ufanando-se da riqueza dos patrões e trabalhando para aumentá-las!”

Como desfecho da obra, o escritor faz jus ao título *As Voltas da Estrada*, na pessoa da personagem Augusta Leite, outrora aristocrata, filha de visconde, casada com comendador, dono de indústria e de terras. Ficou viúva e empobrecida, mãe de Paulinho, esse que se apaixonou pela filha de Nazário. A história romântica é dificultada pelas questões raciais e preconceituosas, haja vista que Nazário e sua filha, embora ricos, são mestiços e Augusta e Paulinho brancos e pobres.

Nesse sentido, observamos que a questão do racismo está bastante evidente. Mesmo que a escravidão tenha acabado, o preconceito ainda está presente, não importa se houve uma ascensão social. No âmbito educacional, esse debate é muito pertinente, uma vez que o preconceito racial ainda é muito presente em nossa sociedade. Outra questão bastante proveitosa ao diálogo é sobre a importância das lutas dos movimentos negros, em prol de seus direitos, pois, como destaca Gonzalez (2020, p. 12), embora a Lei Áurea:

Declarou como abolida a escravização, revogando todas as disposições contrárias e... nada mais. Para nós, mulheres negras e homens negros, nossa luta pela liberdade começou muito antes desse ato de formalidade jurídica e se estende até hoje.

Relatar privilégios por parte da população branca, que as atividades menos “valorizadas” em sua maioria são realizadas por pessoas negras, sem contar que ainda existem pessoas que vivem em condições sub-humanas, das quais é possível considerar semi-escravidão, abordar sobre o genocídio negro. Assim, importante questionar com esses(as) alunos(as) quais são as senzalas atuais?

Uma (des)leitura que gostaríamos de ressaltar em relação as classes sociais são as características de moradias apresentadas na obra enquanto os senhores, grandes proprietários, possuíam casas no campo, nas propriedades e casas secundárias na cidade, onde realizavam os festejos, assim utilizavam uma e duas vezes ao ano. Os escravizados tinham as senzalas. Sobre as moradias, o escritor também descreve algumas características de moradias da cidade de Amparo:

Ao povo não se lhe dava de morar debaixo de telhas, sobre chão tijolado em aposentos apertados e escuros. As casas em geral de um só pavimento, sem recheio de alfaia, eram extremamente caídas ou coberta de ocre, de que havia depósitos naturais em terrenos da comarca. As casas chamadas nobres eram-no antes pelas dimensões e solidez que pela estética: tinham um andar superior com forro de cedro em largas táboas, e sacada de ferro corrida em toda a frente. Ao contrário do ático, deixaram ver por inteiro os telhados. O padrão arquitetônico da cidade era a Casa da Câmara, tão antiga quanto a igreja, com grossas paredes de dois séculos. [...] As ruas estreitas e tortuosas careciam de sombras refrigerantes de árvores. [...] Tal era a tradicional cidadela da escravidão (MARQUES, 1982, p. 08).

Com base nessa citação, é possível discutir com os(as) educandos em sala de aula os aspectos referentes às desigualdades de moradias presentes nas cidades. A produção do espaço urbano depende dos interesses dos agentes envolvidos, como aponta Cavalcanti (2011, p. 02):

A produção desse espaço, no capitalismo, depende da atuação de seus agentes - os donos de capital, o Estado, as incorporadoras imobiliárias, os segmentos sociais; administrando diversos interesses em conflito e de acordo com a correlação de forças, promovendo a expansão horizontal da malha, a especialização dos lugares, a valorização e a segregação de suas partes. Esse processo é próprio das cidades modernas sob a hegemonia do capital e das relações capitalistas de produção.

A partir da cidade fictícia, cenário da obra, é possível fazer menção a várias cidades do Recôncavo. Citamos, como exemplo, as cidades de Cachoeira e São Felix, essas que é possível observar características históricas na paisagem da arquitetura urbana das cidades. Um detalhe importante a ser ressaltado no espaço escolar é que os espaços das cidades citadas foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o intuito de preservar o valor histórico, cultural, arquitetônico desses lugares. Dessa forma, podemos observar nelas os detalhes da citação, um acervo colonial, produzido pelo suor açucareiro e posteriormente pela produção de fumo. Essa característica de preservação de um espaço e/ou de um imóvel não é presente em todas as cidades. Assim, é importante relatar com os alunos as constantes transformações ocorridas nas paisagens urbanas. Cavalcanti (2012, p. 90) diz que “as moradias e outros imóveis (grifo nosso) mudam com o tempo, de acordo com diferentes concepções sociais, culturais e arquitetônicas” e destacamos

que tais mudanças partem principalmente de quem tem o poder aquisitivo, dos agentes hegemônicos que produzem e reproduzem o espaço urbano.

Outra (des)leitura que gostaríamos de ressaltar da obra de Marques (1982) é a questão educacional que era restrita àqueles que tinham poder e riquezas. Essas pessoas saíam das fazendas para obterem formações escolares em outras cidades, a exemplo de São Paulo, Recife, Salvador, Rio de Janeiro. Na obra, alguns personagens, senhores de engenhos, em debate sobre criações de escolas, destacam: “- [...] Prefiro o povo sem alfabeto [...] o povo quanto menos letrado mais ordeiro e morigerado [...]” (MARQUES, 1982, p. 21). Os personagens destacam ainda “mais vale guardar dinheiro para empregar em braços que trabalham e enriquecem o país [...]” (MARQUES, 1982, p. 21). Alguns abordam que nas escolas as crianças ficam vagabundando, já no trabalho estão apreendendo tarefas.

Essas questões são muito pertinentes para o debate em sala de aula, haja vista tamanha desigualdade na falta de acesso e de oportunidade na escolarização da população pobre, negra, escravizada e/ou descendentes. Ainda nos dias atuais, há um reflexo ao observarmos os níveis de formação, as formas de trabalho da população negra se comparada à população branca. Dessa forma, é importante ressaltarmos a importância de leis que visem oportunizar igualdade de direitos, como exemplo, a lei de cotas nas universidades e nos concursos públicos, ao estudo da história da África e dos afrodescendentes no Ensino Básico, entre outros.

Podemos concluir nossas considerações da narrativa de Marques (1982) a partir do pensamento de Oliveira (2010, p. 160) que a obra demonstra:

A visão de um ex-abolicionista, sobre o processo da abolição e, na mesma medida, também coloca a questão racial e da cidadania negra em discussão, ao construir “fantasiosamente” personagens negros e mestiços que agem como cidadãos e, mais que isso, que exercem liderança política efetiva dentro de suas tramas. Quanto aos brancos, os [ex]senhores destaca a sua degradação moral, em virtude da contaminação pelo escravismo.

Nesse sentido, é importante percebermos que “foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de liberação” (GONZALEZ, 2020, p. 18). Ou seja, as lutas do movimento negro foram e são necessárias, de suma

importância para equidade de direitos por parte dessa população. Claro que na narrativa há elementos fictícios.

A partir dessa presente reflexão sobre a obra de Marques (1982), foi possível observarmos que a atividade canavieira, a qual ocorria em espaços campestres, gerou grandes riquezas, que eram concentradas nas mãos de pequena elite que construía a cidade, os patrimônios para suas ostentações, seus prazeres. A população pobre habitava áreas periféricas. Se analisarmos algumas cidades dessa região muitas dessas marcas e características estão presentes. Nesse sentido, como sinaliza Brosseau (2007, p. 27), “o geógrafo, então, torna-se historiador e procura reconstruir o quadro de uma cidade ou de uma região por intermédio de uma leitura crítica e comparativa das fontes disponíveis”.

Para findar nossos olhares das obras literárias nessa ida à Bahia, não podemos esquecer dos espaços litorâneos, espaços esses que recebiam as produções e mercadorias, em destaque o açúcar, os minerais, as fibras do sertão para embarcar mundo afora. Assim, avançamos às águas litorâneas, na escrita de Adonias Filho.

3.2.5 As águas litorâneas da Bahia, em *Luanda Beira Bahia*, (des)leituras de Adonias Filho.

Adonias Aguiar Filho nasceu em 1915, em Ilhéus, na Bahia. Foi jornalista, crítico, ensaísta e romancista. Entre suas obras estão *Servos da Morte* (1968), *Memórias de Lázaro* (1952), *Corpo Vivo* (1962), *O Forte* (1965), *Léguas da Promissão* (1968), *Luanda Beira Bahia*, *A Noite sem Madrugada* (1983).

Em *Luanda Beira Bahia*, Filho (1971) inicia descrevendo um espaço campestre, situado próximo ao litoral baiano. Nesse espaço, há a presença da árvore jindiba, evidenciando-se como protagonista da narrativa. Próximo a ela, gramado verde, coqueiros e a casa com três janelas esmagrecidas que jindiba conhece desde o início de sua construção. Aqui podemos imaginar como seria essa paisagem e discutirmos tal conceito.

A casa pertencia ao personagem Caúla, um menino que vê a árvore como centro do mundo. Segundo Filho (1971, p. 08), nas proximidades da casa:

Nem perto e nem distante, começam as ruas. As casas baixas e pobres na areia. Moravam os pescadores e canoieiros que, na praia guardavam as jangadas, as canoas, as redes grossas e os barcos pequenos. Pescadores, canoieiros e marinheiros os habitantes do

Pombal [...] Homens de vários países, alguns loiros e altos, que vinham para levar o cacau. [...] Eram os gringos, marinheiros que lotavam na safra do cacau, vindos de alguns cantos do mundo.

Como podemos observar, há neste lugar duas principais atividades: a cacauicultura e a pesca, possibilidades de sobrevivência para alguns(as) dos(as) habitantes de Pombal. O mar interliga o espaço campesino de Pombal a cidade de Ilhéus, sendo que, por meio das navegações, pessoas percorrem entre estes lugares e para outros lugares do mundo, assim como através do transporte marítimo muitas mercadorias de Pombal e de outras regiões são transportadas mundo afora.

A trama da obra acontece em torno da vida do pequeno Caúla, que aos dois anos de idade viu seu pai, um marinheiro, partir no grande mar, disse que voltaria com um ano, mas os anos foram passando, as notícias diminuindo, a mãe cuidando do filho sozinha. Dez anos se passaram e ele sumiu de verdade, não sabiam se estava vivo ou morto. A Mulher, o filho e até mesmo a árvore o esperavam.

Caúla crescia, sua mãe além de sentir a falta do esposo, temia que o filho seguisse seu exemplo e partisse pelas águas marítimas. Assim era a história de muitos do Pombal. Ela pensou em vender a casa, ir aos campos das plantações de cacau, para distante do mar, de seu fascínio, mas desistiu da ideia, pois seria difícil encontrar trabalho com filho, e ainda nas durezas que é o trabalho com o cacau. O tempo passava e o medo aumentava, à Caúla sempre dizia: “– O mar, filho, é ruim” (FILHO, 1971, p. 16).

Para Castro (2020, p. 304) “Considerada como elemento fundamental para a vida, a água está presente não só nas práticas banais, cotidianas, como também em diferentes manifestações religiosas”, assim as obras literárias descrevem o percurso da água das mais variadas formas. Interessante destacarmos com os(as) estudantes que, na narrativa de Filho (1971), as águas marítimas que inter cruzam os continentes América e África, Bahia e Luanda, são, para os personagens, motivo de sobrevivência, de perspectiva, oportunidade, já para outros, motivos de medo, sofrimento.

Caúla, na escola, estudando sobre os continentes, a sua professora mostrava a localização da África e destacava que homens de Ilhéus lá estavam. Caúla ficava a pensar que seu pai deveria estar em um desses mares.

Já sua mãe, na tentativa incansável para que Caúla não adentrasse nas navegações marítimas, vivia a procura de emprego para o filho. Até que um dia

encontrou em uma sapataria em Ilhéus, o dono lhe ensinaria o ofício para ganhar dinheiro. Caúla já era considerado homem.

A ida do Pombal para Ilhéus é realizada por uma canoa com várias outras pessoas que iam para a cidade trabalhar. No caminho, o alto mar lhe cativava, pensava no pai, na mãe, nele próprio. Pensava que seria bom navegar a vida inteira rodando a terra, vendo nações e raças.

Alguns anos se passaram, ele seguindo em seu trabalho, sua mãe não estava bem, o médico já lhe avisara, chegando ao falecimento. E como jindiba previa, o filho de João Joanes foi prestar serviço ao mar.

Nesse desenrolar da narrativa, gostaríamos de fazer algumas observações. A princípio como já destacamos Pombal, espaço campesino, o qual seus moradores sobrevivem das plantações, em especial do cacau, de criações de animais, atividades pesqueiras, alguns se deslocam para a cidade de Ilhéus sendo ela uma alternativa de trabalho, outros deslocam para outros lugares, no território brasileiro e em outros continentes.

A história de Caúla nos revela como o mar agrega significados nas histórias de vidas das pessoas. Para sua mãe com uma identidade feminina, mãe solteira, pois criara o filho praticamente sozinha, há uma negatividade no espaço marítimo, pois ele “retirou” seu esposo, assim como podia “levar” seu filho. Já para João Joanes e Caúla, ao mar agregava valores de pertencimento, de liberdade, sensações de conquistas, em especial a conquista de outros espaços.

Para contextualizar, ao retratar a cidade de Ilhéus, Filho (1971) cita a estrada de ferro, feira, lojas, ruas calçadas, postes de iluminação. Filho (1971, p. 20) chama a atenção que em parte a cidade via-se “Apertada pelo mar, quase uma ilha, pequeno labirinto de ruas estreitas que chegavam até ao pé dos morros”, já o outro lado, era diferente, concentrava-se comércio, a zona do porto e os depósitos de cacau. Para Caúla aquela cidade foi seu mundo durante aquele tempo. O escritor destaca a presença de muitos marinheiros neste espaço urbano. Observa-se que a cidade possui dois lados: um segregado, ou seja, sem planejamento, vulnerável; o outro, espaço da fluidez, representando centralidade por conta das funções e atividades exercidas.

A princípio, o mar levou Caúla até a capital da Bahia, Salvador, outra cidade baiana descrita na narrativa de Filho (1971). Ao chegar a Salvador, Caúla teve uma vista de uma cidade que todos falavam. Filho (1971, p. 34) traz descrições da

paisagem urbana de Salvador a partir de um olhar do personagem Caúla, o qual, nota-se um deslumbramento na citação abaixo,

A velha Bahia, rompendo as nuvens brancas e cinzas, descobria-se no casario desaprumado, nas ladeiras em labirinto, já aparecendo torres de Coventos e Forte. A cidade de baixo se encontrava com a de cima, assim na distância, debruçados os sobrados nas colinas como se espiassem o mar. E quando o sol se levantou por trás, pondo em relevo aquela frente – avenidas, alamedas, Igrejas, jardins.

Entre outras descrições realizadas, o escritor detalha o cais e uma grade de ferro que separa o porto das ruas. Cita o barulho dos carros, o elevador, características culturais como comidas típicas, entre elas caruru, peixe de moqueca, vatapá em panelas de barro, aguardente em bambu e coco. A música e a alegria de Salvador também são retratadas na obra. Caúla se encanta e destaca que a cidade parece uma festa. Filho (1971) também destaca que chegam aos portos da Bahia diamantes vindos das lavras diamantinas, para que sejam transportados pelos marinheiros para o exterior. Nesse sentido, trazemos uma citação de Cavalcanti (2012, p. 71) bem pertinente quando destaca que “a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz culturas”. Cavalcanti (2012, p. 94) salienta ainda que “a observação das grandes cidades brasileiras, com suas mensagens, seus símbolos e suas normas, aponta indícios de interdição da circulação pela cidade para alguns privilégios da circulação para outros”.

Importante contextualizar e discutir com os(as) estudantes sobre as funcionalidades, contradições da cidade de Salvador. Enquanto capital da Bahia, maior cidade do estado, existe nela muitos espaços segregados, pobres, com inúmeras mazelas sociais.

Caúla, em seus deslocamentos pelos oceanos, além da capital baiana, chega ao continente africano. O escritor retrata algumas características de cidades da África, em especial Luanda que se destaca como título da narrativa, agregando mais aprendizado à obra. Pimentel (2015), analisando os elementos de africanidade presentes na narrativa de Adonias Filho, observa que a narrativa evidencia uma relação entre Brasil-África, espaços esses que apresentam características comuns, como: elementos naturais, elementos culturais, hábitos e costumes, a exemplo da religiosidade. Segundo Pimentel (2015, p. 31), “Adonias Filho procura recriar os espaços brasileiros e africanos de um modo a demonstrar uma continuidade, um como

reflexo do outro”. Filho (1971) também retrata o povo africano que migrou para a Bahia, e que muitos dos costumes e culturas dos baianos foram apreendidos por esse povo, como grande exemplo as senhoras de Angola que estavam nos tabuleiros de acarajé. Importante destacar que os povos africanos se fizeram presentes na formação do território brasileiro.

Outra característica destacada por Pimentel (2015, p. 64) sobre a obra de Filho (1971) “se constituiu aqui como fonte de pesquisa história e se apresentou como objeto dos estudos culturais, pois ofereceu a maneira como os diversos grupos sociais, como os portugueses, os indígenas e os africanos, se inserem na cultura brasileira”.

No entanto, não detalharemos sobre os aspectos africanos, pois temos como recorte o campo e cidade em espaços baianos. Assim, destacamos a importância do litoral baiano para que haja movimentações de pessoas, de mercadorias, ou seja, uma fluidez entre os lugares.

No desenrolar da história, Caúla na cidade de Luanda, continente africano, encontra uma jovem, a qual se apaixona e decide com ela voltar para Ilhéus. Para sua casa voltaria e apresentaria sua mulher à sua amiga jindiba. Falar de casa denota subjetividade do sujeito, lugar de aconchego, de pertencimento, de acolhida. Para Cavalcante (2012, p. 118), a casa é “para o sujeito que nela vive, seu primeiro lugar de referência para exercer sua vida. Ela é, também, objeto de cultura [...] a casa é referência do homem como entidade e origem de inter-relações familiares, comunitárias e de vizinhança”. Para o personagem, a sua casa, com sua árvore era o melhor lugar do mundo, agregando sentido à sua identidade. Gostaríamos de destacar as questões de pertencimento do personagem pelo seu lugar, em destaque pelas vivências e suas relações com a árvore jindiba, essa como ser que tem significados, diferente de uma árvore qualquer.

Arelado a ideia de pertencimento, as marcas do nascimento, da infância carregam uma característica muito peculiar ao lugar, como destaca Augé (1994, p. 52): “Nascer é nascer num lugar, ser designado a residência [...] o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual”. Nesse sentido, o autor Carney (2007, p. 127) chama a atenção que “o próprio lugar incorpora significado, que depende da história pessoal que uma pessoa traz para ele”. Carney (2007, p. 146) ressalta ainda que “lugares passados e distantes são mantidos vivos e reais em nossa memória”.

Após algum tempo em alto mar, sentia o cheiro distante de terra, de floresta, dos cacauzeiros, Caúla sabia que ali já era o mar de Ilhéus. No desfecho da história, embora trágico, ao chegar à sua casa, Caúla descobre que é irmão de sua mulher, advindo de um caso que seu pai teve na África.

Assim, salientamos que as principais (des)leituras sobre a obra de Filho (1971) aqui realizadas ressaltam a importância dos espaços litorâneos como intermédio de lugares, de continentes. Desses mares muitos pescadores retiram seu sustento, outros neles adentram em busca de alternativas, perspectivas em outros lugares. Que no espaço localizado no sul da Bahia na região de Ilhéus e em seu entorno a produção cacauzeira tornou-se uma das bases econômica desse espaço. Um produto que ganhou visibilidade pelo mundo. Dessa forma, nos espaços campestres a população vive a partir de atividades relacionadas a terra, como também ao mar. As cidades descritas na obra tem outras funcionalidades, outras formas de trabalho, mas que o cacau também contribui para o desenvolvimento do espaço urbano, como observamos em Ilhéus.

Essa travessura geo-literária oportunizou-nos reflexões sobre culturas e diversidades baianas das quais construiremos nossos diálogos no espaço escolar, como destaca Brosseau (2007, p. 80): “O recurso ao romance, no âmbito de reflexão geográfica sobre os lugares, inscreve-se em uma perspectiva precisa, que se apoia no reconhecimento do caráter distinto do modo de expressão romanesca”. Nesse sentido, em contato com esses gêneros literários, foi possível “a experiência com a diversidade de culturas enriquece a vida cotidiana nas cidades e *nos campos* (grifo nosso), tornando-as(os) lugares de manifestações globais e universais, e lugares de encontros, lugares da diferença” (CAVALCANTI 2012, p. 17).

Em relação aos lugares, as paisagens dos(as) quais oportunizaram grandes contribuições ao conhecimento sobre a(s) Bahia(s), importante destacamos as articulações que foram realizadas, possibilitando uma maior compreensão da totalidade do território baiano. Como sinaliza Nuñez (2010, p. 90):

Paisagens reais investidas de tensões sociais, assim como suas representações estéticas, em obras artísticas e literárias, assimilam as consciências e os desejos, ações e sonhos coletivos, transformando-se em espaços físicos em lugares encharcados de subjetividade, de elementos identitários e afetivos.

Outra característica importante aos conhecimentos desses lugares e paisagens é que os escritores vivenciaram, destacamos o escritor Herberto Sales que trabalhou nas lavras diamantíferas. É um aspecto interessante e importante à análise de uma obra, pois como destaca Brosseau (2007) há maior precisão, veracidade dos lugares e dos fatos, além da característica de pertencimento atrelado a questão da vivência.

Dessa forma, o ensino de Geografia em diálogo com a Literatura pode ser bastante relevante para compreender a temática cidade e campo, ou seja, como salienta (Cavalcanti (2019, p. 140):

Um elemento central para que as escolas possam formar cidadãos mais críticos e conscientes de que a cidadania é efetivada pela criação dinâmica de direitos e pela consciência da responsabilidade social na luta pela vida democrática e pela justiça espacial.

Nessa perspectiva, os conhecimentos serão pautados na Geografia Cultural, buscando possibilidades para potencializar a aprendizagem, atribuindo significados ao ensino geográfico. Assim, sigamos com o Coró lendo e revelando a Geografia da Bahia.

4 O CORÓ LENDO E REVELANDO A GEOGRAFIA DA BAHIA

4.1 O CORÓ, LUGAR DA PESQUISA

Simplesmente Coró

*Aqui estou Coró
Para te parabenizar
Por nesta data completar
64 anos de dedicados aos(às) seus(as) alunos(as)
Para conhecimentos levar.*

*Também estou Coró
Para te agradecer
Em 2017 cheguei
Desafios encontrei
Graças a Deus, aqui fiquei
E saberes compartilhei.*

*Na oportunidade,
Quero também dizer Coró
Que caminhos ainda vamos trilhar,
Aqui Geografias vamos dialogar,
A essa escola posso chamar de meu lugar.*

Maria Aparecida Gordiano (2020)

Para apresentar o lócus da pesquisa, iniciamos com um poema que escrevi em homenagem à comemoração do aniversário da escola. Ao longo do poema, é possível notar que a escola possui uma história educacional no município luzense, completando sessenta e quatro anos. O espaço escolar representa sentimentos à minha vida, quando destaco minhas vivências, meus anseios e em especial quando o chamo de meu lugar, mostrando pertencimento ao Colégio Estadual José Leitão.

O Colégio Estadual José Leitão fica localizado na Rua Travessa Dom Pedro II, na cidade de Santaluz. A cidade está aproximadamente a 273 quilômetros da capital baiana Salvador, no Território de identidade da região sisaleira, em um de nossos sertões baiano.

A história do município de Santaluz possui marcas do coronelismo, embora no lugar luzense já existissem alguns moradores, a exemplo do Tenente Joãozinho. O crescimento urbano iniciou em 1887, com a chegada do Coronel José Leitão Martins, juntamente com outros que faziam parte do coronelismo. Eles detinham o poder sobre

o povo e o lugar. Segundo o senhor Nelcy, historiador local, esses homens compravam e vendiam patentes e humilhavam os pobres.

A sede do município teve influências de uma estação ferroviária, a linha que ligou efetivamente a estação de São Francisco, em Alagoinhas, ao rio São Francisco, em Juazeiro. Segundo Nelcy, a estação de Santaluz surgiu a partir de um depósito construído pelo senhor José Lopes, que se transformou em estação ferroviária e as máquinas de trem de carga ali passavam transportando petróleo, animais, outras mercadorias e passageiros. Por muito tempo, a estação foi um ponto turístico do município, a chegada do trem era a animação local. O espaço da estação também abrigava moradores de rua. Atualmente, a linha férrea só transporta o cromo, um tipo de minério.

A área territorial do município é de 1 623,447 km². Na última contagem do censo do IBGE, em 2010, Santaluz possuía 33.838 habitantes e uma densidade demográfica de 21,65 hab/km². Já para 2020, o IBGE previa uma população de 37.531. Como não foi possível haver o censo do IBGE 2020 ²⁵esse dado é apenas uma previsão.

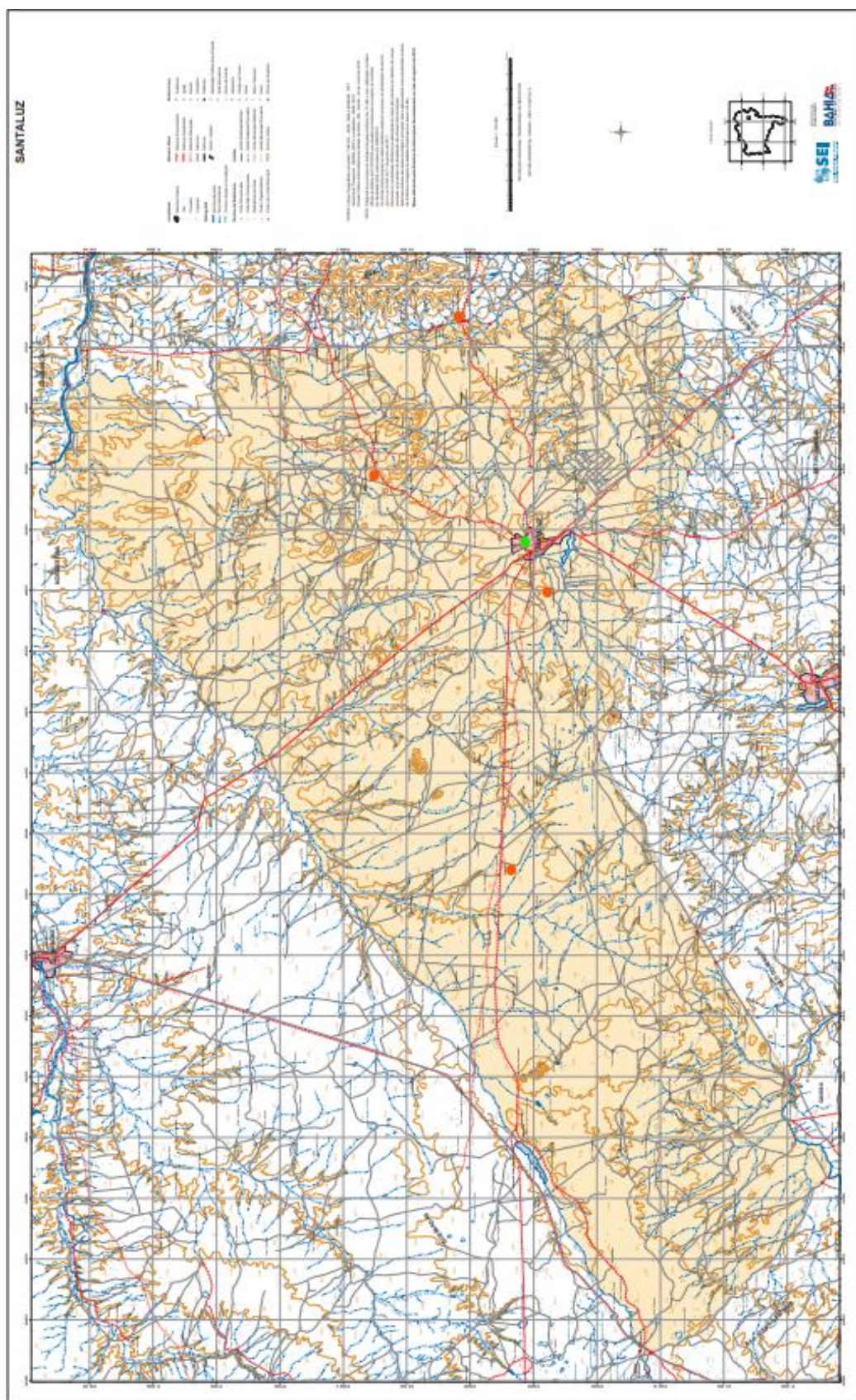
O município possui clima semiárido, ou seja, são baixos os índices de pluviosidade, tem a caatinga como bioma e os principais produtos da economia local são advindos da agricultura, como: sisal, milho, feijão, entre outros produtos; da pecuária, com criação de gado, ovinos, caprinos, asininos, muares, galinhas; da mineração, a exemplo do cromo, ouro, magnésio, prata e granito azul, além das indústrias e do comércio local.

Importante ressaltar sobre a cultura do lugar. Na arte literária, destacamos o escritor Guido Guerra, o qual estudamos neste trabalho, os cordelistas Nelcy Cruz e Justino Nunes; na música, o Movimento Rock Santa Luz; assim como as festas de argolinha, reisado, vaquejada, bumba-meu-boi, festas juninas e a comemoração da emancipação política. Este evento conta com a participação de bandas locais, como também regionais e nacionais. Trata-se de uma festa em que a cidade recebe a chegada de pessoas de outros lugares. Há também os festejos da padroeira Santa Luzia, que acontecem no mês de dezembro; as confraternizações de final de ano; o carnaval; a semana da cultura, com a exposição de trabalhos artísticos e artesanatos feitos com barro e fibra do sisal.

²⁵ O principal motivo da não execução do censo do IBGE 2020 foi a pandemia do Covid-19. Em 2021, foi aberto edital e novamente cancelado, pois faltou orçamento para custear a pesquisa. Para a realização de tal pesquisa, o instituto prevê novo edital para este ano de 2022.

Na figura 6, a seguir, temos o mapa do território luzense. Nele, há um destaque da sede do município, a cidade Santaluz, com um contorno e um tom mais escuro. Destacamos no mapa a localização dos(as) participantes colaboradores(as) da pesquisa. No ponto verde, na cidade, habitam três participantes e nos quatro pontos laranja são os (as) demais alunos(as) moradores dos povoados, a saber: Limeira, Várzia da Pedra, Lagoa das Cabras e Mocambo.

Figura 6: Mapa do município de Santaluz



Fonte: <https://santaluz.ba.gov.br/pagina/exibir/anexo/%2045>

O município possui trinta e quatro escolas públicas municipais, três escolas estaduais e onze particulares. O nosso colégio faz parte da rede estadual e é popularmente conhecido pela comunidade luzense por Coró, em homenagem ao Coronel José Bahia da Silva Leitão, pois a construção foi iniciada em seu mandato enquanto prefeito da cidade, em terreno doado pela família Leitão.

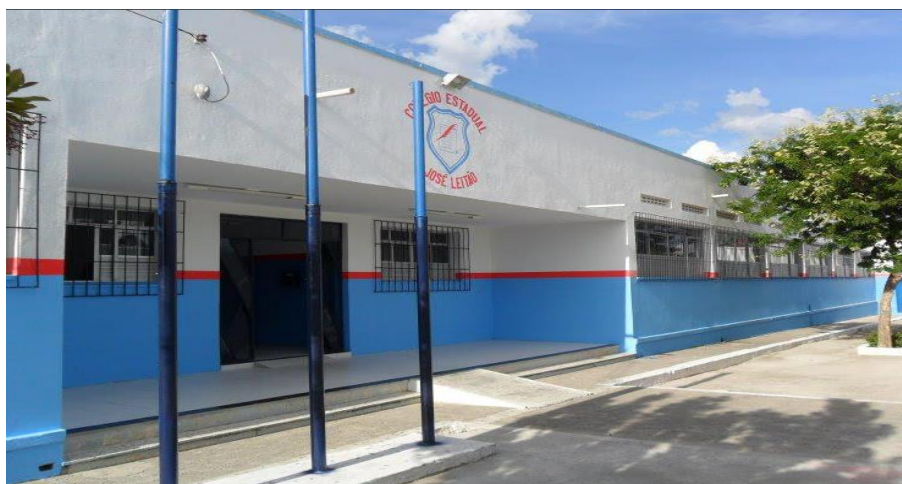
A inauguração do colégio ocorreu em 1956, marcando uma história de conquista da comunidade luzense, enquanto escola pública do município, uma vez que tem contribuído para a formação de milhares de homens, mulheres e adolescentes. Na figura 7, abaixo, podemos ver a fachada da escola e na figura 8, a parte interna da entrada:

Figura 7 - Fachada do Colégio Estadual José Leitão



Fonte: Belisário, (2020)

Figura 8 - Parte interna do Colégio Estadual José Leitão



Fonte: Facebook da escola, (2020)

O colégio possui 1.272 estudantes do Ensino Médio, matriculados no ano de 2020. O Coró possui equipamentos tecnológicos, acessibilidade para cadeirantes, materiais didáticos, cantina com merenda, quadra esportiva, biblioteca, auditório e uma ótima estrutura física. Seu quadro docente é composto por trinta e três professores(as), destes vinte e cinco efetivos e oito em Regime Especial de Direito Administrativo (REDA), profissionais que procuram investir na sua formação com especializações, mestrados e doutorados. A seguir, vejamos o quadro 1, com as respectivas áreas de humanas, linguagens e exatas, bem como o nível de formação dos(as) professores(as):

Quadro 1 - Níveis de formação dos(as) professores(as) do Colégio Estadual José Leitão

Área	Magistério	Licenciados	Especialistas	Mestres/ Mestrando	Doutorando
Humanas	1	2	2	3	
Linguagens			6	4	3
Exatas			11	1	
Total	1	2	19	8	3

Fonte: Secretaria da escola Colégio Estadual José Leitão, (2021)

Nesse espaço escolar, desenvolveremos nossa proposta de intervenção, a fim de provocar (des)leituras como possibilidades de conhecimentos geográficos aos educandos(as) do Colégio Estadual José Leitão, promover a inter/transdisciplinaridade ao projeto da Feira Literária do Colégio Estadual José Leitão.

4.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS

No processo de construção da pesquisa para trilhar os caminhos metodológicos, muitas escolhas foram realizadas: a abordagem, o tipo, a técnica, os instrumentos e a forma de análise dos dados. Com efeito, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa que, conforme ressalta André (2008, p. 15), “se contrapõe ao esquema quantitativista porque defende uma visão holística dos fenômenos, isto é,

que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas”.

Minayo (1994, p. 21) chama a atenção de que a pesquisa qualitativa “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Uma das áreas de estudo das ciências sociais é a Geografia, para a qual, segundo Mendes e Silva (2013, p. 207), a abordagem qualitativa é essencial, pois torna-se difícil entender e explicar fatores econômicos, políticos, socioculturais somente com abordagens quantitativas, uma vez que, segundo o autor e a autora, a primeira “baseia-se sobretudo na compreensão e na interpretação dos fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores”. Ambos ressaltam, ainda, que a pesquisa qualitativa possibilita estudar os fenômenos que envolvem os sujeitos e suas relações sociais.

Optamos, aqui, por uma investigação pautada numa perspectiva colaborativa, pois nosso desejo não é colocarmo-nos como detentores do saber, muito pelo contrário, pois o processo de aprendizado deve ser construído por meio de trocas significativas entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos envolvidos com a pesquisa. Nesse sentido, Ibiapina (2016, p. 36) ressalta que:

Investigar, portanto, na perspectiva colaborativa de construção de saberes, significa implicação de agentes, tais como: investigadores, professores, pais, administradores e estudantes em projetos comuns de produção de conhecimentos que desenvolvam espaços-tempo de reflexão crítica e de compreensão das ações e das teorias educativas em prol de uma educação mais justa e igualitária.

Apresentamos aos(as) alunos(as), professores(as), gestão escolar, coordenação pedagógica da melhor forma possível a proposta da pesquisa, para que o diálogo entre nós e a comunidade escolar fosse fluido. Assim, foi possível compartilharmos sugestões e propormos mudanças no projeto, com a finalidade de contribuir no processo de ensino-aprendizado desses(as) educados(as), havendo colaboração significativa no espaço escolar.

Outro ponto que merece destaque à pesquisa colaborativa é o processo de reflexão. Refletir é uma atitude de aprendizado, de crescimento humano. Pensar em nossas ações e atitudes é considerar os pontos positivos e negativos como parte da construção do percurso. Não podemos negligenciar o fato de estarmos fazendo

pesquisa com sujeitos que têm sentimentos, valores, formas de agir. Para Ibiapina (2016, p. 43), a reflexão é:

Atividade mental, o olhar para dentro de nós mesmos, em que questionamos pensamentos, crenças, a teoria formal e a experiência concreta; e é atividade material, o olhar volitivo para a realidade, o olhar para as práticas reais, em que identificamos as contradições e sobre elas refletimos e refratamos tanto os significados, interpsicologicamente produzidos, quanto os sentidos, intrapsicologicamente formados.

Nessa perspectiva, tivemos como proposta dialogar sobre a realidade, os lugares dos sujeitos e correlacionar com outras realidades, possibilitando que eles(as) refletissem sobre valores, identidades e crenças a partir da vivência de cada um(a).

Os instrumentos de pesquisa para a produção de dados foram questionários, entrevistas, fotografias, obras literárias, narrativas literárias, produção de *site*, aparatos tecnológicos digitais.

Como técnica de pesquisa, foram analisadas as observações dos participantes como veremos mais adiante. Segundo André (2008, p. 24), “A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”.

Os dados foram analisados a partir da pesquisação, ou seja, ao longo de nossas análises foi imprescindível uma autorreflexão, buscando amadurecimento no processo de ensino-aprendizagem, pensando em mudanças que são necessárias tanto para mim, enquanto cidadã pesquisadora, como também para serem aplicadas no âmbito escolar. De acordo com André (2008, p. 27), “o processo de pesquisação envolve o estabelecimento de uma série de ações que devem ser planejadas e executadas pelos participantes e devem ser sistematicamente submetidas a observação, reflexão e mudanças”.

A presente pesquisa parte de um programa de mestrado profissional, o qual tem como uma de suas propostas a intervenção em um espaço escolar. Acredita-se que a execução da intervenção é de suma importância para que o mesmo agregue valores, significados. Um projeto voltado à prática escolar faz toda a diferença, uma vez que, com as intervenções, as aulas tornam-se mais atraentes, prazerosas, são metodologias que buscam agregar mais conhecimentos e aprendizados. As autoras

Nunes, Sá e Silva (2019, p.144) fazem uma ressalva sobre a intervenção em pesquisas de Mestrados Profissionais em Educação:

Pressupõe intervenções nos processos educativos das organizações educacionais, transformações no espaço escolar e (re)significação no papel dos sujeitos participantes da pesquisa para coautores da produção científica e conseqüentemente, implica na necessidade de maior reflexão sobre a práxis de investigação. Assim, este princípio como pressuposto metodológico é simultaneamente pressuposto ontológico, axiológico (ético e valores) e epistemológico, sendo instituidor de novas práxis investigativas, pois provoca a reconfiguração do fazer científico, traz desafios éticos e científicos para os pesquisadores e demanda a necessidade de repensá-los à luz dos novos esquemas teóricos e metodológicos.

Ao passo que os Programas de Pesquisas têm como proposta uma aproximação com o espaço escolar, seus frutos são gigantescos, pois, a partir dessa interrelação dialética, haverá na educação básica transformações, um aprendizado (re)significado.

Dessa forma, para alcançarmos a primeira finalidade, ou seja, provocarmos (des)leituras como possibilidades de conhecimentos geográficos aos educandos(as) do Colégio Estadual José Leitão, formamos um grupo de estudos com os(as) estudantes interessados(as) em participar da pesquisa com o intuito de desenvolvermos oficinas com os sujeitos colaboradores(as), alunos(as) das turmas de 1º, 2º e 3º anos do Colégio Estadual José Leitão.

Os encontros foram realizados pela plataforma *Google Meet*, uma vez que o período pandêmico não nos permitiu contato presencial com os sujeitos.

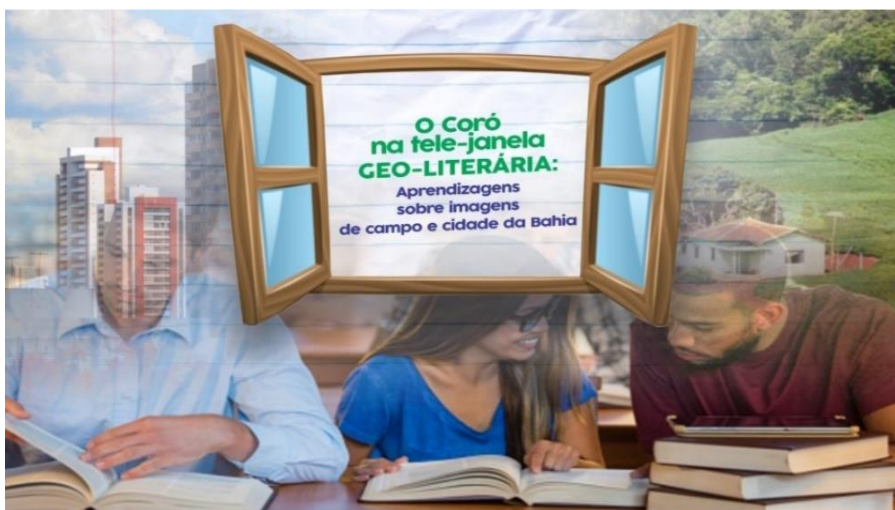
Além do *Google Meet*, outros recursos digitais foram usados. Por meio do *Google Forms*, criamos questionários que foram enviados para os grupos do *WhatsApp*, estes formados pela escola. A partir desta ação, tivemos um diagnóstico de quais alunos(as) tinham interesse em participar da pesquisa. Logo após, fizemos o convite também pelo *WhatsApp*. Pretendíamos obter dez participantes para o qual também criamos o nosso grupo no *WhatsApp* com o propósito de estabelecermos o diálogo. Por meio do aplicativo, encaminhamos os *cards* com dia e horário de cada oficina e os *links* de acesso as salas. Enfim, mesmo após a conclusão das oficinas, o grupo continua ativo, já que continuamos a enviar informações relacionadas à pesquisa, como *lives* de lançamentos de livros e obras em formato digital. Também utilizamos a ferramenta do *WhatsApp* para realizarmos nossa entrevista, pela

chamada de voz e/ou de vídeo. Segundo Neto (1994, p. 57), esse levantamento de dado “é o procedimento mais usual ao trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”.

Assim, sendo parte das intervenções, é importante destacar que as oficinas são espaços interativos, dos quais, como salientam Francisco Jr e Oliveira (2015, p. 126), os “participantes são atores e sujeitos, produzindo modos de interação capazes de superar a aplicação acrítica de teorias ou a prática pela prática, destituída de fundamentos teóricos”.

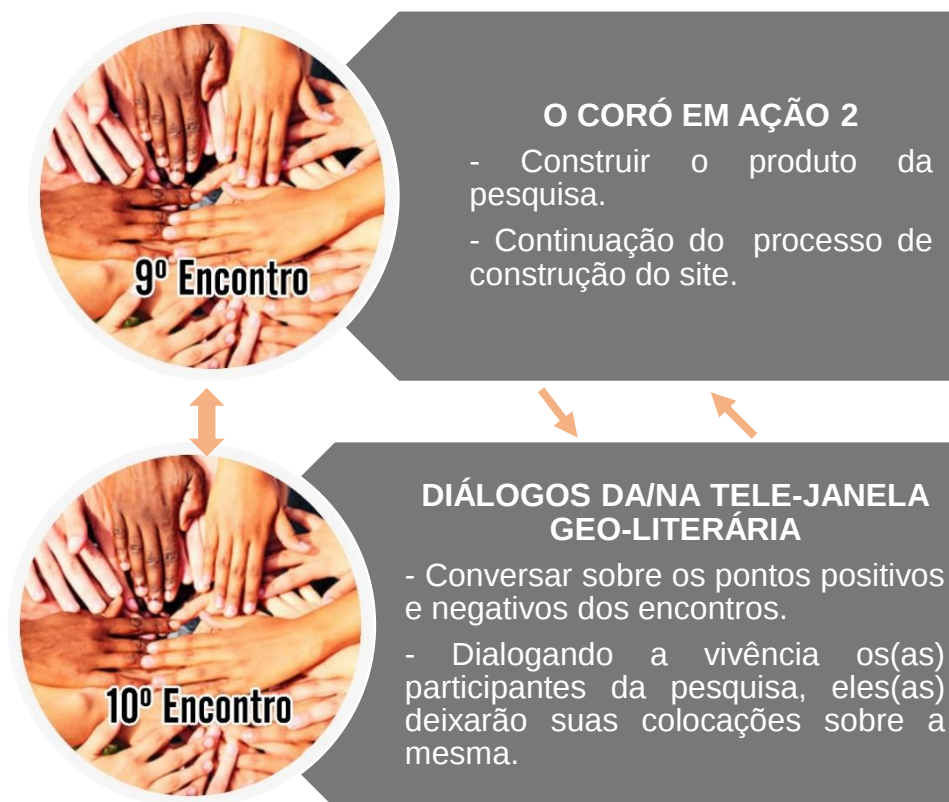
Apresentamos para o grupo o diálogo inter/transdisciplinar da Geografia com a Literatura, realizamos (des)leituras críticas de contos, poemas e trechos dos romances citados anteriormente, propondo discussões críticas sobre imagens do campo e cidade da Bahia presentes nos textos literários. As oficinas, intituladas de *O Coró na tele-janela geo-literária: des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia*, ocorreram em dois dias, durante cinco semanas, com encontros de duas horas. Abaixo, na figura 9, traçamos um quadro interativo com imagens apresentando a proposta dos procedimentos metodológicos para cada encontro:

Figura 9: Quadro interativo com a proposta das oficinas









Fonte: Google imagens, a de Santaluz acervo de Melo, (2020)

Já no quadro 2²⁶, expomos o passo a passo das sequências das oficinas. Na nossa proposta de trabalho, buscamos a partir das obras literárias, dialogar sobre campo e cidade na Bahia, observando construções de lugares, transformações de paisagens. Iniciamos nossa viagem pelos sertões baianos, buscando uma compreensão crítica dos lugares sertanejos, como também nos apropriamos da caatinga, esta que é o principal bioma dos sertões, observando como as ações humanas causam grandes impactos ambientais. Procuramos compreender melhor o município luzense, no qual fica nosso lócus de pesquisa, percorremos a Chapada Diamantina, o Recôncavo Baiano e alguns lugares litorâneos. Em nossa proposta, elegemos a Literatura como principal linguagem artística para potencializar o ensino geográfico, além da música e do desenho que também abrilhantaram o nosso caminhar. A seguir o quadro com as sequencias,

²⁶ O texto do quadro está como foi apresentado aos(as) alunos(as). No item: *Nas entrelinhas das conversas: oficinas de estudos geo-literários* relataremos com detalhes como ocorreram as oficinas e faremos as análises críticas.

Quadro 2: Plano das sequências das oficinas

Encontros	Tema	Ações para serem desenvolvidas	
1º Encontro	O enlace literário	Geo-1.	Apresentação pessoal, profissional e acadêmica, em forma de vídeo;
		2.	Apresentação da pesquisa;
		3.	Apresentação do diálogo Geo-literário;
		4.	Como convite a viajar pela Bahia(s), o encontro será finalizado com a música de Caymmi <i>Você Já Foi à Bahia?</i> Com o propósito de instigar futuros diálogos.
2º Encontro	O encanto dos sertões na poesia	1.	Realização das (des)leituras dos poemas O sertão, de José de Oliveira Falcón; Ruínas de Sonhos, Lembranças de um Vaqueiro, Galopes Selvagens, de Adriano Eysen;
		2.	Convidar o escritor Adriano Eysen para realizar a leitura de um de seus poemas.
		3.	Intercalada a leitura de cada poema haverá um diálogo analisando a Geografia, os sertões que há nelas;
		4.	Como proposta para o próximo encontro pediremos que os(as) alunos(as) façam um desenho sobre o que mais lhe chamam atenção na imagem dos sertões.
3º Encontro	(Ser)tão, Santaluz, o meu lugar	1.	Iniciaremos o encontro com o desenho, questionando aos sujeitos participantes se a imagem dos sertões desenhada tem alguma representatividade em sua vida? Se é possível notar essa imagem no município de Santaluz?
		2.	Realizará (des)leituras de trechos da obra As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias, de Guido Guerra, contextualizando com a realidade dos sujeitos e respectivamente com a imagem desenhada;
		3.	Convidaremos um(a) morador(a) que conheça a história do município para conversar conosco;
		4.	Exibição do vídeo “Como uma cidade na Bahia virou o centro de uma nova corrida de ouro”
		5.	Utilizaremos fotografias do município de Santaluz para dialogar com a obra;

		6.	Leitura coletiva do poema de Justino Nunes, morador luzense, falando sobre o município.
		7.	Como provocação, enquanto sujeitos formadores de opinião, pedir para que os(as) alunos(as) escrevam suas reflexões da oficina, as marcas que (Ser)tão, Santaluz, o meu lugar deixou.
4° Encontro	A caatinga em prosa	1.	A partir das reflexões construídas pelos(as) alunos(as) realizar interlocuções com trechos da obra <i>Grito da Terra</i> , dialogando sobre o bioma caatinga, suas riquezas e os impactos.
		2.	Dialogar com fotografias de paisagens da caatinga;
		3.	Pedir que os(as) alunos(as) entrevistem algum(a) idoso(a) que eles(as) conheçam. Pedi ao(a) mesmo(a) que contasse sobre diferenças que eles(as) percebem na(s) paisagem(ns) da caatinga ao longo de sua história.
		4.	Pediremos aos(as) participantes que encontre alguém que trabalhou e/ou trabalha com o garimpo, se possível participe do próximo encontro (assim que algum(a) participante encontrar alguém sinalizar no grupo de <i>whatsapp</i>).
5° Encontro	Viagens as lavras diamantinas	1.	Iniciaremos refletindo sobre as mudanças na paisagem a partir da entrevista que os(as) alunos realizaram.
		2.	Realizará as (des)leituras da obra <i>Cascalho</i> , de Herberto Sales, refletindo sobre a mesma, caso encontramos um participante da comunidade luzense esse(a) relatará suas vivências na atividade garimpeira.
6° Encontro	As riquezas geo-históricas do Recôncavo Baiano	3.	Realizaremos as (des)leituras do livro <i>As Voltas da Estrada</i> , de Xavier Marques;
		4.	Convidaremos um(a) professor(a) de história ou um(uma) morador(a) do Recôncavo para dialogar conosco;
		5.	Convidaremos a professora do José Leitão Anedy Belisário para fechar nosso encontro recitando seu poema <i>Branquitude</i> .
7° Encontro	Navegando lugares do Litoral	1.	Iniciaremos com um toque de música, cantando <i>Marinheiro só de Caetano Veloso</i> ;

		2.	Dialogaremos a música trechos do conto <i>Como um velho Saveiro</i> , Osvaldo Dias da Costa e trechos da obra <i>Luanda Beira Bahia</i> , de Adonias Filho;
		3.	Deixando um gosto de quero mais Literatura! Enviaremos o poema <i>Bahia</i> de Firmino Rocha, pelo grupo <i>whatsapp</i> , os(as) alunos(as) farão a (des)leitura individual, em casa para na aula seguinte deixar suas impressões em forma de pegadas(com o desenho do pé de cada um) dizendo o significado do poema para eles(as).
8° Encontro	O Coró em ação1.		Dialogaremos o poema anterior, a partir das impressões ressaltadas (nas pegadas) e da(s) Bahia(s) dialogadas nos encontros;
		2.	Iniciaremos a construção do produto <i>site</i> .
9° Encontro	O Coró em ação1. 2		Continuaremos a construção do <i>site</i> ;
		2.	E para findar os encontros teremos como proposta que eles(as) escrevam narrativas poéticas sobre o significado das oficinas <i>O Coró na tele-janela geo-literária: des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia</i> , colocaremos as poesias em uma página no site.
10° Encontro	Diálogos da/na1. tele-janela geo-literária		Dialogaremos as poesias construídas pelos(as) alunos(as), discutindo os pontos positivos e negativos.
		2.	Confraternização/socialização das experiências.

Elaborado: Gordiano, 2021.

Nesse sentido, podemos considerar as oficinas como momentos de experiência, uma vez que, conforme pontuam Jesus e Oliveira (2018, p. 183), “a arte está nos Grupos de Experiência associada à experiência lúdica, simbólica e festiva”, ou seja, à medida que estivermos em contato com a arte literária, dialogando, refletindo e também construindo arte, exercitaremos de forma lúdica o aprendizado geográfico.

Para atingirmos a segunda finalidade, promover a inter/transdisciplinaridade ao projeto da Feira Literária do Colégio Estadual José Leitão, sugerimos aos (às) professores(as) da área de linguagens e humanas um diálogo para que houvesse um envolvimento da área com o projeto da Feira Literária e que esta proposta inter/transdisciplinar fosse inserida no PPP da escola. O tema da Feira Literária de 2021 era *Geografia da Bahia: Representações do campo e cidade em narrativas da*

Literatura Baiana. Foram escolhidas as seguintes obras para o estudo: *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho; *Cascalho*, de Herberto Sales; *Grito da Terra*, de Ciro de Carvalho Leite; *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, de Guido Guerra e *As voltas da estrada*, de Xavier Marques. Além das obras citadas, escolhemos o conto *Como um velho Saveiro*, de Osvaldo Dias da Costa e os seguintes poemas: *Bahia*, de Firmino Rocha; *O sertão*, de José de Oliveira Falcón; *Ruínas de sonhos, Lembranças de um vaqueiro e galopes selvagens*, de Adriano Eysen. A partir delas, buscamos realizar possíveis (des)leitura sobre campo e cidade em espaços baianos, em diálogo com a Geografia Cultural. Realizamos uma roda de conversa com os(as) professores(as) pela plataforma *Google Meet*, a qual dialogamos e acordamos a proposta. No entanto, a Feira não foi possível por conta da pandemia da Covid-19, mas seguiremos com a proposta para os anos seguintes.

Temos como produto da pesquisa uma página no *Instagram* da Feira Literária intitulada *Feira Literária do Coró*, construída juntamente com os(as) estudantes participantes das oficinas em parceria com a escola. Nela, divulgaremos a Feira Literária, faremos enquetes, bem como poderemos fazer a divulgação e disponibilização de obras literárias de domínio público, além de entrevistas com escritores, sobretudo baianos. Gravaremos vídeos com participantes da Feira narrando sobre o processo de aprendizado, as narrativas poderão ser em forma de poesia, cordel e/ou *Fanfics*. Após a Feira, mostraremos os resultados para a comunidade escolar e luzense. A página já está disponível para todas as pessoas que tiverem oportunidade e desejar acessá-la. A mesma permanecerá vinculada à escola, para as outras edições da Feira Literária, com o propósito de divulgar, socializar as produções e ampliar a oportunidade de acesso aos conhecimentos, informações, incentivo a outros(as) jovens à leitura e à criação literária, bem como lhes oportunizar uma formação crítica.

4.3 A PESQUISA EM DESASSOSSEGO

4.3.1 Um coro plural: vozes não silenciadas

Nesta seção, traremos as formas de levantamento de dados, os quais utilizamos na intervenção: o questionário e a entrevista, para compreender a distinção destes a partir de Gil (2002, p. 115):

Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” e em que uma delas formula questões e a outra responde. Formulário, por fim, pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas.

Sabendo dessa diferença, a princípio criamos nosso questionário, pelo *Google Forms*, com questões objetivas e com respostas curtas, com o propósito de sabermos acerca da relação dos(as) alunos(as) com a leitura e com a leitura literária e se eles(as) tinham interesse em participar da pesquisa. O mesmo foi enviado aos grupos de *WhatsApp* formados pela escola para as aulas remotas.

Para explicar a finalidade do questionário, enviei um vídeo curto, logo após encaminhei o *link* do formulário. Os(as) estudantes tiveram o prazo de uma semana para responder. A atividade ocorreu entre vinte e nove de março e cinco de abril. Nosso questionário teve como título *Questionário Geo-Literário*. Fizemos uma breve descrição do mesmo e colocamos a imagem do *slogan* da pesquisa, conforme design apresentado na figura 10 a seguir:

Figura 10: Design do questionário disponibilizado no *Google Form*

Fonte: Questionário *Google Forms*. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/u/0/>. Acessado em: 05 abril. 2021.

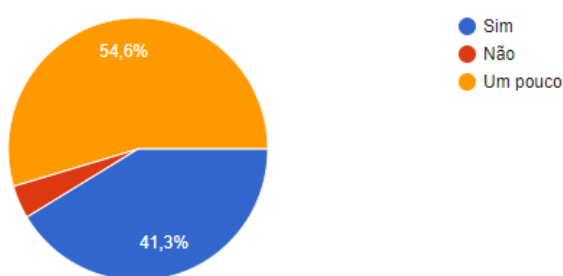
Como resultado do nosso primeiro instrumento de levantamentos de dados, destacamos que dos 750 educandos(as) participantes dos grupos de *WhatsApp*,

apenas 196 responderam o questionário. Este número nos leva a refletir que eles(as) não conseguem acompanhar todas as informações que estão sendo passadas nos grupos, talvez pelas suas demandas diárias, ou não têm habilidade para usar proveitosamente a ferramenta, não tiveram acesso ou interesse em responder.

O questionário contou inicialmente com seções em que os(as) estudantes participantes puderam se apresentar, colocando o nome, o ano que estuda e o contato, logo abaixo às perguntas mais específicas.

A primeira indagação que realizamos foi se os(as) alunos(as) gostavam de ler. Das respostas obtidas, menos da metade dos(as) participantes responderam positivamente, obtendo uma porcentagem de 41,3%. Mais da metade, 54,6%, disseram que gostam um pouco e um número pequeno, 4,1%, disseram que não gostam de ler, este representa um total de 8 participantes. O Gráfico 01, elaborado pelo *Google Forms*, mostra as respostas sobre o gosto pela leitura. Ficamos felizes com as dezoito respostas dos alunos(as) que afirmaram gostar de ler, mas é um número muito pequeno, realmente sabemos que infelizmente é pouco o gosto pela leitura entre os jovens. Trata-se de uma questão muito preocupante em nosso país, sendo necessários projetos que possibilitem um melhor acesso ao livro e, conseqüentemente, promovam o desenvolvimento da competência leitora dos sujeitos:

Gráfico 1: Dados sobre o gosto pela leitura

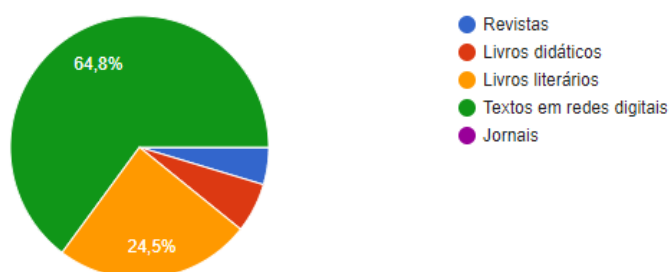


Fonte: Questionário *Google Forms* (2021)

A segunda questão tinha como propósito identificar qual o principal tipo de texto mais lido pelos estudantes. Como resposta, detectamos que os textos que circulam nas redes sociais como mensagens, propagandas e anúncios são os mais lidos, contabilizando 64,8%, ou seja, o reflexo das tecnologias digitais que tem de forma predominante ocupado o tempo de muitas pessoas, em destaque o público mais

jovem. Em seguida, 24,5% dos(as) estudantes responderam que os textos literários estão como prioridade em suas leituras. Na sequência, estão os livros didáticos (6,1%) e as revistas (4,6%). Nenhum(a) colocou a opção jornal como a principal. O gráfico 2 abaixo mostra essa distribuição. Dessa forma, notamos que na contemporaneidade com a cultural digital, houve um fácil acesso aos recursos, às redes digitais, o que representa grande afinidade dos(as) jovens no envolvimento com essas redes. É gratificante perceber que dentre os participantes 48 deles(as) tem a Literatura como preferência:

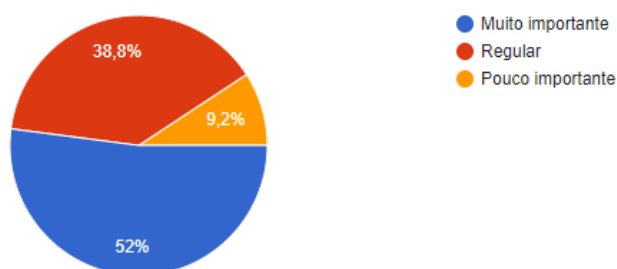
Gráfico 2: Dados sobre a preferência de leitura



Fonte: Questionário *Google Forms*. (2021).

A questão seguinte preocupou-se em saber qual a importância dos textos literários para o(a) estudante, e a maioria deles, 52%, responderam muito importante, o que significa que mesmo alguns que não gostam de ler textos literários, assim como outros que não tem a leitura literária como prioridade, acreditam na importância da Literatura. Já 38,8% a consideram regular e para 9,2% (18 participantes) pouco importante, conforme gráfico 3. Um dado interessante desses últimos participantes é que 9 deles(as), embora considerem a Literatura pouco importante, desejaram participar da pesquisa:

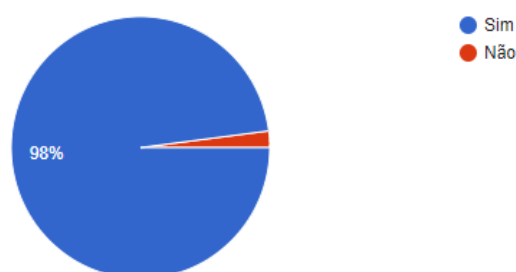
Gráfico 3: Dados sobre a importância dos textos literários



Fonte: Questionário *Google Forms*. (2021)

A pergunta seguinte questionou se na escolarização os(as) professores(as) já utilizaram textos literários ou obras literárias nas aulas, uma pergunta que obteve 98% com positividade, o que acreditamos ter sido gratificante ao processo de aprendizado, talvez fruto de 24,5% deles(as) preferirem ler textos literários. Os 2% representam 4 pessoas que nunca estudaram textos literários em sala de aula. O gráfico 4 abaixo vem mostrando esses dados:

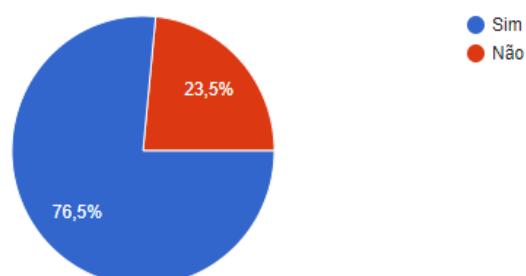
Gráfico 4: Dados que mostram se os(as) professores(as) utilizaram textos literários em sala



Fonte: Questionário Google Forms. (2021)

Nosso questionamento seguinte foi a respeito do trabalho inter/transdisciplinar. Perguntamos se professores(as) de Geografia já tinham utilizado a Literatura para trabalhar com os conteúdos geográficos. A resposta foi surpreendente e gratificante, pois mais da metade dos(as) alunos(as) responderam positivamente, contabilizando 76,5%, enquanto 23,5% ainda desconhecem esse diálogo geo-literário. A representação consta no gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5: Dados se já participaram de trabalho inter/transdisciplinar Geografia e Literatura



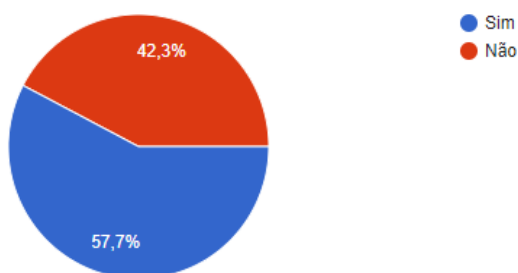
Fonte: Questionário Google, (2021).

A questão posterior tinha como objetivo saber dos(as) alunos(as) que disseram ter participado de uma atividade envolvendo a Geografia e Literatura, como foi o

trabalho. Dessa forma, apenas era para responder quem disse sim, na questão anterior, que correspondia a 150 participantes, ou seja, a questão não era “obrigatória”. No entanto, eles(as) não entenderam e a maioria respondeu, correspondente a 191 pessoas. Dessa forma, os dados não são reais. Acreditamos que esse detalhe tenha acontecido por falta de atenção e de interpretação.

Nossa última questão objetiva questionou se os(as) estudantes tinham interesse em participar da pesquisa. A resposta foi muito positiva, a qual a maioria respondeu sim, totalizando 57,7%, que corresponde 113 pessoas, como mostra o gráfico 6 abaixo. Dessa forma, o número de participante é bastante significativo. No entanto, veremos quem realmente está disposto(a) a colaborar, contribuir conosco, pois não é possível a participação de todos(as):

Gráfico 6: Dados que mostram o desejo dos(as) estudantes em participar da pesquisa



Fonte: Questionário *Google Forms*, (2021).

Com base na resposta anterior, também elaboramos uma questão subjetiva, que não era “obrigatória”, apenas para quem mostrou desejo em participar da pesquisa para dizer o que esperavam do trabalho. A ferramenta Questionário *Google Forms* possibilitou verificar cada questionário separadamente. Assim, destacamos algumas respostas²⁷:

A) “Aprender mais sobre a Literatura e a Geografia, e assim me aprimorar sobre as matérias em questão”.

B) “Na verdade, só entendi que é um trabalho com duas matérias, Literatura e Geografia, então eu não sei o que esperar dele, mas se explicar direitinho como vai funcionar, eu quero sim participar”.

²⁷ Em respeito ao anonimato dos(as) alunos(as) que responderam ao questionário, procuramos os(as) nomear com letras do alfabeto.

C) “Aprender mais, é porquê eu me apeguei muito a literatura por causa do professor Hamilton”. O professor (*In memoriam*) citado pela aluna foi um amante da Literatura, que tinha uma dedicação muito grande nas Feiras Literárias, assim como realizava outros projetos literários na escola. Ele deixa a escola em 2020, deixando seu legado (lamentável).

D) “Espero aprender mais a Literatura e a Geografia, na verdade gostaria de explorar mais o mundo literário”.

E) “Poder colaborar, aprender junto e me dar bem com essa experiência, pois espero que seja muito bom isso”.

F) “Aprender mais sobre a Literatura e Geografia, conhecer novos desafios. Que nos traga aprendizado e conhecimento”.

G) “Aprender mais com essas duas disciplinas e entender como elas estão ligada”.

H) “Geralmente os professores não relacionam a Literatura com a Geografia, eu gostaria de descobrir mais”.

Entre tantas outras respostas afirmativas e positivas, mostram expectativa para a pesquisa, assim como alguns destacaram que não sabem o que esperar, mas que desejam participar.

Ao analisarmos o resultado dessa questão, ressaltamos que a pesquisa tornou-se mais instigante ao notarmos o desejo desses(as) educandos(as) em participar da pesquisa, em querer aprender mais, enfrentar desafios, explorar o mundo literário, querer colaborar, ter experiências novas, entender e descobrir a relação da Geografia com a Literatura. O presente questionário mostrou-se significativo e relevante para que tivéssemos um retrato sobre a relação dos alunos(as) com a leitura literária na escola.

Como não pudemos atender ao número de interessados(as) em participar da pesquisa, criamos outro questionário mais específico, também pelo *Google Forms*, com o propósito de explicar melhor as oficinas e saber quem realmente estava disposto(a) a participar e colaborar. Iniciamos colocando o *slogan* das oficinas e detalhando a quantidade de horas que seriam necessárias, o número de oficinas e a plataforma a ser usada. Trinta e nove alunos(as) responderam ao questionário.

A nossa primeira questão foi relacionada ao gosto por textos geográficos. A maioria (27) dos(as) participantes disseram gostar de ler textos relacionados a

Geografia. Ficamos alegres com tais respostas, pois é bom saber que eles(as) gostam da nossa disciplina, realidade que estreitou nossos diálogos.

Em sequência, perguntamos sobre o tempo em que se dedicam à leitura de textos literários. Como resposta, vinte e oito deles(as) afirmaram realizar leituras diárias entre uma e duas horas, uma pessoa entre três e quatro horas, já dez participantes não se dedicam à leitura.

Ao perguntarmos se os(as) participantes tinham acesso à *internet* de qualidade, a maioria respondeu positivamente. Em seguida, procuramos saber quais eram os aparatos tecnológicos que mais utilizavam. Aqui, o celular apareceu como o principal recurso da maioria. Ao questionarmos sobre a disponibilidade para participar das oficinas e realizar atividades que seriam propostas, das trinta e oito respostas do questionário, vinte e sete foram positivas. Infelizmente, como o número de participantes foi muito maior que o desejado (dez participantes), tivemos que “eliminar” alguns(as). Assim, foi necessário entrarmos em contato individualmente através de ligação, para firmamos laços e compromissos.

Dando continuidade à proposta, o nosso grupo de *WhatsApp* foi criado e denominado Geo-Literatura. Ao inserirmos os(as) participantes, desejamos boas-vindas e pedimos que pensassem em um nome fictício, inspirados(as) em um(uma) personagem de alguma obra literária ou algum(a) escritor(a). Alguns(as) participantes acabaram desistindo por motivos pessoais. Assim, concluímos a pesquisa com sete sujeitos colaboradores(as), cinco meninas e dois meninos.

Na entrevista, utilizamos questões subjetivas que nos ajudaram traçar o perfil de cada um dos(as) participantes. Nosso primeiro passo foi saber sobre o lugar dos sujeitos, o que eles(as) achavam e se já moraram em outros lugares. Com efeito, quatro dos(as) nossos(as) participantes afirmaram já ter morado em outros lugares e três nunca saíram do município de Santaluz. Importante destacar que quatro moram no campo luzense e três habitam a cidade.

Para “Mário Quintana”, o lugar campesino, o qual ele vive, é “muito bom, maravilhoso”. Já “Machado de Assis” ressalta:

Antes da quarentena, eu podia sair, porque aqui não tem muitos assaltos, eu saía durante o dia e durante noite, mas não podia ficar até tarde, pois tinha que obedecer a mãe e o pai. A zona rural aqui, embora tranquila, tem dias que há barulhos de motos.

De acordo com “Cecília Meireles 1”, que mora na cidade, Santaluz é “um lugar calmo e legal para viver”. Assim, observamos que as respostas foram positivas, que eles(as) gostam de pertencer ao seu lugar de origem. Aqui, é válido ressaltar que os sujeitos colaboradores estão entre quinze e vinte anos, quatro menores de dezoito e três maiores de dezoito anos. Sobre as suas características relacionadas à identidade, duas alunas sinalizaram ter a cor parda. Entre outras características, afirmaram ser alegres, calmos(as), engraçados(as). Alguns(umas) destacaram também o que gostam de fazer, a exemplo de “Collin Hoover”: “gosto de ler e escrever...”; já “Mário Quintana” disse que gosta de “jogar bola, de trabalhar, fazer as coisas em casa”.

Questionamos se eles(as) gostam das disciplinas Geografia e Literatura, se há uma preferência entre uma ou outra, e pedimos que comentassem um pouco sobre a sua relação com ambas. “Jonh Harding” destaca que gosta de Literatura: “Eu tenho mais facilidade em aprender Literatura, mas gosto de Geografia também, são duas matérias bastante interessantes”. “Collin Hoover” também gosta das disciplinas. Nesse contexto, ela pontua: “Eu amo Geografia, eu gosto de estudar sobre o mundo, relevo etc. Eu amo Literatura também porque eu gosto de ler e escrever, me fascina muito”. De acordo com “Cecília Meireles 1”, ela gosta das duas disciplinas: “Acho ambas muito importantes e me relaciono bem com as duas. Mas, prefiro a disciplina de Geografia, acho bem mais interessante”. “Mário Quintana” também ressalta gostar mais da Geografia. “Helena” e “Cecília Meireles 2” destacam gostar de ambas e não ter preferência. Já “Machado de Assis” diz que gosta só um pouco. Observamos que para a maioria dos(as) educandos(as), ambas as disciplinas despertam neles(as) gosto, afinidade, possibilitando mais interesse pelo nosso trabalho.

Procuramos saber se eles(as) foram incentivados(as) por alguém a desenvolver o hábito da leitura. Todos(as) ressaltaram que não tiveram nenhum tipo de incentivo. De certa forma, as respostas foram surpreendentes, pois imaginávamos que ao menos a escola fosse motivadora, incentivasse a leitura. A própria Feira Literária tem o objetivo de despertar no aluno(a) o interesse pela leitura. Assim, gostaríamos de ressaltar a importância do compromisso que a escola deve ter em formar leitores críticos. Essa que não é uma tarefa fácil, mas que é emergencial. Como sinalizam Araújo e Rego (2021, p.165):

A formação do leitor literário exige do(a) professor(a) dedicação e preparo intelectual. As instituições de ensino da educação básica e

ensino superior têm um papel indispensável em favorecer o desenvolvimento da percepção sobre suas leituras e seus significados.

O(a) alunos(as) precisam gostar, estar envolvidos(as) com os textos lidos, é necessário que a leitura os(as) cativem, desperte neles(as) sentimentos, sensibilidade. Nesse sentido, as obras literárias podem contribuir para isso.

Ao acreditarmos no poder do texto literário, perguntamos aos sujeitos participantes sobre quais livros de Literatura já tinham lido, algumas alunas destacaram: *A trilogia*, de Henry Miller; *Não olhe e não fuja*, de FML Pepper; *Para todos os garotos que já amei*, de Jenny Han; *É assim que acaba*, de Coleen Hoover; *After* de Anna Todd; *A culpa é das estrelas*, de John Green; *Métrica*, de Collen Hoover; *Pausa*, de Collen Hoover; *Cidades de papel*, de John Green; *A menina que não sabia ler*, de John Harding; *As vantagens de ser invisível*, de Stephen Chbosky; *As mil partes do meu coração*, de Collen Hoover; *Se eu ficar*, de Gayle Forman. Questionamos se as obras trouxeram alguma contribuição para a vida de cada um(a). Eles(as) destacaram que através dos livros houve um melhor desenvolvimento na redação, na leitura, trouxe aprendizado, que a Literatura as representa. Assim, observamos quão importante é a leitura literária para formação desses sujeitos. Para Araújo e Rego (2021, p.157):

A Literatura reinventa a realidade por meio da linguagem na qual o(a) escritor(a) opera sentidos, percepções, sentimentos e reflexões. Os textos literários apresentam características como estruturas diversificadas, discursos variados, o uso da conotação, multissignificação de ideias, além da liberdade de criação.

Acreditamos que a Literatura, enquanto arte que opera nos sentidos, nas emoções, de forma lúdica, pode contribuir no processo de formação do(a) leitor(a). Dessa forma, a utilização de textos literários pode ser um estímulo à leitura de outros textos, a exemplo dos textos geográficos. Assim, podemos iniciar uma atividade em sala com poesia e/ou prosa e relacioná-las com conteúdos da Geografia.

Questionamos sobre a possibilidade de aprender Geografia a partir de textos literários. Algumas respostas afirmam haver essa possibilidade, pois destacam que a Geografia está presente em poemas, textos jornalísticos, contos e romances. Outras ressaltam que é necessário definir o objetivo da leitura e destacar o conteúdo, de forma que os(as) alunos(as) possam identificar a Geografia, que primeiro é necessário

a leitura. Nessa perspectiva, notamos que eles(as) conseguem perceber essa possibilidade e que, de forma crítica, observam a necessidade de destacar, correlacionar o conteúdo, ter objetivos definidos.

Interrogamos se as obras literárias lidas possibilitaram-lhe conhecer outras cidades, paisagens, povos e culturas. Algumas respostas foram apenas positivas, já a resposta de “Collen Hoover” destaca elementos importantes para o seu aprendizado, que mesmo sem ser intencional, já são conhecimentos geográficos, o que afirma ainda mais a nossa discussão acerca da relação geo-literária. Vejamos o seguinte fragmento:

Conheci cidades dos Estados Unidos, como: Indianópolis (estado) e indiana cidade, Michigan de Detroit... descobri que na Inglaterra é sempre úmida, que Amsterdã têm canais lindos e que as pessoas valorizam muito o meio ambiente e a saúde, que preferem andar de bicicleta.

Já “John Harding” traz detalhes importantes sobre as cidades, paisagens, povos e culturas que conheceu a partir da Literatura. Ela faz ressalvas que nos remetem à História, transformações de lugares e como estas refletem na vida, no cotidiano das pessoas:

Até de tempos diferentes, exemplo de algumas literaturas que contam histórias de pessoas onde não têm a mesma realidade que a gente atualmente, podemos distinguir não apenas por datas, mas também por comportamento, fala, modo de se vestir... São diversos lugares, mas eu não lembro, é que sempre aparecem algumas cidades nos livros que eu leio, que os personagens moram.

A partir das falas das alunas, é possível destacar que elas conseguiram conhecer lugares e culturas por meio da leitura. No primeiro fragmento acima, a aluna retratou realidades do exterior. Em relação ao segundo trecho, observamos a inter/transdisciplinaridade quando a aluna afirma que a Literatura possibilita que o leitor(a) conheça a história e a cultura de vários países e povos. Como destacam Araújo e Rego (2021, p. 160): “um dos desafios de trabalhar com a literatura é justamente oferecer ao(à) aluno(a) a oportunidade de conhecer o mundo que o cerca de outra maneira, ou seja, o direito de ver e ler a vida numa perspectiva diferente”. Certamente, essas duas alunas conseguiram alcançar esse desafio e cada uma, a sua maneira, realizou leituras críticas percebendo o mundo de forma mais diversa.

Sobre o contato com obras e autores(as) baianos(as), quatro dos(as) participantes destacam conhecer *Antônia e a Caça ao Tesouro Cósmico*, de Alan Alves Brito; *Não me julgue pela capa*, de Matheus Rocha; *Os pastores da noite e O País do Carnaval*, de Jorge Amado. Assim, observamos que quatro sujeitos tiveram contato com escritores canônicos e contemporâneos. Duas alunas responderam que não conheciam obras e autores da Literatura Baiana e uma não respondeu.

Questionamos como os sujeitos veem a biblioteca da escola, se gostariam que ela fosse diferente. Um aluno e uma aluna destacaram ser boa, duas alunas ressaltaram que não agrada muito, pois está sempre fechada, ressaltaram que não tiveram a oportunidade de conhecê-la. Nesse contexto, Cecília Meireles ¹ afirmou: “A biblioteca da escola não me agrada muito. Queria que estivesse mais adaptada e atualizada com diversos tipos de livros”. Segundo “Machado de Assis”, a biblioteca é um “bom lugar, poderia ter mais histórias em quadrinho de heróis”. Já “Helena” gosta da biblioteca e tem uma sugestão: para ela, a mesma deve ter um “aplicativo para os livros”.

Certamente, trata-se da realidade de várias bibliotecas escolares baianas. Mesmo havendo o espaço, ele não é organizado para tal, sendo muitas vezes usado como depósito de livros, inviabilizando, portanto, o desenvolvimento do gosto pela leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento da competência leitora dos(as) alunos(as). Na nossa escola, a biblioteca, infelizmente, passou um período sem funcionamento, embora nela houvesse vários livros que poderiam ser explorados. No final do ano de 2021, o espaço entrou em reforma. Conseqüentemente, esperamos que haja também uma melhora no acervo e projetos de incentivo à leitura. Nessa perspectiva, a biblioteca precisa estar aberta em tempo integral para viabilizar aos(as) alunos(as) o acesso aos livros, oportunizando-lhes vivências leitoras. A ideia da aluna de criação de um aplicativo de livros é bastante interessante, uma vez que os(as) alunos(as) estão em contato com as ferramentas digitais.

Procuramos saber se os(as) colaboradores(as) gostam da companhia dos livros e quantas obras literárias eles(as) leram durante o ano. Seis, dos sete participantes, disseram gostar da companhia dos livros, que leem entre um e dez. Alguns(as) relataram que gostariam de ler mais, porém tem outras demandas e a questão do acesso aos livros também foi uma dificuldade abordada. Apenas um participante destaca não ter lido nenhuma obra. Assim, acredita-se que ele não se identifica com o universo da leitura e esperamos que a pesquisa desperte nele um

possível interesse, motivando-o a ter contato com os livros. Importante ressaltamos alguns dados reais sobre o nível de leitura dos(as) brasileiro(as), os quais mostram que os mesmos estão diminuindo o hábito da leitura. Como podemos ver nos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (AGÊNCIA BRASIL, 2020), o Brasil perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores. Segundo a pesquisa, as razões para a queda do percentual de leitores(as) são a *internet* e as redes sociais. Embora as pessoas estejam, às vezes, lendo nas redes sociais, é inegável que se trata, em geral, de uma leitura superficial e fragmentada, o que prejudica o desenvolvimento do senso crítico desses sujeitos.

Após o término das oficinas, sobre as quais falaremos logo a seguir, realizamos outro questionário, com o objetivo de identificar algumas marcas que a pesquisa deixou. Questionamos qual dos romances eles(as) mais gostaram. Três pessoas destacaram a obra *As Voltas da Estrada*, duas *Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, uma *Grito da Terra* e uma *Cascalho*. Ressaltamos que entre as obras destacadas, a obra de Guido Guerra, escritor luzense, foi uma das que eles(as) mais gostaram. Acreditamos que a escolha da obra se deu pelo fato da mesma narrar sobre o lugar de origem dos participantes, seus hábitos, costumes, valores e culturas.

Interrogamos sobre qual(is) lugar(es) viajados a partir da Literatura eles(as) gostariam de conhecer pessoalmente. Seis desejam viajar para a Chapada Diamantina e uma para Feira de Santana. Observamos que a Chapada Diamantina é mais desejada, provavelmente pelas belezas paisagísticas dessa região.

Também procuramos saber o que mais chamou a atenção em nossos diálogos Geo-literários. Segundo “Helena”, “a parte que conversamos sobre o sertão e sobre Santaluz, porque tinha muitas coisas que não sabia e aprendi na aula Geo-literária”; “Machado de Assis” destacou “As história do coronéis de Santaluz”; “Cecília Meireles 1” relatou “As histórias e os romances que foram lidos”; para “Collin Hoover” “As belezas e toda a cultura do sertão, toda a descoberta, os diálogos e escritores”; já “Jonh Harding” ressaltou “A desigualdade, entre pessoas com mais condições (coronéis...) e pessoas com menos condições ou sem conduções”.

Destacamos que o trabalho com a Literatura despertou nos(as) alunos(as) um maior interesse em aprender sobre o seu lugar, conhecimentos esses que as vezes eles(as) não tinham, ou que sabiam de outras maneiras. A partir dos textos literários trabalhados, foi possível ampliar conhecimentos geográficos do lugar de

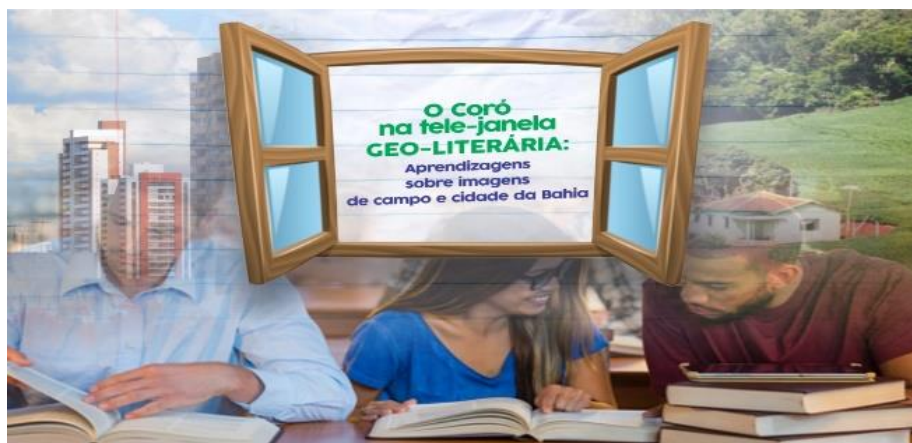
origem de cada sujeito e de outros lugares, evidenciando os sentimentos, as memórias, a cultura e a identidade desses sujeitos.

4.3.2 Nas entrelinhas das conversas: oficinas de estudos geo-literários

Aqui, vamos conversar sobre nossas oficinas, estas que foram intituladas *O Coró na tele-janela geo-literária: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia*. As atividades propostas tiveram o propósito de motivar (des)leituras como possibilidades de novas aprendizagens geográficas para os(as) educandos(as) do Colégio Estadual José Leitão, com uma carga horária de 20h, ocorridas em dez encontros com 4h semanais, às terças e quintas-feiras, com a participação de sete estudantes.

A ideia de tele-janela surge, uma vez que, diante do contexto de aprendizagem, estamos utilizando as redes digitais, a tela para a construção do aprendizado, já o termo janela dá uma ideia de vista, visão, de busca. Assim, surgiu o título, o qual destacamos o nome apelidado da escola ligando-se a uma janela digital capaz de aprender sobre imagens de campo e cidade da Bahia. A figura 11 mostra o *slogan* das oficinas, um jogo de imagens, que, a partir das leituras que os(as) jovens estão realizando, estão interagindo, subentendendo que eles(as) estão visualizando campos e cidades:

Figura 11: *Slogan das oficinas*



Fonte: Gordiano, (2021)

Estas oficinas contribuíram com a pesquisa *O ensino da geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e*

cidade na Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz, sertões baianos, com a colaboração de discentes do 1º e 2º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual mencionado acima.

O primeiro encontro, intitulado *O enlace geo-literário*, teve como objetivo apresentar a proposta da pesquisa, dialogar a relação da Geografia com a Literatura. Inicialmente, como forma de interação, realizei uma apresentação pessoal, com vídeo e fotos, destacando um pouco minha história pessoal, profissional e acadêmica. O encontro contou com a presença de nove participantes, foi destinado um espaço para que eles(as) também se apresentassem, porém, apenas uma aluna quis. Nesse sentido, acreditamos que os demais não quiseram participar do momento de apresentação devido à timidez.

Logo após, realizamos a apresentação da pesquisa, como mostra a figura 12 abaixo. Em forma de *slide* mostramos o seu *slogan* e fomos detalhando os objetivos, a estrutura, a proposta da intervenção, como seriam as oficinas, a proposta para o produto. Também foi apresentado a relação da Geografia com a Literatura, quais são as possibilidades de diálogo entre ambas e de quais formas uma disciplina pode contribuir com o aprendizado da outra. Na imagem mostra o slogan da pesquisa, o nome dado a pesquisa e minha imagem,

Figura 12: Momento de apresentação da pesquisa aos(as) alunos(as) colaboradores(as)



Fonte: Gordiano, (2021)

A respeito do nosso primeiro encontro, a aluna “Cecília Meireles 1” destacou que “foi bem explicativo, deu para entender bastante coisa”. Nesse momento inicial, acreditamos que os(as) alunos(as) sentiram-se envergonhados e tímidos, não dialogando muito.

Destacamos que o momento foi bastante proveitoso, tivemos o propósito de acolher o grupo e mostrar nossa proposta de trabalho. Nessa perspectiva, nossos objetivos foram alcançados, pois conseguimos fazer com que eles(as) compreendessem a importância da relação inter/transdisciplinar da Literatura com a Geografia. Como forma de convite para os próximos encontros, enviamos para o grupo de *Whatsapp* a música de Caymmi *Você Já Foi à Bahia*, com o propósito de instigar futuros diálogos.

O nosso segundo encontro teve como tema *O encanto dos sertões na poesia*, com o propósito de interpretar os sertões a partir de (des)leituras poéticas a partir dos poemas *O Sertão*, de José de Oliveira Falcón; *Ruínas de Sonhos*, *Lembranças de um Vaqueiro* e *Galopes Selvagens*, de Adriano Eysen.

A princípio, trouxemos duas questões: como eles(as) veem o sertão? Como é a representação desse(s) lugares sob o olhar de cada um(a)? Para “Machado de Assis”, trata-se de “seca, caatinga” e “Cecília Meireles 1” destaca que “é uma região afastada das cidades, roça”. As presentes falas foram muito proveitosas e importantes para problematizar e (des)construir a visão dos(as) alunos(as) sobre os sertões. Nossa conversa inicial refletiu sobre outro sertão, visto que há a utilização do termo no plural. Vale lembrar que estamos discutindo acerca de uma região diversa, vasta, complexa e plural. Nesta região, de clima semiárido, a temperatura é alta, o que reflete em baixa umidade do ar e baixo índice de pluviosidade, repercutindo em períodos de estiagens. O relevo também interfere nas condições climáticas de cada lugar. Dessa forma, na região estudada, existe o planalto de Borborema, este que impede que correntes atmosféricas úmidas que partem do Oceano Atlântico cheguem aos sertões. Mas, graças às correntes atmosféricas vindas da região Norte do país, em destaque da região Amazônica, as chuvas chegam aos sertões, transformando as paisagens e, consequentemente, a vida de milhares de mulheres e homens sertanejos.

Há uma visão estigmatizada que foi sendo constituída, discursada, para representar os sertões. Inicialmente, na história colonial, ao se denominar *sertão* como lugar distante, despovoado, deserto, falamos que há um imaginário sobre os sertões como um lugar pobre, seco, chão rachado e pessoas famintas sem quase nenhuma perspectiva de vida. Fizemos uma busca de imagens no *google*, as quais mostram justamente essa representatividade, além de uma discussão sobre os livros didáticos que também retratam esse mesmo cenário dos sertões. Uma aluna destaca que realmente “era” assim que ela entendia. Desse modo, procuramos apresentar-lhes

outros sertões, ricos, resilientes, diversos. Nesse sentido, Santana (2020, p. 172) faz uma ressalva muito pertinente sobre a educação geográfica:

A ideia e proposta de uma educação geográfica se insere nesse esforço de elaboração a respeito de uma contribuição da Geografia para a educação das pessoas como um processo amplo, que engloba e transcende a educação escolar. [...] a educação geográfica como dimensão do processo formativo dos sujeitos ao longo das experiências de vida é permanente, não se inicia nem se esgota na educação escolar.

Apresentamos ainda a extensão territorial dos sertões nordestinos, destacando que oito dos nove estados do Nordeste pertencem aos sertões Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Assim, ressaltamos mais uma vez a diversidade, complexidade e pluralidade dos solos sertanejos.

Logo após, tivemos o prazer de receber no nosso encontro o professor e escritor Adriano Eysen. A princípio, o convidado salientou sobre a importância da pesquisa, pois aproxima a Universidade ao ensino básico. Destacou ainda sobre a extensão territorial da Bahia e que, mesmo sendo um soteropolitano, teve a oportunidade de conhecer, dialogar com pessoas que nasceram e se constituíram como sujeitos nos sertões baianos. O professor também ressaltou a pluralidade cultural dos sertões, destacando importantes manifestações artísticas e culturais presentes em diversas regiões sertanejas, a exemplo da bata do feijão, da bata do milho, das quadrilhas juninas, das cantorias, da culinária, dos repentis, da literatura de cordel, dentre outras.

Ao falar sobre suas obras, ressalta que a sua Literatura bebe da fonte da Literatura popular e das memórias oriundas dos lugares de infância, andando à cavalo, nas caatingas e com as amigas construídas com vaqueiros e outros diversos trabalhadores(as) do campo. Refletiu conosco sobre a importância da leitura de textos literários e das suas contribuições para o processo de formação do ser humano. Para Adriano, a leitura desenvolve a nossa sensibilidade e o nosso olhar crítico, levando-nos a perceber o mundo de uma maneira mais plural e dinâmica. O poeta ainda ressaltou que as páginas dos livros possibilitam viagens ao nosso interior, assim como conhecimento de outras culturas, outros países. Nesse sentido, trazemos uma reflexão de Oliveira e Passos (2020, p. 91) acerca do potencial da Literatura para a disciplina geográfica:

É a partir dessa dupla significação que podemos afirmar que a literatura é uma importante forma de linguagem, em potencial, para discutir temas e conceitos da Geografia Escolar porque ela é multidisciplinar, podendo tornar as aulas, desse componente curricular, mais atrativa, significativa e prazerosa, o que possibilita aos alunos perceberem que a Geografia está presente no cotidiano de suas vidas, ao estabelecer relações da Geografia com outras linguagens, como a da literatura.

Durante nosso encontro, Adriano fez-nos viajar pelos sertões com a leitura de alguns poemas acompanhada de breves comentários sobre suas vivências pelos sertões da Bahia. No final, ele se despediu ao tocar um berrante e ler o poema intitulado *Vaqueiro de sete sóis*, dedicado ao seu amigo Jaquinho, vaqueiro com o qual conviveu num, então, povoado chamado de Caatinga do Moura, hoje, distrito de Jacobina/BA.

Os(as) alunos(as) interagiram com importantes perguntas, como: “Quais as suas inspirações para escrever?” Como resposta o professor destacou a vida, as pessoas, as experiências cotidianas, as dores e medos. Segundo ele, “o poeta é um ser do mundo”. Outro aluno questionou: “Quantos livros de poesia há com tema sertão?” Eysen destacou que todas as obras têm poemas com a temática, como também outros temas, a título de exemplo, o amor, aspectos políticos, sobre a natureza. Outro questionamento: “Quando os escritores começam a escrever já têm a história toda pensada e esquematizada ou vão deixando a imaginação fluir?” Como resposta, o escritor destaca que a história vai sendo construída ao longo do processo de escrita, é uma tessitura, construção e reconstrução, sempre revisitando, relendo, reescrevendo e “lapidando” o texto.

Esse momento de interação dos sujeitos colaboradores com o convidado foi bastante significativo, uma vez que eles(as) puderam refletir sobre a produção literária, a Literatura e a importância da leitura na formação do sujeito.

Continuamos o encontro com o poema *Galopes Selvagens*, também de Eysen. Em seguida, iniciamos refletindo os primeiros versos do poema “São tantos sertões guardados na memória”, destacando que estes tantos sertões referem-se à diversidade física, cultural e étnica existente nessa região. Como afirma Moraes (2003, p. 07), “O sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares”. Assim, com o intuito de observarmos mais detalhes, colocamos

imagens dos mais diversos lugares dos sertões, a título de exemplo, uma imagem do Rio Jacuípe - distrito de Barreiros, município de Riachão Jacuípe; do Rio São Francisco, uma imagem da cidade de Serrinha; açude de Santaluz; entre outras.

Ressaltamos também a diversidade cultural sertaneja, em destaque os rodeios de vaquejadas. Esta manifestação cultural foi correlacionada com o poema *Lembranças de um Vaqueiro* (Eysen). A manifestação cultural citada tem grande legado à história e à cultura sertaneja, uma vez que os sertões foram bastante povoados a partir da atividade da pecuária. As criações de gado, que antes estavam mais próximas do litoral, foram encaminhadas para o interior. Nesse contexto, os vaqueiros tinham como missão cuidar desses animais, grandes heróis em adentrar as vastidões das caatingas. Como forma de entretenimento, as vaquejadas e rodeios utilizam os animais para divertimento do público. Para Queiroz (2014), o vaqueiro é o protagonista, ele representa o maior símbolo da cultura sertaneja. Segundo o autor (2014, p. 255), “foi o vaqueiro o grande iniciador da conquista do território da Bahia e o homem primeiro e secular a criar os elementos primaciais da cultura sertaneja”.

Dando continuidade às (des)leitura dos poemas, dialogamos, a partir de *Ruínas de Sonhos* (Eysen), sobre Canudos, suas lutas, sua história. Falamos também a respeito da importância das águas, em especial das águas dos açudes. Já o poema *O sertão*, de Falcon, (*apud* BRASIL, 1999, p. 172) retrata sobre vários elementos sertanejos, a saber, a caatinga que ele chama de mato branco, como podemos ver nos versos abaixo:

Caatinga é amar avesso
Mato branco de enrijar
-afoga com a secura
Estonteia com a tortura
Agride para ameigar.

Conhecida também como Mato branco ou floresta branca, devido a sua característica nos períodos secos, os quais as folhas das árvores caem e ficam apenas os gravetos, secos, esse bioma da caatinga, exclusivo do território brasileiro, tem um grande poder de se resignificar e quando a chuva cai sobre o solo, há uma transformação na paisagem e a mata fica verde. O poema retrata o relevo, a fauna e a flora dos sertões. Menciona plantas como macambira, cajueiro, alecrim, mandacaru,

juazeiro, xiquexique e animais, como os urubus. Fala sobre as cacimbas, estas que são muito importantes para armazenar água, pois se trata de uma técnica para conviver com a seca. Vejamos os versos abaixo:

E quando seca a cacimba
Ipueira e juazeiro
Mandacaru são dois braços
E - à boca da noite- um grito
na chapada – e candeeiro!

Como forma de despertar a criatividade e também a criticidade dos(as) estudantes, pedimos que criassem um desenho com algo que para eles(as) representasse os sertões, como podemos notar na Figura 13, em forma de mosaico:

Figura 13: Mosaico representativo dos sertões



Fonte: Registros da pesquisa, (2021)

A partir da expressão artística criada pelos sujeitos colaboradores, notamos que a planta mandacaru é unânime nas suas representações que a ideia de sertões, mesmo após nossas reflexões, está muito relacionada aos estigmas, ou seja, lugares ensolarados, árvores secas. Podemos notar na imagem que apenas um desenho expôs a chuva e a árvore do umbuzeiro. A aluna “Collin Hoover”, que criou essa

imagem, destacou: “eu fiz uma mistura do sertão, quis mostrar a realidade do sertão, que ele vai além da seca, que ele tem a sua vegetação própria: mandacaru, umbuzeiro... mostrei o sol e a chuva ao mesmo tempo, para representar o sertão numa ilustração só”. Observamos que a aluna já possui uma visão diferenciada dos(as) demais participantes, construindo uma reflexão crítica, um novo olhar sobre os sertões.

De forma espontânea, sem estar nos nossos planejamentos, a aluna “Collin Hoover” escreveu um poema sobre a temática:

Chão avermelhado
Do meu sertão ensolarado.
Verdes alvos como a erva;
Da minha amada terra.

Julgam o meu sertão por verem sem
conteúdo o meu chão seco.
Dizem que é deserto,
Mas eu que conheço bem, sei;
Que nessa terra seca também tem verde e
delícias.
Da minha terra amada.

A estudante salienta que, embora haja períodos secos, fazendo com que esses lugares sejam estereotipados, não é sempre assim, já que há períodos verdes, com uma diversidade de alimentos. Poderíamos citar o umbu, o milho, a fruta de palma, o licurí, o feijão, a mandioca e o aipim, dentre outros. Frutas e raízes com as quais podem ser feitos diversos bolos, umbuzada, cocada, pamonha, canjica, beiju, farinha etc. É uma terra que ela ama, ou seja, demonstra amor e pertencimento pelo seu lugar. A aluna também tinha deixado a mensagem no *chat*: “Eu sempre gostei muito de ler e escrever”. Acreditamos que foi esse o motivo dela ter a iniciativa de escrever o poema.

Nosso terceiro encontro teve como tema *(Ser)tão, Santaluz, o meu lugar*, com o intuito de identificar expressões identitárias dos lugares dos sujeitos da pesquisa a partir da Literatura.

Iniciamos com o mosaico, o qual criamos com os desenhos feitos pelos(as) alunos(as), representando os sertões. A partir dele, fizemos uma reflexão sobre a

planta mandacaru como uma representação muito presente no imaginário dos(as) alunos(as). Por certo, estamos a falar de uma planta resistente a grandes períodos de estiagem representando de forma significativa a vida dos(as) sertanejos(as). Mesmo após nossos diálogos, ainda percebemos nos desenhos traços estereotipados de um sertão em que parece não existir verde. Contextualizando o desenho dos(as) alunos(as) com o lugar luzense, perguntamos se tinha alguma relação com o município, e se eles(as) já presenciaram a imagem desenhada. “Collin Hoover” responde que sim, ela destaca que o umbuzeiro e o mandacaru desenhados por ela são muito vistos no município. A fim de adentrar um pouco mais acerca da realidade da cidade, falamos um pouco sobre o número de habitantes, principais fontes de renda da população, manifestações culturais, além de a situarmos no mapa da Bahia.

E para dialogarmos sobre o lugar de vivências dos(as) estudantes, a partir dos trechos da obra *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*, convidamos o senhor Nelci Lima Cruz, um morador luzense. Ele é historiador, poeta e escritor. O convidado trouxe grandes contribuições sobre a história do município, sobre a obra literária, sobre o autor Guido Guerra.

Senhor Nelci afirma alguns olhares que tive ao ler a obra de Guerra (1981), que o Coronel em destaque é realmente o Coronel José Leitão, este que foi homenageado com o nome da escola e da praça. Inclusive, segundo o convidado, o Coronel José Leitão era bisavô de Guerra, daí entendemos o porquê da existência do narrador personagem, pois Guerra narra parte de suas vivências e de seus familiares nas terras luzenses. Dessa forma, como ressalta Portugal (2020, p. 34), “ao narrar, o sujeito tem a possibilidade de refletir sobre suas vivências e experiências, ocorrendo, assim, a oportunidade de reproduzir e/ou reconstruir suas práticas”.

Segundo o historiador luzense, a narrativa é realmente o que aconteceu, que o Coronel veio para Santaluz. No entanto, que o fundador local foi José Lopes. Quando o Coronel chegou já tinham as casas, mas com a chegada do Coronel, vindo de Pesqueira-Pernambuco, começou o “desenvolvimento”, a exemplo da feira livre, da exportação de peles de animais para o exterior.

Senhor Nelci retrata sobre os patrimônios históricos materiais do município que estão sendo destruídos e, com isso, destrói a cultura. Cita o próprio Morro dos Lopes do qual estão retirando as pedras, assim como a casa do Coronel que foi colocada à venda e corre o risco de desaparecer. A estudante “Cecília Meireles 1” faz uma ressalva ao dizer que esses acontecimentos provocam nela um “desgosto profundo”.

Já a aluna “Collin Hoover” destaca que a cidade tem uma cultura linda e muitas histórias e que estas deveriam ser preservadas, mas que não deram e não dão muita importância para a cultura material. Ela afirma: “Eu lembro que fiquei triste quando derrubarão o casarão da rua Rio Branco e o açougue que eram históricos, eu participei de uma exposição de fotografia daqui e aprendi muito também sobre a história da cidade”.

Dessa forma, observamos que as alunas percebem a importância da cultura, e por se sentirem pertencentes ao lugar, revoltam-se com tais acontecimentos. A partir da fala das alunas, recordamo-nos da seguinte reflexão de Cavalcante (2012, p. 58):

[...] é importante conhecer e considerar os conhecimentos que os alunos têm de seus espaços vividos na cidade, levando em conta que eles são uma construção constante e dinâmica, e que nessa construção interferem sua experiência, seus deslocamentos cotidianos [...]

É exatamente essa a reflexão que a aluna “Collin Hoover” traz em nossos diálogos, ao perceber de maneira crítica a realidade social, política, econômica e cultural de Santaluz.

Em seguida, o poeta-cordelista recitou alguns de seus cordéis sobre o município, a partir de sua fala escrevemos alguns trechos:

Santaluz é minha terra,
Com certeza é o meu chão,
Fica no Nordeste
Nas estranhas do sertão
Terra pura
Terra minha
Fica na microrregião de Serrinha
Respeitada por Lampião
Fundada por José Lopes, em 1880
Sendo na sede
Primeiro prédio ostenta
Que é a estação
Histórica na região
E o progresso só aumenta
Em 1935, Santaluz se emancipou
[...]

Nesses versos, o eu lírico expressa emoções e sensações oriundas das vivências com a terra. O cordelista evidencia no poema a história do seu lugar com uma forte carga de pertencimento.

Pedimos que os(as) participantes realizassem reflexões sobre a oficina, as marcas que (Ser)tão, Santaluz, o meu lugar deixou. “Collin Hoover” destaca: “Eu amei essa ligação, [...] aprendi muito”. Já “Machados de Assis” diz: “Eu aprendi que o sertão não é só seca, tem cultura. História muito bonita do sertão”. A aluna “Helena” destaca: “Eu amei a aula, também aprendemos bastante”. A partir das falas deles(as), percebemos que o encontro foi proveitoso, uma vez que contribuiu para o processo de aprendizado, embora tivéssemos notado ainda um pouco de timidez por parte dos(as) alunos(as) ao exporem suas ideias.

Importante ressaltar o seguinte comentário de “Helena”: “Até meus pais participaram da aula”, ou seja, a partir do novo contexto de aprendizado, o qual o ensino mediado por ferramentas digitais está nas casas dos(as) alunos(as). Assim, o conhecimento não ficou restrito, criou novos voos alcançando outros membros da família.

O convidado contribuiu bastante com o aprendizado dos(das) alunos(as) sobre o lugar luzense, pois ele sabe de muitas histórias e já presenciou muitos fatos em seu cotidiano. Dessa forma, como salienta Cavalcanti (2020, p. 46):

São estratégias que apontam para a necessidade de se associar a Geografia que se ensina com a Geografia da vida cotidiana, ensinar conteúdos escolares tendo em vista a formação de um pensamento geográfico que capacite os sujeitos a compreenderem o mundo em que vivem e a atuar, individual e coletivamente, em coerência com essa compreensão, que aqui se entende como práticas espaciais cidadãs.

Dando continuidade, o nosso quarto encontro teve como tema *A caatinga em prosa*. O propósito foi conhecer o bioma caatinga e seus sujeitos sociais. Inicialmente, apresentamos algumas características da caatinga, mostramos a localização desse bioma no mapa, retomamos ao mapa dos sertões, destacando que o bioma está presente em praticamente todo espaço sertanejo.

Nossa prosa foi se constituindo com trechos da obra *Grito da Terra*, de Ciro de Carvalho Leite. Destacamos que a história narrada por Leite (1964) discorre sobre as famílias de Silvério e Apolinário, suas relações e vivências com a terra. Falamos sobre o conceito de paisagem, observamos as descrições das paisagens da caatinga

e como as mesmas são modificadas no interior da obra. Fizemos correlações com o município luzense, quais as diferenças e singularidades desses lugares advindos a partir da atividade na mineração.

Realizamos leituras de imagens mostrando a caatinga, a retirada da vegetação, discutimos sobre a concentração fundiária e ressaltamos que essa foi uma característica presente na obra de *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias*. A aluna “Collin Hoover” destacou que diante dessa questão de concentração de terra, a reforma agrária vem agindo para que haja uma redistribuição de terras, a exemplo, do assentamento Mucambinho, em Santaluz. Retomamos a colocação da aluna, falando sobre o significado da reforma agrária e sua importância para que todos tenham acesso à terra.

Nesse sentido, Oliveira (2007, p. 68) afirma que “Nas sociedades capitalistas a reforma agrária tem sido feita com o objetivo de mudar a propriedade privada da terra concentrada nas mãos dos latifundiários, dividindo-a e a distribuindo para os camponeses e demais trabalhadores”. O Movimento dos Sem-Terra (MST), a partir de suas lutas, tem construído uma trajetória de muitas conquistas, mas há ainda muita concentração de terras, em especial se pensarmos no agronegócio, concentrando riquezas nas mãos de um pequeno grupo de latifundiários.

Falamos sobre a questão da seca e sobre como criar estratégias para conviver com os períodos de estiagens, o plantar da palma, escavar de cacimbas, canalizar a água e a construção de cisternas. Destacamos que a seca não se combate, como muito foi divulgado pela indústria da seca, porque a mesma é um fenômeno natural, a partir das características climáticas semiáridas e geomorfológicas, a exemplo do planalto de Borborema.

Refletimos sobre o trecho da obra que discorre sobre as fortes chuvas que secam e destroem as plantações. Com efeito, abordamos sobre questões de desequilíbrios naturais, como consequências das ações humanas, tais ações estão diretamente relacionadas com os períodos de estiagem que tanto afeta nosso chão. O desmatamento da caatinga é um forte exemplo, que tem vários reflexos. São preocupantes tais ações humanas, que alteram e destroem paisagens. Nessa perspectiva, incentivamos nossos(as) alunos(as) à Educação Ambiental lutando por uma preservação e conservação da natureza para que haja equilíbrio e qualidade de vida no planeta.

Durante o encontro, aproveitamos também para discutirmos sobre as pessoas que migram do campo para a cidade, quer seja, por espontânea vontade, ou por serem ameaçadas. Desse modo, como afirmam Oliveira e Passos (2020, p. 93):

Articular temáticas da Geografia com a linguagem da literatura pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem na escola, haja vista que a escola é o encontro de saberes produzidos por diferentes culturas, aproximando os temas e conceitos desta ciência à realidade cotidiana dos alunos ou aguçar suas criatividadees acerca de tais discussões.

Nesse sentido, a temática geográfica presente na narrativa sobre o processo migratório do campo para a cidade coloca em evidência o êxodo rural, assim como diversos problemas urbanos. Destacamos o sonho de muitos(as) estudantes do campo que sonham em ir morar nas cidades em busca de uma vida “melhor”. Também chamamos atenção a respeito do retorno ao lugar de origem, sendo uma característica muito forte de diversas pessoas que migram para outros lugares. Assim, procuramos problematizar o processo migratório com o propósito de que refletissem sobre a vida nas cidades, sobretudo nas grandes metrópoles. Discorrendo sobre tais questões, Cavalcanti (2020, p. 46) destaca que:

Esses são alguns dos aspectos mais fortes na definição dos modos de viver cotidianamente na cidade: a moradia, a circulação, os diferentes lugares da cidade. Sendo assim, problematizá-los seria uma adequada abordagem no ensino de cidade: orientar atividades propiciadoras do conhecimento e da reflexão sobre os modos como os jovens estudantes vivem e percebem os lugares/locais da sua cidade; como têm se relacionado no cotidiano com eles; como são seus deslocamentos; como se apropriam de lugares em suas ações cotidianas, produzido seus territórios.

Discutimos também com os sujeitos colaboradores sobre a relevância da educação do campo para que a população campesina tenha uma formação crítica com o propósito de continuar fortalecida na luta pelos seus direitos, em especial pela terra e por políticas públicas que beneficiem seus lugares.

Para concluir o encontro, pedimos que os(as) estudantes realizassem uma entrevista com um(a) idoso(a) e que este(a) contasse sobre as diferenças que eles(as) percebem na(s) paisagem(ns) da caatinga ao longo de sua história. Infelizmente nenhum(a) dos(as) participantes realizou a atividade. Acreditamos que o motivo da não realização foi pelo fato de estarem em período de isolamento social. Importa frisar

que muitos(as) idosos(as) não têm recursos digitais, impossibilitando, portanto, a execução da entrevista.

O nosso quinto encontro teve como tema *Viagens as lavras diamantinas* com o intuito de conhecermos um pouco mais a respeito da região da Chapada Diamantina. Para essa finalidade, trouxemos trechos da obra *Cascalho*, de Herberto Sales e convidamos para o diálogo um garimpeiro luzense, o senhor Antônio.

Iniciamos apresentando as principais características da região da Chapada Diamantina, sua localização no mapa da Bahia. Em seguida, falamos sobre o Parque Nacional da Chapada Diamantina, um espaço criado pelo decreto federal, a fim de preservar e conservar a fauna e a flora da nossa caatinga, protegendo as paisagens e riquezas naturais da região.

Para começar o diálogo sobre a obra e a respeito das vivências do senhor Antônio, apresentamos um trecho em que Herberto Sales retrata a descrição da paisagem com as vivências dos(as) personagens garimpeiros(as). Dessa forma, como destaca Santana (2020, p. 169):

A fim de contribuir para a educação geográfica, escolar ou não, se faz necessário discutir sobre a paisagem ficcional como constituidora de estruturas cognitivas relacionadas às geografias vividas e, por fim, propomos a experimentação de narrativas de viagens como resgate de vivências espaciais diversas.

Ao dialogar com a obra literária e com alguém que vivencia a realidade presente na narrativa, estamos contribuindo para a educação geográfica dos nossos(as) sujeitos colaboradores(as), visto que eles(as) experimentaram as narrativas ficcionais oriundas da sua realidade espacial e cultural.

A partir dos relatos do senhor Antônio e dos(as) personagens, percebemos que eles(as) possuem forte relações com as paisagens vividas, muitos(as) daqueles(as) que estavam na lida do garimpo eram ex-escravizados ou descendentes. Que o trabalho do garimpo era como tentar uma sorte e que suas riquezas escorriam para as mãos dos donos das terras. A experiência do senhor Antônio não é diferente, pois ele também repassa uma porcentagem ao dono das roças/fazendas.

Ressaltamos as andanças dos garimpeiros à procura de “seus” metais preciosos. Eles(as) deslocam-se constantemente, pois, como já foi salientado, os recursos minerais não são renováveis. Dessa forma, ao findá-los, eles(as) vão para outros lugares em busca de novas riquezas.

A experiência do senhor Antônio não é diferente, ele destaca que, juntamente com seus colegas, já saiu para Pernambuco, conheceu um garimpo na Chapada, mas como ele garimpa ouro e os recursos disponíveis no local eram cristais, ele não trabalhou nesta região.

Ao dialogamos sobre as moradias dos(as) trabalhadores(as) do garimpo, destacamos que os(as) personagens da narrativa, embora trabalhem no campo, moram na cidade e suas moradias encontram-se segregadas e muito vulneráveis. Senhor Antônio relatou-nos que em alguns casos os(as) garimpeiros constroem barracos nas proximidades dos garimpos para facilitar a acessibilidade ao trabalho, porém ele afirma que as habitações possuem péssima qualidade. Destacamos também que, a partir da atividade do garimpo, houve um significativo crescimento urbano na Chapada Diamantina, a exemplo da cidade de Lençóis.

Relatamos com os(as) alunos(as) que a Chapada Diamantina está localizada nos sertões, mas que na obra o autor faz entender o contrário. Esse é mais um detalhe que nos faz lembrar que os sertões é diversidade e que alguns lugares se desenvolvem mais e outros menos. São vários sertões, entre eles, a saber: Alto Sertão, Sertão da Ressaca da Conquista, Sertão Sisaleira, Sertão da Cala do São Francisco.

Enfatizamos para os(as) estudantes que as pedras preciosas também causam ambições, violências, brigas e até mesmo morte. O senhor Antônio frisou que, infelizmente, essa é uma realidade existente. As vivências do senhor Antônio e a narrativa literária de Sales possibilitaram muito aprendizado sobre a Chapada Diamantina, além de nos levar a fazer uma comparação do garimpo dessa região com o que há no sertão luzense. Tivemos ainda um momento de diálogo, no qual os(as) participantes interagiram com o convidado, fizeram perguntas, comentários, expondo importantes reflexões. Assim, ao contextualizarmos a realidade da região diamantífera, ressaltamos que a atividade no garimpo não é tão presente como antigamente, e que sua principal atividade econômica é o turismo.

Dando continuidade às oficinas, o sexto encontro teve como tema *As riquezas geo-históricas do Recôncavo Baiano*, com o intuito de voltar às “estradas” e compreender configurações geográficas e as origens de espaços do Recôncavo Baiano. Como nos outros encontros, iniciamos contextualizando a região e mostrando a sua localização. A ideia de pensarmos em uma temática geo-histórica consiste em acreditarmos no diálogo inter/transdisciplinar, pois compreendemos a importância da

História para compreendermos construções e (des)construções presentes no espaço geográfico. Nesse sentido, Santana (2020, p.169) pontua:

O investimento no estudo da relação entre geografia e literatura vem se apresentando como uma estratégia promissora para o diálogo interdisciplinar, além da possibilidade de buscar respostas não convencionais para o mundo complexo e multifacetado que se expõe diante dos sujeitos históricos que somos.

Para conversarmos sobre o Recôncavo da Bahia, escolhemos o romance *As Voltas da Estrada*, de Xavier Marques. Destacamos que a obra narra a passagem do período escravocrata à abolição da escravidão. Todo o enredo passa numa cidade fictícia denominada de Amparo. Nesse contexto, ressaltamos que essa é uma característica do texto literário, o(a) escritor(a) tem a liberdade de escrever, de criar seus lugares, paisagens, personagens, cidades reais ou não.

Tivemos como convidado o professor Amós, historiador, morador da cidade de Amélia Rodrigues, localizada no Recôncavo Baiano. Para o professor, a temática sobre a escravidão nos textos ameniza a tragédia, não contam profundamente o quanto sofrido foi o período.

Concordamos com o professor, pois como já destacamos anteriormente, as questões raciais são abordadas, na maioria das vezes, pelas obras literárias a partir das visões hegemônicas dos(as) escritores(as). Infelizmente, nas narrativas, negros e índios não “eram” retratados como gente. No entanto, concordamos com o olhar de Oliveira (2011) ao ressaltar que a obra de Marques (1982) tem um diferencial de outras publicações, a exemplo de um negro ser o protagonista, líder político.

Analisando como o campo e cidade aparecem na obra, a primeira é descrita como espaço de exibição dos Viscondes e Barões, com suas casas secundárias; como também moradia de uma população pobre, segregada. O campo é definido como espaço de moradia desses Viscondes e Barões, das construções das senzalas, espaço das plantações. Apresentamos uma desigualdade estrutural urbana, esta que se inicia ao longo do processo histórico da escravidão, ao fazemos uma menção da casa grande com a senzala e as compararmos com estruturas existentes na atualidade, as habitações no centro da cidade e nas áreas periféricas. Como destaca o professor convidado, o Recôncavo Baiano nos remete ao passado, com grandes desigualdades sociais.

O professor Amós salienta que a cidade forjada pelo escritor remete a Santo Amaro. A partir de uma fotografia, figura 14, da cidade de Santo Amaro, que colocamos no slide o professor realizou uma contextualização geo-histórica da cidade e da paisagem urbana, uma rica leitura da imagem:

Figura 14: Fotografia da cidade de Santo Amaro



Fonte: https://i.ytimg.com/vi/wf1b_GshH5U/maxresdefault.jpg (2021)

As Voltas da Estrada possibilita-nos, outrossim, uma discussão sobre gênero a partir da reprodução de escravos. Vejamos a seguinte passagem do romance de Marques (1982, p. 07): “as negras cativas eram mães fecundas e inesgotáveis: davam crias infalivelmente a cada ano, parindo até por capões e moitas”. Essas mulheres escravas eram tratadas como objeto. Dessa maneira, trouxe algumas questões: como a mulher é vista e é tratada pela sociedade contemporânea? De que forma o machismo se perpetua na nossa sociedade?

O professor ressalva que o trecho citado é uma desumanização estrutural do Recôncavo. Que tudo que aconteceu foi uma tragédia, uma tragédia que nos impulsiona a ressignificação.

Ao abordamos sobre a transição do período escravocrata para o período da república, Amós faz um questionamento, a partir do seu olhar de leitor: Será que esse processo foi tão tranquilo? A partir da fala do professor compreendemos que não foi tranquilo. Mesmo quando as crianças nasciam de ventres livres, não se tornavam livres de fato, pois suas mães não eram livres, tinham que, de certa forma, conviver com todo o contexto de desamparo, dependência, de escravidão.

Gostaríamos de salientar a fala do professor quando ele destaca que a Geografia e as paisagens do Recôncavo não são uma só, e é importante a história para uma retomada de consciência, o passado e presente têm uma relação profunda. Amós destaca que “o romance é ótimo, a Literatura nos faz viajar, mas em viajando estaremos em outros lugares, onde precisaremos nos ressignificar”.

Importante destacar as reflexões tecidas pelo professor Amós. Trata-se de um leitor com olhar atento, fazendo análises sobre o texto literário. Observamos nas falas dele que o romance em discussão baseia-se em fatos históricos, mas que muitos outros não foram narrados, a exemplo da religiosidade africana que é bastante presente no Recôncavo, muitas foram as lutas do povo africano para resistir e continuar com sua religião, pois os(as) escravos(as) eram proibidos de cultuar e festejar seus Orixás. Daí, muito sofrimento surgiu e, para não deixarem de manifestar sua fé, buscaram nos santos católicos semelhanças com os seus deuses. Surge, assim, o sincretismo presente em alguns terreiros e festas do Recôncavo Baiano.

Concluimos o encontro com o poema da professora Anedy, do José Leitão, intitulado *Branquitude*, que aborda sobre o preconceito racial. A professora Anedy foi convidada para recitar o poema. Após recitá-lo, ela destacou que nosso diálogo nos levou a refletir, ressignificar, ter outros olhares para pensarmos sobre possíveis mudanças, um recomeço, com menos preconceito, menos dor. Ao término do encontro, a professora enviou-nos um poema sobre o aprendizado da noite:

Voltas pela estrada ou
Volta pelas estradas?

Eu posso acrescentar o meu olhar, na volta pelas estradas ou nas voltas à mesma estrada. Posso espalhar meu verde esperança na grama de tantos passos... mesmo que seja para cobrir o sangue e ainda assim minha atitude... não seja encobrir o ódio espalhado no caminho.

Não posso querer eliminar a dor passada, ela só pode ser superada! Isso é ser superficial? Ingênuo? Sem visão? Não posso ter fé? Conhecer não precisa ser incredulidade, nem credulidade cega. Mas pode ser.

Voltar pelo caminho e dizer de uma forma menos seca, que se chegamos até aqui...é porque alguns além da dor, chegaram ao fim da estrada e recomeçaram.

É pecado não deixar de sonhar? História viva também tem o sabor da esperança! Posso pintar os meus cenários de outra cor. Posso juntar ao "vermelho" que escorre, um pouco do verde das folhas do canavial de nossas terras e enfraquecer os engenhos de agora! Todo reconto permite novos pontos. Não são, atuas, as reticências.

Às voltas sempre mudam rotas do caminho. Vida real tem mudanças a todo instante. Afinal, as diferenças e diversidades dão beleza ao espaço. Mas não se proíba em cada volta, a tentativa de amenizar à dor!

Anedy Belisario

O poema traz uma reflexão crítica a partir da (des)leitura dos trechos de *As voltas da estrada*, de Marques (1982). Inicialmente, a professora expõe o seguinte questionamento: “voltas pela estrada ou volta pelas estradas?” Aqui, há um sentido que poderíamos realizar várias voltas para uma mesma estrada, e/ou realizar uma volta por estradas diferentes. Em ambas as possibilidades, é possível perceber na narrativa literária estudada que essas voltas representam muitos sofrimentos, dores, lutas e conquistas! Embora observamos que muitas pessoas, mesmo ficando livres, permaneceram oprimidas. Na obra estudada, apenas o personagem Nazário obteve uma ascensão social, tornando-se o novo senhor. Na(s) volta(as), não podemos eliminar os acontecimentos, os fatos passados, mas é possível ressignificá-los para lutarmos pela dignidade das pessoas.

A volta e/ou as voltas também nos possibilitam aprendizado, e que com eles possamos ressignificar, reconstruir experiências, mas nunca serem apagar, pois em cada volta/voltas, histórias foram vividas, espaços foram construídos ou transformados.

Partindo para o nosso sétimo encontro, com o tema *Navegando lugares do litoral*, tivemos como objetivo aproximar o conhecimento dos(as) educandos(as) às águas litorâneas e seus entornos, compreendendo a dinâmica de lugares campestres e de cidades do litoral, como também observando as águas como possibilidades de deslocamento de pessoas e de mercadorias, além das interrelações entre povos e culturas baianas.

Iniciamos com a música *Marinheiro só*,²⁸ de Caetano Veloso, essa que dialoga com a temática do encontro. Após a escuta da música, questionamos aos sujeitos se eles(as), à partir da letra, saberiam dizer sobre quais seriam os possíveis diálogos que faríamos. “Collin Hoover” destacou que falaríamos sobre Salvador, sobre o mar; “Cecília Meireles 2” também relatou que discutiríamos sobre o mar. Desse modo, ambas conseguiram compreender a mensagem da música e as possíveis reflexões

²⁸ A Música *Marinheiro só* foi lançada em 1971. A composição do cantor e compositor Caetano Veloso foi uma homenagem a Lygia Clark

da noite. Em seguida, falamos sobre o que é uma área litorânea e sobre a área litorânea baiana, esta que tem a maior extensão do Brasil.

Nesse contexto, conversamos sobre o conto *Como um velho Saveiro*, de Osvaldo Dias da Costa. O conto narrado em primeira pessoa destaca o mar, os saveiros, e lugares de Salvador, ou seja, sua ambiência marítima e urbana.

Também dialogamos com os trechos da obra *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho, com o intuito de mostrarmos como a narrativa descreve o espaço campesino de Ilhéus, as plantações cacauceiras, as atividades pesqueiras e as relações dessas atividades mundo a fora. Detalhes que a música também faz menção, um marinheiro que é da Bahia, mas encontra-se fora da sua terra. Como podemos observar nos versos da música:

Eu não sou daqui
[...]
Marinheiro só
Eu sou da Bahia
Marinheiro só
De são Salvador

A partir da leitura da letra da música e da obra, chamamos atenção sobre Salvador, como é descrita, às várias características da cidade, em destaque às urbanas, as questões habitacionais que demonstram como a desigualdade é gritante. A capital da Bahia é citada na obra, a cidade alta, cidade baixa, as igrejas, as avenidas, as ladeiras, sobre características culturais, suas festas e comidas. Foram utilizadas várias imagens ao longo das oficinas, a fim de uma melhor compreensão.

Contextualizamos como que a partir dos portos os produtos vão da Bahia para o mundo, a exemplo dos diamantes vindos da Chapada Diamantina, do fruto do cacau colhido em Ilhéus e do sisal luzense. Assim como as pessoas também se deslocam, a exemplo do personagem Caúla que vai à Luanda.

Durante o debate sobre a obra, a aluna “Collin Hoover” disse que achou “legal conhecer essa cultura e vivência dos povos que moram no litoral”. Destacamos que, embora muitos(as) deles(as) já tenham visitado a capital, não conhecem alguns aspectos culturais, a vivência e realidade de alguns(as) moradores.

Como proposta, pedimos que os(as) alunos(as) fizessem um desenho do pé e escrevessem o que acharam das nossas oficinas. O resultado está exposto na figura 15 abaixo:

Figura 15: Pegadas de palavras



Fonte: Registros da pesquisa

As palavras deixadas pelos(as) alunos(as) demonstram que eles(as) obtiveram conhecimento. Gratidão aos sertões marcados nas pegadas, pois damos um outro significado aos nossos sertões, mostrando um olhar mais respeitoso e mais real acerca dos nossos lugares.

A partir dos encontros, foi possível perceber que a arte literária e a ciência geográfica ajudaram na compreensão de lugares e paisagens baianas, em destaque os lugares luzenses/sertanejos entrando em contato com a realidade dos envolvidos nas oficinas. Nesse sentido, Cavalcante (2012, p. 47) ressalta:

Compreendendo o mundo, e também o seu lugar, como uma espacialidade, o aluno terá convicção de que aprender elementos do espaço é importante para entender o mundo e seu lugar, na medida em que ele é uma dimensão constitutiva da realidade, e estará, com isso, mais motivado para estabelecer os conteúdos apresentados uma relação de cognição colocando-se como sujeito do conhecimento.

Dessa forma, destacamos a importância de dialogar sobre a realidade do sujeito e, a partir dela, fazermos correlação com o global, fazendo com que o aprendizado ganhe significados.

Deixando “um gosto de quero mais Literatura”, enviamos o poema *A Bahia*, de Firmino Rocha para o grupo de *WhatsApp* com o propósito de que os(as) participantes realizassem a leitura individual e tecêssemos um diálogo no encontro posterior.

Assim, no nosso oitavo encontro, *O Coró em ação*, propusemos a construção do produto da pesquisa. Nele foi realizado pela ferramenta do próprio grupo de *WhatsApp* em forma de tertúlia digital. Inicialmente, falamos um pouco sobre o poema que ficou destinado para a leitura. A aluna “Cecília Meireles 1” ressaltou que o texto “fala da beleza da Bahia e algumas características”; “Machado de Assis” destacou que “tipo uma rima de palavras”. Questionamos aos sujeitos o que entendiam a respeito do seguinte verso: “Com teus casarões, com tuas casinhas”. Com efeito, destacamos os comentários a seguir: a aluna “Jonh Harding” “acho que quer expressar pessoas com mais condições e pessoas com menos”; Machado de Assis ressaltou: “casarões uma mansão rica a casinha é uma casa humilde”; Já “Cecília Meireles 1” disse: “acho que expressa a desigualdade, lugares de pessoas humildes e também pessoas mais ricas”. Questionamos se foi possível observar tais desigualdades nas leituras das obras que estudarmos, os(as) estudantes afirmaram que sim. Perguntamos ainda se é possível observar em Santaluz essas diferenças e desigualdades. Os sujeitos colaboradores ressaltaram que existem pessoas com mais propriedades e muita gente com poucas, assim como em todos os lugares, observam as construções, a exemplo do casarão antigo.

Desse modo, destacamos que o poema dialoga com tudo que foi abordado ao longo de nossos encontros. Que essas Bahias vistas e analisadas se constituem em diversidades, complexidades, heterogeneidades, desigualdades e que em Santaluz não é diferente. Buscamos sempre contextualizar com a vivência dos(as) educandos(as).

Após a análise do poema, dialogamos sobre o produto da pesquisa e pensamos coletivamente que, para atender melhor o objetivo (divulgar a feira e socializar os resultados dela), seria interessante construir uma página no *Instagram*, visto que essa rede social está sendo muito usada na atualidade.

Em nosso nono encontro, *O Coró em ação 2*, continuamos objetivando construir o produto da pesquisa. Assim, criamos a página para a Feira Literária intitulada *Feira Literária do Coró*, pensamos em uma imagem que dialogasse com o nosso conteúdo e escolhemos uma árvore, na qual suas folhas são livros e seu tronco é um lápis no qual está escrito o nome da página. A figura 16 mostra o perfil de nossa página:

Figura 16: Perfil da página Feira Literária do Coró



Fonte: <https://www.instagram.com/feiraliterariadocoro/?hl=pt-br> (2021)

Realizamos três publicações: a primeira mostrando a foto do perfil, juntamente com o *slogan* da pesquisa e o escudo do colégio; a segunda trata-se de um vídeo, no qual explico o que é a Feira Literária do Coró, a proposta Inter/transdisciplinar e o objetivo da página; e a terceira é uma imagem com os nomes fictícios dos(as) alunos(as) colaboradores da página.

No nosso décimo e último encontro, intitulado *Diálogos da/na tele-janela geoliterária*, o objetivo foi conversar sobre os pontos positivos e negativos dos encontros. Tínhamos pedido que os(as) estudantes escrevessem um texto poético falando sobre as oficinas, as obras, o aprendizado, as diversas Bahias conhecidas. Pedimos que os(as) alunos(as) realizassem a leitura dos poemas. A seguir o poema de “Jonh Harding”:

Em geoliteratura
Aprendi sobre o sertão
Que é tão desvalorizado
Em toda a região.

É tão lindo de se ver
Brincar, dançar e correr
Pense num clima bom.

Estudamos também sobre nossa cidade,
Conhecemos os coronéis,
Suas histórias trouxeram-nos representatividade.

Falamos com historiador,
Professor e até trabalhador
Das minas da cidade.

Visitamos de casa
Paisagens e lugares,
As imagens ganham vida
E se tornam mais bonitas
Com sua responsabilidade.

Responsabilidade de falar
Conversar e explicar
As histórias e paisagens.

Obrigada professora,
A senhora é muito boa
Em ensinar
Com riquezas de detalhes.

Na primeira e segunda estrofes do poema de “Harding”, há uma ênfase sobre os sertões. Ela ressalta a visão de desvalorização dos lugares sertanejos, em seguida faz uma ressalva sobre as suas belezas, e características.

Ao anunciar a sua cidade, a poeta expõe o aprendizado sobre as marcas históricas, destacando a representatividade, ou seja, se ela se sente pertencente àquele chão. A referida aluna ainda destaca sobre as pessoas que fizeram parte dos nossos encontros. Assim, notamos a importância desses momentos com nossos(as) convidados(as).

O poema de “Harding” também evidencia o conceito de paisagem, lugar, estes que foram amplamente discutidos a partir das obras trabalhadas ao longo das oficinas. Ela salienta também as casas visitadas, ou seja, ao dialogar com as obras, tanto no campo, como na cidade, estamos sempre a observar a questão habitacional, esta que se acentua como um problema social, não se resumindo apenas à falta de moradia, como também às condições de precariedade. Boa parte da população baiana sofre com a violência, a falta de acesso à saúde, a deslizamentos de terra e desmoronamentos de construções, impermeabilidade do solo, enchentes, poluição dos recursos hídricos, entre outros problemas, repercutindo na qualidade de vida das pessoas. Notamos também nos versos de nossa aluna a importância da utilização de imagens, estas que contextualizam falas, textos e dinamizam as discussões.

Gentil e educada, cabe à sua última estrofe agradecer, tecer palavras doces, as quais guardaremos, pois são importantes para nosso processo de amadurecimento profissional.

Dando continuidade aos poemas, a seguir, os versos de “Cécilia Meireles 1”:

Estudar Geo-literatura
É difícil de se ver
Juntou Literatura e Geografia,
Não achei que iria acontecer.
Aí chegou a pró Cida
E nos trouxe saber.

Estudamos várias histórias,
Lugares, pessoas e sertão,
Assim como nosso querido
Coronel José Leitão.

A história de amor proibido,
Foi a que mais me encantou,
Como é que some os sentimentos
De alguém pela cor?

Em uma das histórias
Uma mulher foi embora,
Do Sertão, se mudou.
Tempo de mudar várias coisas,
Quando voltou não achou
O mesmo lugar que deixou.

Tantas coisas aprendi
Nessa nossa caminhada
Obrigada professora
Pelas histórias contadas,
Pelas poesias lidas,
E às imagens mostradas.

A primeira estrofe de “Meireles 1” chama a atenção sobre a inter/transdisciplinaridade. A estudante não imaginava que o diálogo entre a Literatura e a Geografia fosse possível para potencializar o processo de aprendizagem. Com efeito, o poema revela que esse diálogo não estava presente no cotidiano de sala de aula. Desse modo, procuramos mostrar essa possibilidade quando navegamos pela Literatura Baiana dos sertões, do município de Santaluz, da Chapada Diamantina, do Recôncavo Baiano e de áreas litorâneas. Revelamos que essa relação Geo-Literária pode estar bastante presente em sala de aula, fazendo com que os conteúdos e conceitos geográficos ganhem mais vida e mais significado. Como destaca Cavalcante (2012, p. 19):

A geografia busca, assim, estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, ao mesmo tempo, às contribuições de outras áreas da ciência e às diferentes especialidades em seu interior; um

olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, ao sentido dado pelas práticas espaciais.

Dando continuidade ao poema, ela destaca as histórias, lugares, pessoas e sertão, dando evidência ao Coronel José Leitão, que deixou marcas negativas uma vez que o poder se concentrava nas mãos apenas de uma família, no município luzense. Ao chamar o Coronel de querido, causou-nos um estranhamento, pois sempre procuramos mostrar que o Coronel não foi um herói como parece, mas que muitas pessoas foram penalizadas pelo poder do mesmo, um poder que se perpetuou em concentração de terra e desigualdade social. Talvez a aluna tenha usado o adjetivo por ter associado a chegada do Coronel ao crescimento urbano da região.

Entre as obras analisadas, a obra de Xavier Marques foi a que mais lhe despertou interesse, pois ela faz um questionamento crítico sobre a questão racial. A aluna também destaca a obra de Guido Guerra que traz como cenário a cidade de Santaluz, da qual muitos(as) migram constantemente para outros lugares. Ao retornarem, as paisagens já são outras. A título de exemplo, poderíamos citar a mudança que aconteceu com a praça, em especial a substituição do calçamento de pedras por pavimentação. Tal transformação recebeu críticas, pois a cidade tem as pedras como uma característica importante do lugar. Como já citamos, alguns espaços da cidade, como monumentos, a igreja e o cemitério são construídos com pedras.

Por fim, “Meireles 1” evidencia as histórias, poesias e imagens. Fala sobre o aprendizado e agradece a oportunidade de dialogar. A jovem mostra-se dedicada, esforçada e desejamos que a mesma realize seus sonhos e que as nossas oficinas tenham contribuído para essa realização. Sigamos com o poema de “Machado de Assis”:

O sertão eu aprendi muito com história,
Saber ainda sobre esse lugar tão bonito,
Cheio de beleza.
Também sobre Santaluz
Seu patrimônio histórico,
Que conta histórias de coronéis.
O encontro que mais gostei foi Chapada Diamantina,
Um dia quem sabe eu não vou lá.
Não sabia da joia, ou Ouro,
Tinha aquele encontro que viaja para outro lugar,
Saber como era como isso professora,
Nós agradecemos por participar,

Foi uma experiência legal.

Ao longo do poema de “Machado”, notamos que o aluno apreendeu e despertou um novo olhar sobre os sertões, lembrando nosso primeiro encontro quando perguntamos qual a visão deles(as) sobre os sertões. “Machado” havia respondido que era “seca, caatinga”. Durante os encontros, percebemos que a visão de sertão como lugar somente de seca e pobreza foi desconstruída.

Em seus versos, “Machado” expõe o quanto aprendeu sobre seu lugar, destacando sua construção histórica, as marcas do coronelismo e o patrimônio histórico que fazem parte da memória do município e da sua identidade.

Viajando, visitando e aprendendo sobre outros lugares, o aluno destaca sobre os conhecimentos da Chapada Diamantina. Para ele, foi o encontro que mais gostou, despertando-lhe interesse em conhecer a região em lócus.

Por fim, o poema de “Collin Hoover”:

"Viagem pela Bahia"

Além de conhecimento adquirido,
Degustamos também as deliciosas belezas
Da nossa linda Bahia.
E histórias do nosso sertão ensolarado.

Passeamos pela nossa cultura que tão pouco conhecíamos.
Mas fomos cada vez mais conhecendo,
E apreciando.
A nossa linda Bahia.

Fora conhecimento e aprendizado,
E além de tudo, belezas
Que mesmo estando na nossa terra
Só agora fora descoberta.

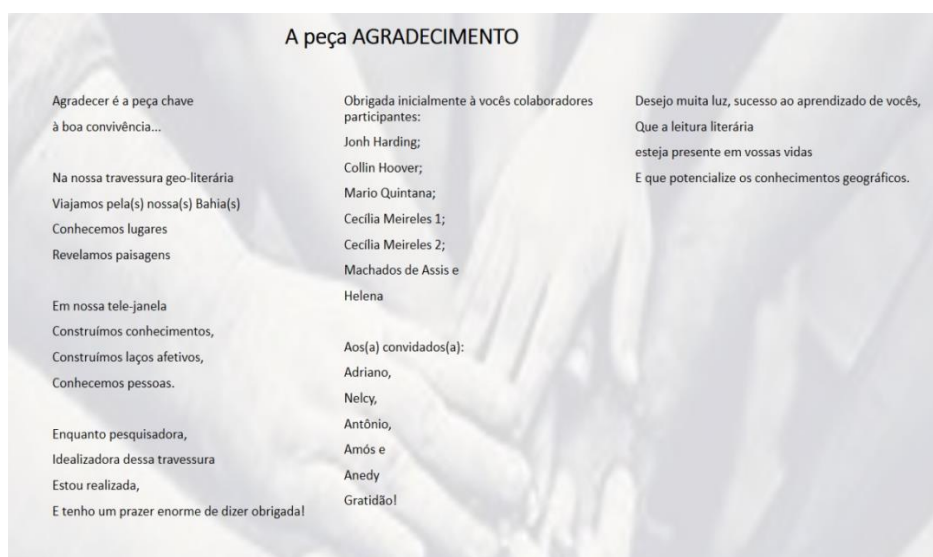
A primeira estrofe do poema de “Hoover” fala sobre o conhecimento adquirido. Nesse sentido, a aluna exalta o amor e a sua identificação com a Bahia e com o sertão. Embora a palavra “ensolarado” faça-nos perceber resquícios dos estereótipos sobre os lugares sertanejos, a mesma pode ter um sentido de afirmação, pertencimento, ou seja, o sol é forte por longos períodos do ano, mas, não significa que não tenha períodos chuvosos. Relembramos do comentário da aluna quando fez seu desenho representando os sertões (“eu fiz uma mistura do sertão, quis mostrar a realidade do sertão, que ele vai além da seca, [...] mostrei o sol e a chuva ao mesmo tempo, para representar o sertão numa ilustração só”).

Nas estrofes seguintes, a autora aborda sobre o pouco conhecimento que tinha da nossa cultura, da nossa terra. Nesse sentido, as oficinas puderam contribuir para que ela conhecesse e apreendesse detalhes de alguns lugares baianos. Um aspecto muito importante, pois, às vezes, os conteúdos estudados em sala de aula voltam-se mais para lugares distantes, escalas globais, por exemplo, e não são correlacionados com a realidade dos(as) educandos(as). Tal fato acarreta falta de interesse e compreensão por parte dos(as) alunos(as). Como salienta Rego e Araújo (2020, p. 45):

Um dos maiores desafios da educação é promover práticas educativas que possibilitem não somente a compreensão da realidade, mas que ressignifiquem professores(as) e alunos(as) dentro de uma cosmovisão na qual eles possam construir de mãos dadas um presente mais humanizado, ou seja, uma educação pela vida.

A pesquisa trouxe para “Hoover” grande aprendizado, contribuições à formação e a minha prática pedagógica. Ela ainda destaca que a intervenção teve uma riqueza muito grande. Desse modo, percebemos que quando nos colocamos como sujeitos, quando unimos nossas forças, nossa prática é ressignificada, a nossa humanidade nos coloca sempre em construção do conhecimento e não detentores(as) do saber.

Como forma de agradecimento pelo acolhimento e pela oportunidade de aprender com eles(as) ao longo dos encontros, escrevi e li para todos(as) um poema. O presente texto revela essa ideia da citação acima que expõe claramente a necessidade de estarmos de mãos dadas, conquistar o(a) outro(a) com palavras, afetos, atitudes, retribuir com o que podemos, pensando em convivências ricas, sólidas e duradouras. Vejamos o poema na figura 17:

Figura17: Poema *A peça agradecimento*

Fonte: Registros da pesquisa, (2021)

Nesse sentido, sublinhamos as ideias de Santana (2020, p.182) sobre o aprendizado geográfico a partir da linguagem literária:

A educação escolar pode ser o contexto inicial, contudo, a abertura para o diálogo com a literatura nos desafia a perceber que o leitor atento, sensível para as ideias retratadas no texto ficcional poderia muito bem desenvolver noções espaciais, sentidos de localização para além da aula de geografia.

Em nossas discussões, diálogos transitaram pelas Bahias, lugares campestres e algumas cidades, por conceitos geográficos, em especial paisagem e lugar, assim como tratamos de temas emergentes como turismo, questões de gênero e raça. Como destaca Cavalcante (2012, p. 32), “esses temas que fazem parte do cotidiano dos alunos são veiculados de modo recorrente pela mídia, o que acaba acarretando o risco de que sejam tratados de modo superficial, com forte viés ideológico e preconceituoso”. Dessa forma, é necessário que tais temas estejam presentes constantemente no espaço escolar, que possibilitem desconstruções, reflexões, olhares críticos que venham a contribuir para uma melhor compreensão da realidade.

4.3.3 As travessias inter/transdisciplinares na Feira Literária

Iniciamos nosso primeiro contato com os(as) professores(as) da escola na Jornada Pedagógica, pela plataforma *Google Meet*, ocorrida no dia onze de março.

Apresentamos a pesquisa interventiva e sugerimos aos(às) professores(as) da área de linguagens e humanas um maior envolvimento com o projeto da Feira Literária, buscando um trabalho inter/transdisciplinar. Destacamos o principal objetivo da pesquisa e a proposta de promover uma Feira Literária inter/transdisciplinaridade no Colégio Estadual José Leitão. Desse modo, falamos sobre a temática para a Feira e as possíveis obras literárias a serem trabalhadas pelos(as) professores(as) e alunos(as).

A partir das falas de algumas professoras e do diálogo no *chat*, seria viável a aplicabilidade. Com o propósito de colaborar, algumas professoras citaram as obras *Torto Arado* (2018), de Itamar Vieira Junior; *Meninos eu conto* (2011), de Antônio Torres; *As marcas da cidade* (2012), de Aleilton Fonseca; *Lili Passeata* e *Auto-retrato* (2003), de Guido Guerra.

No decorrer do ano letivo, diretamente impactados pela Pandemia, encontramos várias dificuldades nas mediações das nossas aulas em nossa escola, como falta de recursos tecnológicos digitais, falta de acesso à *internet* para todos(as), o que refletia em uma ausência de retornos das atividades e desenvolvimento dos(as) educandos. Assim, ficou acordado entre os membros da comissão organizadora da feira que, infelizmente, em 2021, o evento não aconteceria na escola, visto que o novo formato de ensino²⁹ desconstruiria a proposta do projeto.

Diante disso, faremos, aqui, uma breve descrição da Feira Literária do Coró. Trata-se de um projeto do colégio José Leitão, iniciado no ano de 2016, inserido no PPP, tendo como responsáveis os(as) professores(as) da área de linguagens. Os(as) participantes da feira são os(as) alunos(as) das turmas de 2º ano, em média sete a oito turmas por ano. A temática é escolhida na jornada pedagógica, em que cada turma responsável estuda uma obra e/ou escritor(a) durante alguns meses. Posteriormente, os(as) alunos(as) apresentam o resultado dos estudos na Feira Literária, organizadas em *stands*, com recitais e peças teatrais. Na figura 18 é possível percebermos uma *stand* ornamentada com materiais que são símbolos dos sertanejos, a exemplo da sanfona e da Literatura de Cordel. O evento conta com o público tanto da escola, como também da comunidade local. A seguir a imagem,

²⁹ Por causa da pandemia da *covid-19*, os sistemas educacionais se adaptaram a uma nova forma de ensino, chamado ensino remoto, que acontecia *online* de forma assíncrona e síncrona.

Figura 18: Apresentação de *stands*

Fonte: Gordiano, (2018)

Em 2018, o colégio realizou a III Feira Literária, incluindo a Geografia ao projeto, uma vez que é possível absorver compreensões geográficas a partir de obras literárias, num diálogo inter/transdisciplinar. A temática da feira foi *Ser tão linguagens: entre cantos, versos e prosas do nosso sertão*. Com efeito, as obras escolhidas foram: *Morte e vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto; alguns poemas de Patativa do Assaré; *O Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna; *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Além destas obras, as canções de Luís Gonzaga abrilhantaram ainda mais a Feira, potencializando a atmosfera lúdica já existente através do Forró; música tipicamente nordestina.

Antes da realização da Feira Literária, numa perspectiva inter/transdisciplinar, professores(as) de Literatura e Geografia realizaram leituras, debates e produções textuais a partir das obras literárias supracitadas, dedicando-se sobretudo a pensar sobre o conceito de lugar, suas características e expressões identitárias, os hábitos e costumes dos(as) sertanejos(as). Nesse contexto, partimos dos textos literários e de conceitos da Geografia Cultural com o intuito de refletirmos de maneira crítica acerca da diversidade e singularidade dos sertões, procurando desconstruir, como recorrentemente é visibilizado nos livros didáticos, o estereótipo do sertão como lugar da fome, da seca e da ignorância.

Logo abaixo, a figura 19 expõe uma das apresentações dessa III Feira Literária. É possível visualizar um pouco do cenário montado no auditório do Colégio José Leitão para as apresentações artísticas. A ornamentação do evento foi composta por

xilogravuras, cortinas de chita, uma simulação de casa de taipa, objetos específicos da região, como a cabaça, toalhas de fuxico e renda, ferramentas e roupas típicas dos trabalhadores(as) do campo e de suas festas sagradas e profanas. É possível perceber a encenação feita por alunos(as) da obra *Morte e Vida Severina*. A partir desse longo poema de João Cabral de Melo Neto, foi possível refletir criticamente com os(as) aluno(as) acerca da vida nos sertões brasileiros, nos quais ainda há muitas vidas severinas. Assim, muitos(as) sertanejos(as), como o personagem Severino, continuam a migrar em busca de melhores condições de vida, sobretudo para o sul e sudeste do país. Nesse contexto, ressaltamos em sala de aula que o movimento migratório ainda se dá, em especial, por falta de políticas públicas voltadas para a erradicação da pobreza, para a convivência com a seca e investimento financeiro e tecnológico voltado à produção da agricultura familiar. Como é possível observar na imagem,

Figura 19: Apresentação da obra *Morte e Vida Severina*



Fonte: Gordiano, (2018)

Criamos uma página no *Instagram Feira Literária do Coró*, com o objetivo de divulgar e socializar as suas produções, bem como para incentivar outros(as) jovens à leitura e à criação literária e lhes oportunizar uma formação mais crítica.

4.3.4 O Coró geo-ação: site para além dos muros da escola

A princípio pensamos para o nosso produto um site e, no decorrer da pesquisa, em diálogo com os(as) estudantes, refletimos e achamos melhor a ideia de criarmos

uma página no *Instagram*, haja vista que esta rede é a mais usada atualmente, em destaque pelo público jovem. Assim, acreditamos que a mesma pode ajudar-nos a divulgar a Feira Literária, socializar seus resultados, contribuindo para o aprendizado dos(as) alunos(as) e professores(as), além de estreitar a relação com a comunidade externa, indo para além do muro da escola.

A página *Feira Literária do Coró* foi criada durante as últimas oficinas do projeto de intervenção. Estamos seguindo algumas pessoas, e temos alguns seguidores. Mesmo após a conclusão do mestrado, a página será mantida e potencializada ao longo das nossas atividades em parceria com a escola.

Pelo fato de acreditar na arte literária, tento deixar palavras que demonstrem afeto, carinho, que falem com emoção, que soem com ares poéticos. Assim, para homenagear a escola neste ano de 2021 pelos seus sessenta e cinco anos, escrevi esse poema:

Coró, meu lugar

Para falar de lugar
A geografia deve nos lembrar
Vivência, aconchego, significado, pertencimento
O Coró enquanto espaço escolar podemos assim pensar,
65 anos de histórias,
Temos muito que comemorar, professores(as), alunos(as),
porteiros(as), merendeiras, diretores e vices, coordenadoras e tantos
outros,
Nos faz pensar em laços construídos
Amigos(as) encontrados
Aprendizagens compartilhados
Assim, nesse sentimento de pertencimento
Que muitos(as), assim como eu, chamam
O Coró de meu lugar!

O poema aproxima-se do que escrevi no ano de 2020, o que está na epígrafe deste capítulo, quando destaquei o sentimento de pertencimento pela escola, corroborando com o conceito geográfico de lugar, que foi muito usado na pesquisa. No entanto, vou mais além, pois no primeiro ressaltar minhas vivências, meus anseios, minha chegada na escola. Já no último, traz o valor de pertencimento pelo lugar, tanto de forma individual, como também abrange outros(as) que também têm o mesmo sentimento pelo colégio, ressaltando que no espaço escolar é possível construir laços, encontrar amizades, compartilhar aprendizado, enfim, são marcas para toda a vida.

E é com esse sentimento de afeto e agradecimento que concluímos o presente texto, mas não finda a pesquisa, pois caminhos ainda teremos a percorrer, outras

Feiras Literárias virão, outras travessuras geo-literárias acontecerão e o aprendizado continuará acontecendo.

Assim, acreditamos que o ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana trouxe doçura e leveza ao processo de formação dos educandos. Por certo, as obras dos autores baianos utilizadas nesta pesquisa trazem uma exposição de campo e cidade que contribuem de forma significativa para que os(as) alunos(as) continuem a saborear os saberes geográficos.

À GUIA DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Aqui, gostaríamos de deixar nossas impressões, a partir das marcas e dos significados que a pesquisa nos trouxe. Com uma doce sensação de uma etapa cumprida, a qual o aprendizado foi a peça-chave tanto para mim, como para os sujeitos participantes. Não consideramos conclusão, pois a temática nos impulsiona, nos desafia a caminhos futuros, mas é possível tecer considerações para findarmos este ciclo.

O tema sobre o diálogo da Geografia com a Literatura é de muita relevância para entendermos o espaço geográfico de forma mais leve, saboreando a arte literária. Utilizar dessa relação com o intuito de potencializar o ensino geográfico, agrega valor e mais conhecimento ao aprendizado do(a) estudante. Embora já tenha um bom número de pesquisas sobre a temática, há sempre um novo olhar, obras distintas possíveis de serem analisadas.

A Literatura Baiana foi escolhida com o intuito de que os(as) alunos(as) conhecessem mais sobre seu estado, seu município, a relação com o sertão, com seu lugar. Permitindo uma viagem diversificada pelas Bahias. Desse modo, buscamos apresentar para os sujeitos colaboradores obras repletas de informações e conhecimentos, porém ainda pouco estudadas e exploradas no ambiente escolar.

Campo e cidade é uma temática muito pertinente à análise geográfica. Embora ambos tenham sido vistos e considerados como visões dicotômicas, opostas, é preciso entender de que forma se inter cruzam, atraem-se e se comunicam, numa inter-relação criativa e pedagógica. Nessa perspectiva, campo e cidade estão muito presentes nas narrativas literárias, pois os personagens precisam habitar, quer seja no campo, ou na cidade. Assim, procuramos realizar uma análise da presença desses espaços e de que maneira ambos são ressignificados por meio do texto literário.

Os conceitos de lugar e paisagem foram também analisados nas narrativas e dialogados com os(as) estudantes. Observamos ao longo da nossa intervenção que os(as) personagens das obras estudadas têm uma forte relação com seus lugares, estabelecendo um vínculo afetivo e identitário fruto das experiências vivenciadas por cada um(a). Quanto à paisagem, notamos como que ao longo das histórias elas vão sendo forjadas pelo narrador. Ou seja, os lugares e as paisagens no interior dos romances estudados representam os territórios baianos. Mesmo quando seus nomes

são fictícios, podemos identificar por meio da linguagem literária uma Bahia plural que se desdobra em diversas outras Bahias.

O Colégio Estadual José Leitão foi o lócus que escolhemos, onde faço parte da equipe docente, e nele conheci seu projeto da Feira Literária, o qual percebi que a ciência geográfica poderia dar contribuições, a fim de agregar mais valor e enriquecer a Feira. Propomos que a mesma fizesse uma relação com a disciplina geográfica. Infelizmente, diante do contexto pandêmico, não foi possível a realização do evento nos anos 2020 e 2021. Como já retornamos às aulas presenciais, esperamos que neste ano de 2022 esteja tudo em ordem para assim, podermos contribuir com o projeto da Feira Literária. Como não sou professora efetiva da escola só poderei acompanhá-lo enquanto estiver nela. Será que depois os(as) professore(as) seguirão com a proposta?

Temos como produto da pesquisa uma página no *Instagram* da Feira Literária intitulada *Feira Literária do Coró*, construída juntamente com os(as) estudantes participantes das oficinas em parceria com a escola. Nela, divulgaremos a Feira Literária após sua realização e mostraremos os resultados para a comunidade escolar e luzense. A página já está disponível para todas as pessoas que tiverem oportunidade e desejarem acessá-la. Essa rede social permanecerá vinculada à escola, para as outras edições da Feira Literária, com o propósito de divulgar e socializar as produções, ampliar a oportunidade de acesso aos conhecimentos, informações, incentivo a outros(as) jovens à leitura e à criação literária, bem como lhes oportunizar uma formação crítica.

Como não aconteceu a Feira Literária, a nossa intervenção foi apenas com questionários, entrevistas e oficinas, estas que foram intituladas *O Coró na tele-janela geo-literária: des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia*. Com efeito, as mesmas ocorreram pela plataforma *Google Meet* com a participação de sete estudantes. Assim, foram realizados com esses sujeitos colaboradores dez encontros, todos pautados em um exercício permanente de escutas e diálogo, buscando refletir de forma contextualizada sobre a realidade dos(as) educandos(as), com o propósito de construirmos uma teia de saberes, experiências e aprendizagens. É importante ressaltar que tivemos a participação de professores(as), garimpeiros, moradores locais, poetas, pessoas estas que deram uma contribuição muito valiosa no decorrer das nossas atividades de intervenção.

Durante os encontros, realizamos, por meio das obras literárias estudadas, viagens imaginárias pelas diversas Bahias. Inicialmente, falamos sobre os sertões, suas riquezas, seus valores identitários, suas contradições. Realizamos um olhar mais aguçado sobre o lugar luzense, chão sertanejo. Fomos um pouco mais distantes: adentramos na Chapada Diamantina, no Recôncavo Baiano, dando ênfase às histórias de muita luta e resistência e, por último, no litoral, destacamos sobretudo sua importância para os fluxos econômicos baianos.

Nossos(as) colaboradores(as) interagiram e realizaram as propostas de atividades nas quais percebemos que nossos objetivos foram alcançados, pois estreitamos os diálogos entre a Geografia e a Literatura, potencializando o ensino/aprendizagem da ciência geográfica, além de oportunizarmos o desenvolvimento da competência leitora e da formação crítica dos sujeitos envolvidos com a pesquisa. Nesse contexto, conseguimos construir importantes (des)leituras dos paradigmas de Bahias pré-estabelecidos no imaginário dos(as) estudantes, bem como pensarmos acerca da construção dos processos identitários, sociais, políticos e econômicos das populações baianas.

Em suma, a partir da presente pesquisa, foi possível ressignificar a aprendizagem geográfica dos(as) alunos(as) pautada em relevantes discussões sobre espaços do campo e cidade das Bahias, representados em obras literárias Baianas ainda desconhecidas do grande público.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma Geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lucia Helena Batista (org.) **Geografia e Literatura**. Ensaio sobre geograficidade, poeta e imaginação. Londrina. EDUEL. 2010.

ALVES, Priscila Viana; SILVA, Marcelo Werner da. Geográficas na poesia de Mário Quintana. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Imaginário, espaço e cultura**: Geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico]- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 15.ed. Campinas/SP: Papirus, 2008.

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In: / HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES Cláudia Luisa Zeferino (organizadores). **Maneiras de ler**: Geografia e cultura [recurso eletrônico] – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

ARANHA, Lorena; DAMIANI, Hadassa Pimentel; FILHO, Antonio Carlos Queiroz; OLIVEIRA, Fabianne Torres. A imaginação rasurada arte, linguagem e deriva no pensamento da Geografia Contemporânea. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico]- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

ARAÚJO, Heloísa Araújo de. SILVA, Maria Auxiliadora da. A arte de ver a arte na Geografia. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico]- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

ARAÚJO, Heloísa Araújo de. Geografia e Literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho In: SILVA Maria Auxiliadora da; SILVA Harlan Rodrigo Ferreira da (org.) **Geografia, Literatura e Arte**: reflexões. – Salvador: EDUFBA, 2010.

ARAÚJO, Heloísa Araújo de. **Geografia e Literatura**: Um elo entre o presente e o passado no Pelourinho. Dissertação (mestrado) da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século XX. Editora Via Litterarum, Itabuna/Ilhéus, 2008.

ARAUJO, Poliana Silva; REGO, Eysen, Adriano. A Literatura como encantaria da linguagem: Leitores(as) em rede In: Rego, Adriano Eysen (org.). Literatura e Educação: nas tramas da trans(in)disciplinaridade / Organizador: Adriano Eysen Rego. – 1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

ARAUJO, Poliana Silva; REGO, Eysen, Adriano. A Literatura e os multiletramentos: desafios e possibilidades através das hipermídias. In: EYSEN, Adriano (organizador) **Tecendo manhãs: educação, saberes e experiências no território do Sisal: volume II** /– Itabuna, BA: Mondrongo, 2020.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Marc Augé, tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas, SP: Papirus 1994.

BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. Veredas metodológica: A “palavra” geográfica em Guimarães Rosa. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Imaginário, espaço e cultura**: Geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico]- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

BORGES, Júlio César Pereira; SILVA Wellington Ribeiro da. Literatura e Geografia na análise da fazenda – roça goiana. In: SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo Batista da; STEFANI, Eduardo Baider (org.) **Espaço, sujeito e existência**: Diálogos espaço geográfico das artes. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: Introdução à toponálise. XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo. 2008. Disponível em: < https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf >. Acesso em: 01 abr. 2020.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. **O céu e o inferno**: garimpando representações identitárias no romance das Lavras Diamantinas de Adriana Silva Teles Boudoux. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural – PPGLDC da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS. Feira de Santana. 2008.

BRAGA, Maria Helena; COSTA, Vaz da. A construção poética do espaço geográfico e o contexto fílmico. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Org. **Imaginário, espaço e cultura**: Geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

BRASIL, Assis. **A poesia baiana do Século XX**. BRASIL, Assis, (org.) - Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador Ba: Fundação do estado da Bahia, 1999. 296 p.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. 150 p.

BROSSEAU, Marc. O romance: outro sujeito para a Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. 150 p.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito a literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: duas cidades 1988.

CARNEY, George O. Música e lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. 150 p.

CARVALHO, Thiago Rodrigues; GOETTERT, Jones Dari. Ensaio para refletir as poéticas geográficas na obra de Manoel de Barros. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Org. **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Geografias míticas em diferentes contextos socioculturais. In: PORTUGAL, Jussara Fraga, (org.) **Geografias literárias**: escritos, diálogos e narrativas /. – Salvador: EDUFBA, 2020.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. O Corta-braço: uma análise geográfica de uma obra literária. In: PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (orgs.). **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: Diálogos entre a geografia e a literatura [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Geografia cultural nos espaços educacionais**: uma abordagem reflexiva e propositiva. Textura, Cruz das Almas-BA, ano 2, n.º 1, p. 29-42, Jan./Jul., 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/5335/4404>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. As especificidades culturais da Bahia expressas na Literatura e na musicalidade e a questão da baianidade - um olhar geográfico. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, literatura e arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016a. 466p.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Os sertanejos e o sertão vistos na/ da capital da Bahia e diferentes leituras/vivências da cidade de Salvador em duas obras de Jorge Amado. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA; Harlan Rodrigo Ferreira da. (org.) **Geografia, literatura e arte**: reflexões. – Salvador: EDUFBA, 2010

CASTRO, Jânio Roque Barros de. A Geografia Cultural nos espaços educacionais: uma abordagem propositiva. In: CHAIGAR, Vânia Alves Martins; PORTUGAL Jussara Fraga (org.) **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. – 1. Ed.- Curitiba, PR: CRV, 2012.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar morto”, de Jorge Amado**. Revista Geograficidade | v.5, n.2, Inverno, 2015.

CASTRO, Júlia Fonseca de Geografia e literatura: da aproximação ao diálogo. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, literatura e arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016b. 466p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Estudar e ensinar as cidades latino-americanas**: um desafio para o professor de geografia. Ciência Geográfica - Bauru - XXIV - Vol. XXIV - (1): Janeiro/Dezembro - 2020. Disponível em:

https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-03.pdf Acesso em: 08 jan. 2021

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e cenários urbanos cotidianos**: laboratórios para o desenvolvimento do pensamento geográfico. Artigo. 2019. Disponível em: <http://revistascientificas2.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/6916>> Acesso em: 08 jan. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. - 3º ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Aprender sobre a cidade**: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820130.pdf>> Acesso em: 08 jan. 2021.

CAYMMI, Dorival. **Você Já Foi à Bahia?** 1941. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/45590/> > Acesso em: 25. 01.2021.

CENE, Vonei Ricardo; FERRAZ, Maíra Kahl Ferraz. Geografia e arte: Um debate epistemológico sobre suas relações. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, literatura e arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Salvador. Secretaria de Cultura/ Fundação Pedro Calmon, 2009.

CLAVAL, Paul. As abordagens culturais da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.) **Explorações geográficas**: percurso no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. 2º edição. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Temas e caminhos da Geografia Cultural: Uma breve reflexão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) **Introdução à Geografia Cultural**. – 2º Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny, Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny

(org.) **Introdução à Geografia Cultural**. – 2º Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. 2009. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical**: Problemas da teoria. Traduzido por Olívia B. Lima da Silva de “Towards a Radical Cultural Geography of Theory” Publicado em Antípode – a Radical Journal of Geography, Worcester, 15 (1). 1983, pp 1-11. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6313/4506>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

DIAS; Juliana Maddalena Trifilio. A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares. In: PORTUGAL, Jussara Fraga, (org.) **Geografias literárias**: escritos, diálogos e narrativas /. – Salvador: EDUFBA, 2020.

FISCHER, Ernst A função da arte. In: ____ **a necessidade da arte**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 2002.

FILHO, Adonias. **Luanda Beira Bahia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1971.

FRANCISCO JR, Wilmo Ernesto; OLIVEIRA, Ana Carolina Garcia de. **Oficinas Pedagógicas**: Uma Proposta para a Reflexão e a Formação de Professores. Quím. Nova esc. – São Paulo-SP, BR. Vol. 37, N° 2, p. 125-133, Maio, 2015. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc37_2/09-RSA-50-13.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

GALLO, Priscila Marchiori Dal. Geográfico na linguagem? Reflexões sobre uma Geografia Imanente. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, Literatura e Arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES JR, Gervásio Hermínio. Geografia e Literatura: Ensaio sobre o lugar em Patativa do Assaré In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da Silva. **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] -- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro. Zahar, 2020.

GUERRA, Guido. **As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias**. 4º edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

HENRIQUE Wendel. Do rural ao urbano: dos arquétipos à especialização em cidades pequenas. In: DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Jânio (org). **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos/** - Salvador: SEI, 2012.

IBIAPINA, Lopes de Melo. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão in: IBIAPINA, Lopes de Melo; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAÚJO, Francisco Antonio Machado (org.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes.** Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/LIVRO%20PESQUISAS%20COLABORATIVA_E-BOOK.pdf. Acesso em: 10/06/2018.

JESUS, Janicleide Brandão de; LÉDA, Renato Leone M. Paisagem, Lugar e Literatura: entre o cacau e os diamantes. In: PORTUGAL, Jussara Fraga, (org.) **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas /**. – Salvador: EDUFBA, 2020.

JESUS, Rosane Meire Vieira de; OLIVEIRA, Ires Verena de. Grupo de experiência e arte: narrativas de educação escolar e quilombola. In: MACEDO, Elizabeth; TOMÉ Claudia **Currículo e diferença: afetações em movimento.** EDITORA CRV. Curitiba. 2018.

LEITE, Ciro Carvalho. **Grito da Terra.** Editora Lux LTDA. Rio de Janeiro. 1964.

LEOPOLDINO, Anna Paula Carvalho de Couto. **Romances de Vida-seca: Diálogos entre Geografia e Literatura nos lugares “das Alagoas”.** Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2017.

LIMA, Kleber C. EGEORN 2020 - **Mesa 7: Geomorfologia do Semiárido.** Youtube. Disponível em: < <https://youtu.be/IFZz-SzN140>> Acesso em: 26.11. 2020.

MARANDOLA JR, Eduardo. OLIVEIRA Lívia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura.** Geografia, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (org.) **Geografia, Literatura e Arte: Reflexões.** – Salvador: EDUFBA, 2010.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma Geografia do conhecimento*** Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p7-26, jan./jun. 2010.

MARINHO, Samarone Carvalho. Geografia e Literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, Literatura e Arte: Epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão**. Terra Livre, São Paulo, Ano 18, n. 19, p. 95-112 jul./dez. 2002. Disponível em < <http://portal.mda.gov.br/o/3467997>>. Acesso em: 13 ago. 2020

MARQUES, Xavier. **As Voltas da Estrada**. 2º ed. São Paulo. 1982.

MATTOS, Ciro de. **O conto em vinte e cinco baianos**. MATTOS, Ciro de, (org.) Ilhéus: Editus, 2000. 262 p.

MEIRELES, Mariana Martins de. PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre textos, imagens e canções: a “Cidade da Bahia” e suas geografias. In: CHAIGAR, Vânia Alves Martins; Portugal, Jussara Fraga Portugal, (org.) **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1. Ed.- Curitiba, PR: CRV, 2012.

MENDES, Estevane de Paula Pontes; SILVA, Juniele Martins. Abordagem qualitativa e Geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, Gláucio José (org.) **Pesquisa qualitativas em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MILKESELL, Marvin W; PHILIP, L. Wagner. Os temas da Geografia Cultural. In CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) **Introdução à Geografia Cultural**. – 2º Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDE, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz; (org.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, Thalita Xavier Garrido. **O poeta, a cidade e o desassossego: Percepção espacial e paisagem na prosa poética de Fernando Pessoa**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo Perspectiva, 1978.

NETO, José Elias Pinheiro; SILVA, Wellington Ribeiro Da. O homem/rio e o rio/homem na tríade da água de João Cabral de Melo Neto. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Org. **Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias** [livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDE, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz; (org.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; PETARNELLA, Leandro; SOARES, Maria Lucia de Amorim. Geografia e literatura: entre a cidade e a cidade ilhada. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Org. **Imaginário, espaço e cultura:**

geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

NUNES, Jacy Bandeira Almeida Nunes; SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos; SILVA Ana Lúcia Gomes da. **A pesquisa nos mestrados profissionais em educação**: Desafios éticos e científicos. Revista Interação, 2019.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Uma Odisseia no espaço: A Geografia na Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. **As memórias da abolição e a constituição de uma raça brasileira em As Voltas da Estrada**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312343231_ARQUIVO_AsmemoriasdaabolicaoconstituicaodeumaracaabrasileiraemAsvoltasdaestrada.pdf> Acesso em: 12. fev. 2021.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. **Um confronto literário**: abolição e cidadania negra na ficção baiana da Primeira República Marcelo Souza Oliveira Revista Crítica Histórica Ano I, Nº 1, Junho/2010. Disponível em: <<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/57/Um%20confronto%20literario.pdf>> Acesso em: 12. fev. 2021.

OLIVEIRA, Natallye Lopes Santos. **Ensaio de uma experiência ontológica na Geografia de Jorge Amado**. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 194 f

OLIVEIRA, Simone Santos de; PASSOS, Miriam Barreto de Almeida. Memórias, histórias e geografias: os lugares e tempos versados na literatura. In: PORTUGAL, Jussara Fraga, (org.) **Geografias literárias**: escritos, diálogos e narrativas /. – Salvador : EDUFBA, 2020.

PIMENTEL, Nábila Raiana Magno. **Mares de Africanidade Elementos de Africanidade na obra “Luanda Beira Bahia” (1971) de Adonias Filho**. Dissertação (mestrado) - Mestrado em História e Estudos Culturais, Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho – RO. 2015.

PINHEIRO, Robinson Santos. A identidade em os sertões. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, Literatura e Arte**: Epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da. A cidade e seus símbolos. In: PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (orgs.). **Visões**

imaginárias da cidade da Bahia: Diálogos entre a geografia e a literatura [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p.

PINHEIRO, Robinson Santos. **O espaço literário:** Apontamentos para o diálogo entre Geografia e Literatura. Revista Geografares, nº14, p.72-83, Junho, 2013.

PORTUGAL, Jussara Fraga. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e autobiografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga, (org.) **Geografias literárias:** escritos, diálogos e narrativas /. – Salvador: EDUFBA, 2020.

QUEIROZ, Washington. Ofício de Vaqueiro, patrimônio cultural da Bahia: breve histórico. In: FREIRE, Alberto (Org.) **Culturas dos sertões.** Salvador: EDUFBA, 2014. 256 p.

REGO, Adriano Eysen **Leitura e literatura:** forças humanizadoras. Revista Contra Ponto, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2013.

REIS, Ricardo Pacheco. **Cotidiano, memória e experiência urbana na poesia de Maria da Conceição Paranhos.** Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural – PPGLDC da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS. Feira de Santana. 2012.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. **O Cinema de Olney São Paulo:** Grito da terra e o cinema nacional. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural – PPGLDC da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS. Feira de Santana. 2013.

RUA, João **Ressignificação do rural e as relações cidade-campo:** uma contribuição geográfica. Revista da ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), Fortaleza, n. 2, p. 45-66, 2005. Disponível em:<<https://www.researchgate.net/publication/266048638>> Acesso em: 13 ago. 2020.

SALES, Herberto. **Cascalho.** Rio de Janeiro. 3º Edição LBL. 1944.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. Por uma educação geoliterária: o mundo como livro, o texto como viagem. In: PORTUGAL, Jussara Fraga, (org.) **Geografias literárias:** escritos, diálogos e narrativas /. – Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araujo da. **Sisal na Bahia – Brasil.** Mercator, Fortaleza, v. 16, e16029, 2017. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e16029>>Acesso em: 12. fev. 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado:** Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6º. Ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAUER, Carl Ortwin. **Geografia Cultural.** Original em “Cultural Geography”. Encyclopedia of the Social Sciences, volume VI, New York, Mac Millan, 1931.Tradução Susana Mara Miranda.

SEEMANN, Jörn. **Geografia, geograficidade e a poética do espaço**: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). 2007. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/329564/patativa_atelie_geografico.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2016.

SILVA, Josué Domingues Nunes. Velhos começos: correspondências entre geografia e literatura mítica hebraica e babilônica no antigo oriente médio. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Org. **Imaginário, espaço e cultura**: Geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SILVA, Maria Sônia Mattos da. **A relevância das linguagens artísticas vivenciadas pelos/as alunos/as do Colégio Estadual José Leitão e as implicações para o processo de ensino e aprendizagem**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XIV. 2019. 156f.

SOLDA, Daniel José Lima. A especificidade do espaço no romance clareceano A cidade sitiada. In: SILVA Maria Auxiliadora da; SILVA Harlan Rodrigo Ferreira da (org.) **Geografia, literatura e arte**: reflexões. – Salvador: EDUFBA, 2010.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia, Literatura e música o simbolismo artístico no geográfico. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, Literatura e Arte**: Epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

SPOSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades** 5º Ed.- São Paulo: contexto, 2004.

SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da Silva. **Imaginário, espaço e cultura**: Geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] Júlio César Suzuki e Valéria Cristina Pereira da Silva, Organizadores. -- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

TODOROV, Tzvetan. 1939. **A Literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro. DIFEL, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p. Disponível em: < <https://ciajgarcia.files.wordpress.com/2011/12/espac3a7o-e-lugar1.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

UEHBE, Lais Nascimento. **Geografia, Literatura e cidade**: Uma análise geográfica dos romances urbanos de Jorge Amado. Dissertação (mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. São Paulo 2018, 162p.
VASCONCELOS, Thaísa Cristofoleti de. **Literatura e políticas literárias**: Uma leitura crítica do Plano Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) Dissertação (Mestrado)

apresentada ao Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA), Salvador, 2019. 145 f.

VELOSO, Caetano. **Marinheiro só**. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/43878/> > Acesso em: 03. Mar. 2022.

WILLIAMS, Raymond **O campo e a cidade**: na história e na literatura / Raymond Williams; tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AGÊNCIA BRASIL. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> >. Acesso em: 08 jan. 2019.

IBGE. 2019. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/> -> Acesso em: 09. 01.2021.

IBGE. 2021. Disponível em: < https://r.search.yahoo.com/_ylt=A2KLfRnnRONgN6QAtj3z6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1625535847/RO=10/RU=https%3a%2f%2fcidades.ibge.gov.br%2fbrasil%2fba%2fsantaluz/RK=2/RS=UjThYpsbH48p.dXWZgdDTPJc1Y0-> Acesso 03.01.22.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS(AS) ALUNOS(AS)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO – CONCEIÇÃO DE COITÉ - DEDC XIV PROGRAMA DE PÓS -
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

NOME: _____
SÉRIE: _____ TURMA: _____ IDADE: _____ ENDEREÇO: _____
TELEFONE: (____) _____

1° Você gosta de ler?

Sim

Não

2° O que mais você ler?

Revistas

Livros didáticos

Livros literários

Textos em redes digitais

Jornais

3° Qual a importância dos textos literários para você?

Muito importante

Regular

Pouco importante

4° Qual livro ou texto literário você mais gostou?

5° Na sua escolarização os(as) professores(as) utilizaram textos ou obras literárias?

Sim

Não

6° Na sua escolarização os(as) professores(as) utilizaram textos ou obras literárias na disciplina de Geografia?

Sim

Não

7° Como foi o estudo literário correlacionando com a Geografia?

Ótimo

Bom

Regular

Ruim

8° Gostaria de participar de um trabalho inter/transdisciplinar com a Literatura e a Geografia?

Sim

Não

9° O que espera deste trabalho?

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS/AS
ESTUDANTES**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO – CONCEIÇÃO DE COITÉ - DEDC XIV MESTRADO EM EDUCAÇÃO
E DIVERSIDADE – MPED**

ENTREVISTA

Nome

Nome fictício

Idade

1° Fale um pouco do lugar em que nasceu. Você ainda vive nele? Já morou em um outro lugar?

2° Descreva um pouco sobre a sua identidade.

3° Você gosta das disciplinas Geografia e Literatura? Há uma preferência entre uma ou outra? Comente um pouco sobre a sua relação com ambas.

4° Alguém te incentivou a ler? Quais os livros de Literatura que você já leu? Eles trouxeram alguma contribuição para sua vida?

5° Você acha que se pode aprender geografia a partir de textos literários? De que forma?

6° As obras literárias que você leu possibilitaram-lhe conhecer outras cidades, paisagens, povos e culturas?

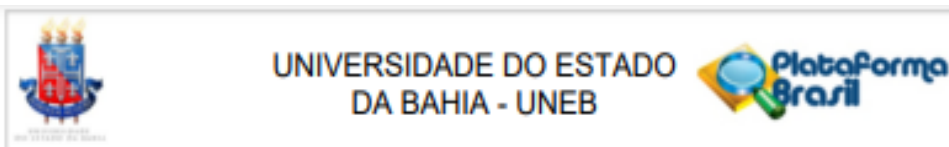
7° Você conhece obras da Literatura Baiana? Quais são esses livros e seus autores(as)?

8° Você sente falta de uma boa biblioteca na escola em que estuda? Como gostaria que ela fosse?

9°Você gosta da companhia dos livros? Quantas obras literárias você lê durante o ano?

ANEXOS

ANEXO A: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DA GEOGRAFIA POTENCIALIZADO PELA LITERATURA BAIANA: (DES)LEITURAS E APRENDIZAGENS SOBRE IMAGENS DE CAMPO E CIDADE DA BAHIA NO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ LEITÃO, EM SANTALUZ-BA

Pesquisador: Maria Aparecida de Oliveira Gordiano

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 44761221.6.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.715.846

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo que visa o diálogo entre Geografia e Literatura baiana na tentativa de promover a aprendizagem de estudantes do Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz – BA. Deste modo, pretende-se tecer discussões sobre espaços do campo e cidade da Bahia, a partir de imagens de obras literárias Baianas, para potencializar a aprendizagem em Geografia.

Este estudo de natureza qualitativa utilizará como instrumentos de pesquisa: questionário, entrevistas, observações participantes e produções de narrativas dos(as) alunos(as) colaboradores(as) da pesquisa. Estes dados serão obtidos a partir de oficinas educativas e Feira literária que acontecerão virtualmente, conforme apresentado no projeto detalhado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Discutir sobre o ensino da Geografia em diálogo com a Literatura Baiana numa perspectiva de (des)leituras e novas aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia, no Colégio Estadual José Leitão.

Objetivo Secundário:

Dialogar a relação da ciência geográfica com a arte literária; (ii) compreender aspectos, características da Geografia da Bahia; (iii) identificar imagens do campo e cidade representadas em obras literárias baianas; (iv) revelar (des) leituras de paisagens e lugares; (v) motivar (des)leituras

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.715.846

como possibilidades de novas aprendizagens geográficas aos educandos(as) do Colégio Estadual José Leitão; (vi) propor uma inter/transdisciplinaridade ao projeto da Feira Literária do Colégio Estadual José Leitão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O texto evidencia os seguintes riscos: "É importante ressaltamos sobre os riscos que se evidenciam na pesquisa, inicialmente os(as) alunos(as) podem se sentir envergonhado(a), tímido(a) nos diálogos, na entrevista. Assim como, riscos relacionados ao ensino remoto como de estresse, ansiedade, dificuldades no manuseio das ferramentas, entre outros. Entretanto, a pesquisadora garante que a qualquer momento os participantes poderão desistir da pesquisa e que a "participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela". Ademais, há garantia de que a identidade será tratada com sigilo e, portanto, o participante não será identificado, conforme determina o ECA.

Benefícios:

Segundo a normativa o benefício de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente, propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade. Neste sentido, a pesquisa é importante para potencializar uma educação significativa de conceitos geográficos, bem como um olhar crítico para imagens de obras literárias baianas. Além disso, favorece a reflexão sobre o campo e a cidade da Bahia.

Comentário: No contexto pandêmico considero impeditivo a promoção de espaços que aglomerem estudantes para o estudo de quaisquer natureza e a pesquisa está desenhada para ocorrer de forma remota. Contudo, destaca no projeto detalhado: "A presente pesquisa parte de um programa de mestrado profissional, o qual tem como uma de suas propostas a intervenção em um espaço escolar. Acredita-se que intervenção na execução de projeto é de suma importância para que o mesmo agregue valores, significados". Entretanto, a pesquisadora ressalta que: "O espaço escolar pesquisado, acontecerá de forma virtualmente, haja vista, o contexto da pandemia do Corona vírus, ou seja, nos espaços virtuais os(as) estudantes não serão aglomerados, para não acontecer nenhum risco a saúde física desses sujeitos, assim a pesquisa é desenhada para ocorrer de forma remota". Assim, sugiro que os envolvidos estejam preocupados com a formação dos estudantes, agregando valores e significados, mesmo que de forma remota.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.715.846

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Além disso, sempre na perspectiva de orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é importante para o ensino de geografia e o desenvolvimento de um olhar crítico para as imagens de campo e cidade da Bahia, através do estudo de obras literárias baianas.

Critério de inclusão: em conformidade com o percurso metodológico definido.

Crítérios de exclusão: em conformidade com a metodologia adotada.

Comentário: a questão da menoridade de alguns estudantes não foi considerada como critério de inclusão/exclusão. Todavia, participarão da pesquisa apenas aqueles menores que tiverem também o termo de assentimento assinado.

O orçamento: em conformidade.

O cronograma: o apresentado no projeto detalhado está em conformidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso da pesquisadora responsável: Em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade.
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em consonância;
- 4 – A autorização das instituições coparticipantes: em conformidade;
- 5 – Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – Modelo do TCLE: em conformidade.
- 7 – Modelo do Assentimento: em conformidade.
- 8 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Apresentado dentro da eticidade;
- 9 – Termo de concessão: dispensado.
- 10 – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: não se aplica.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.715.846

responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1712240.pdf	24/04/2021 14:33:36		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	24/04/2021 14:33:02	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcclereponsavelmenor.pdf	22/03/2021 09:24:25	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodeassentimentodomenor.pdf	18/03/2021 15:33:24	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodeconsentimentodois.pdf	18/03/2021 15:30:27	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodecompromissodopesquisador.doc	18/03/2021 15:26:30	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodeconcessao.pdf	18/03/2021 15:25:45	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodeautorizacao institucional do participante.pdf	18/03/2021 15:24:08	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodeautorizacao institucional da proponente.pdf	18/03/2021 15:23:13	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

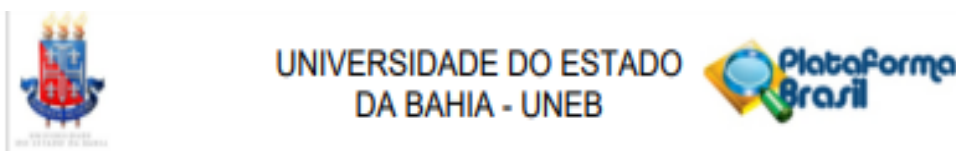
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cep@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.715.846

Outros	termodeconfidencialidade.pdf	18/03/2021 15:21:29	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Outros	termodeconsentimento.pdf	18/03/2021 15:15:49	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentodomenor.docx	18/03/2021 15:04:20	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Declaração de concordância	declaracaodeconcordancia.pdf	18/03/2021 15:03:57	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	18/03/2021 15:02:04	Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 17 de Maio de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br

ANEXO B: Termo de Assentimento do menor



Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber como Discutir sobre o ensino da Geografia em diálogo com a Literatura Baiana numa perspectiva de (des)leituras e novas aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz-Ba, Dialogar a relação da ciência geográfica com a arte literária; Compreender aspectos, características da Geografia da Bahia; Identificar imagens do campo e cidade representadas em obras literárias baianas; Propor uma inter/transdisciplinaridade ao projeto da Feira Literária do Colégio Estadual José Leitão; Motivar (des)leituras como possibilidades de novas aprendizagens geográficas aos educandos(as) do Colégio Estadual José Leitão. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será observado(a), entrevistado(a) responderá a um questionário, será fotografado(a) é possível que se sinta envergonhado(a), tímido(a), caso você queira poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir agregar conhecimentos, leituras de mundo, possibilitando formação crítica.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Maria Aparecida de Oliveira Gordiano.

Endereço: Rua Joana Angélica **Telefone:** (75)981259171, **E-mail:** cidinhagordiano@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador-BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250 e-mail: cepuneb@uneb.br

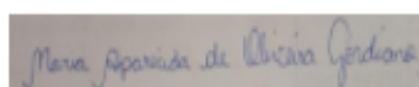
Eu _____ aceito participar da pesquisa O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz. Entendi os

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Retirolândia , 03 de Março de 2021

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador

ANEXO C: Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CONCEIÇÃO DO COITÉ – DEDC XIV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO E DIVERSIDADE -
PPED

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome _____ do _____ Participante:

Sexo: F () M (☒) Data de Nascimento: ____ / ____ / ____

Nome _____ do _____ responsável _____ legal:

Documento de Identidade nº: _____

Endereço:

Complemento: _____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (☒) _____ / (☐) _____ / _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz.
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Maria Aparecida de Oliveira Gordiano.
Cargo/Função: pesquisadora

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz, de responsabilidade da pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira Gordiano, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo Discutir

sobre o ensino da Geografia em diálogo com a Literatura Baiana numa perspectiva de (des)leituras e novas aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz-Ba. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios agregar conhecimentos, leituras de mundo, possibilitando formação crítica. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) será observado(a), entrevistado(a) responderá a um questionário, será fotografado(a) pela aluna Maria Aparecida de Oliveira Gordiano do curso de Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade- MPED. Devido a coleta de informações seu filho poderá sentir envergonhado(a), tímido(a). A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr. caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Maria Aparecida de Oliveira Gordiano.

Endereço: Rua Joana Angélica **Telefone:** (75)981259171, **E-mail:** cidinhagordiano@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250 e-mail: cepuneb@uneb.br

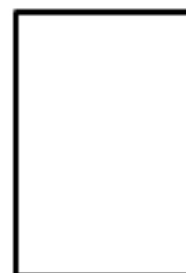
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP -End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Retirolândia, 20 de Março de 2021.

Assinatura do participante da pesquisa



Maria Aparecida de Oliveira Gomes

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Adriano de Jesus

Assinatura do professor responsável
(orientador)

ANEXO D: Termo de autorização institucional da proponente



Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo o (a) pesquisador (a) Maria Aparecida de Oliveira Gordiano a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem-estar dos participantes da pesquisa.

Conceição do Coite, 03 de Março de 2021

Rosane Meire Vieira de Jesus

Diretora do Departamento

Campus XIV/UNEB

Matricula 74.527.424-3

.....Portaria 220/2020 - D.O.E. de 17/06/2020

Assinatura e carimbo do

responsável institucional

ANEXO E: Termo de compromisso



Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: ~~(des)~~leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Retirolândia, 03 de março de 2021

A handwritten signature in blue ink, reading "Maria Aparecida de Oliveira Gordiano", is placed within a rectangular box.

Maria Aparecida de Oliveira Gordiano

ANEXO F: Termo de confidencialidade



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CONCEIÇÃO DE COITÉ - DEDC XIV
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - PPED

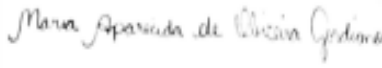
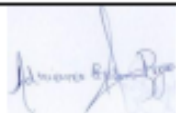


TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz-Ba, cujos dados serão coletados através de entrevistas, questionário, oficinas, feira, fotografia no Colégio Estadual José Leitão, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a Maria Aparecida de Oliveira Gordiano. Após este período, os dados serão destruídos.

Retirolândia, 03 de março de 2021.

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Maria Aparecida de Oliveira Gordiano.	
Prof. Dr. Adriano Eysen Rego	

ANEXO G: Termo de autorização da instituição participante



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a Maria Aparecida de Oliveira Gordiano a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Santaluz, 03 de março de 2021


 Ananias Francisco Cruz Filho
 Diretor escolar
 Ananias Francisco Cruz Filho
 Diretor DG - M2
 Cadastro 114828497
 Port. 438/2016 DO. 27/01/2016

ANEXO H: Termo de concessão



Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



TERMO DE CONCESSÃO

Autorizo o acesso aos documentos sob minha guarda para que sejam coletados os seguintes dados: Projeto Político Pedagógico que serão utilizados na execução do projeto intitulado O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz-Ba, sob a responsabilidade do pesquisador (a) Maria Aparecida de Oliveira Gordiano com a finalidade científica e sem comprometer de nenhuma forma a integridade e a identidade dos participantes da pesquisa, conforme regulamenta a Resolução CNS 466/12.

Declaro estar ciente dos objetivos e benefícios do estudo, assim como da justificativa para não aplicar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordo com a coleta dos dados nesta unidade, exclusivamente para uso nesta pesquisa.

Santaluz, 03 de Março de 2021.

Assinatura e carimbo do
 Funcionário que guarda a documentação

Anedy Carneiro do C. Belisário
 Vice-Diretora VG - N2
 Cadastro 113663761
 Port. 438/2016 DO. 27/01/2016

ANEXO I :Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa



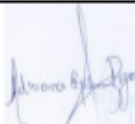
**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP**



DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado O ensino da Geografia potencializado pela Literatura Baiana: (des)leituras e aprendizagens sobre imagens de campo e cidade da Bahia no Colégio Estadual José Leitão, em Santaluz, vinculado à instituição Colégio Estadual José Leitão, que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Retirolândia, 03 de Março de 2021

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Adriano Eysen Rego	
Maria Aparecida de Oliveira Gordiano	